Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Quarta-feira, 17 de Julho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.494 • Diário • Ed. Porto • Assinatu 00 095 • **1,50€**

Estado da Nação

O *karma* do "empate técnico" marca o estado incerto da nação

Saúde, o maior problema para os portugueses, até na hora de pagar despesas

Avaliação ao Ministério Público e a Lucília Gago melhora face a Maio

Destaque, 2 a 4 e Editorial

Número de utentes sem médico de família sobe com atraso nos concursos

Em quatro meses, 75 mil pessoas juntaram-se à lista dos que não têm médico de família. Cenário pode piorar. Só esta semana as primeiras unidades locais de saúde publicaram a abertura de concursos **Sociedade, 12/13**

MIGUEL MANSO

Transportes

Mercado dos táxis perdeu quase seis mil motoristas em três anos

Economia, 24/25

Presidente

Marcelo ainda não deu aval a nenhum decreto da oposição

Até ao final da semana, o Presidente terá em cima da mesa sete diplomas da Assembleia. Decisão sobre o IRS na próxima semana **Política, 10**

EUA rumam às urnas

Eleição decidida? "Ainda estamos no minuto 22 deste jogo"

Scott Klug, antigo congressista republicano, diz que o desfecho eleitoral ainda não é certo **Pedro Guerreiro, em Milwaukee** **Mundo, 18/19**

Até 2025

Porto quer amarrar Avenida da Ponte ao projecto de Siza

Arquitecto tem um plano do ano 2000 para preencher vazio no centro da cidade. Vereador do Urbanismo quer actualizar projecto **Local, 16**

Direitos humanos

Polícia angolana tortura, executa sumariamente e está pior

Um relatório sobre violações de direitos humanos, apresentado hoje em Luanda, mostra um "agravamento da situação" **Mundo, 23**

PUBLICIDADE

idealista

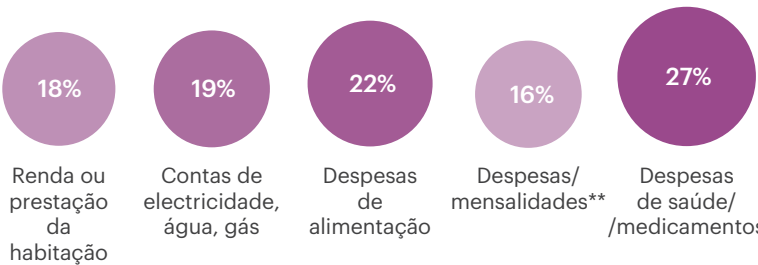
A app imobiliária líder em Portugal

ISNN-0872-1556

Estado da Nação

Qual é o principal problema do país neste momento?

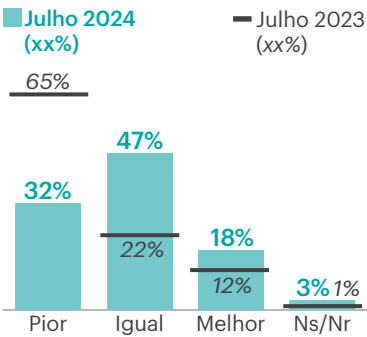
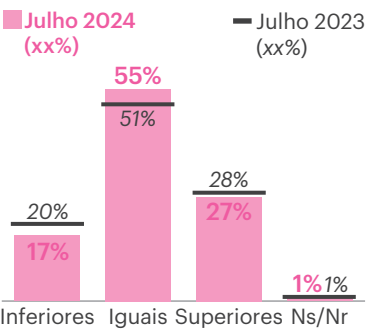
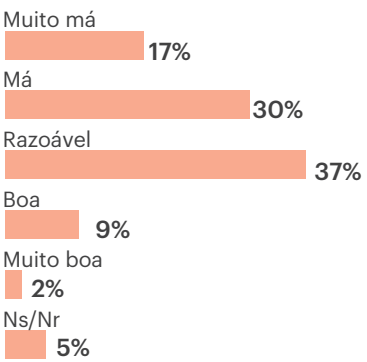
A resposta a esta pergunta era aberta, não havendo uma lista de respostas pré-definidas. Todas as respostas foram posteriormente agregadas em temas.
O gráfico apresenta um resumo dos temas referidos por pelo menos 2% dos inquiridos.

Nos últimos 12 meses, teve ou tem dificuldades em pagar no prazo previamente estabelecido alguma destas despesas?*

*percentagens de respostas "sim".
**com a escola, creches, ATL's, lares de idosos, etc.

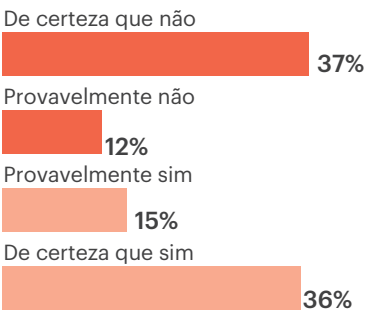
Percentagens calculadas com referência ao número de pessoas a quem cada situação se aplica. Por exemplo, se uma pessoa não paga renda nem prestação pela sua habitação, ela não é considerada nestas contas. É correcto ler-se que 18% dos inquiridos que pagam renda ou prestação tiveram dificuldades em fazê-lo dentro do prazo pelo menos uma vez nos últimos 12 meses.

FICHA TÉCNICA

Este inquérito foi realizado pelo CESOP – Universidade Católica Portuguesa para a RTP, Antena 1 e Público entre os dias 8 e 13 de Julho de 2024. O universo alvo é composto pelos eleitores residentes em Portugal. Os inquiridos foram seleccionados aleatoriamente a partir duma lista de números de telemóvel, também ela gerada de forma aleatória. Todas as entrevistas foram efectuadas por telefone (CATI). Os inquiridos foram informados do objectivo do estudo e demonstraram vontade de participar. Foram obtidos 957 inquéritos válidos, sendo 48% dos inquiridos mulheres. Distribuição geográfica: 30% da região Norte, 20% do Centro, 36% da A.M. de Lisboa, 5% do Alentejo, 4% do Algarve, 2% da Madeira e 3% dos Açores. Todos os resultados obtidos foram depois ponderados de acordo com a distribuição da população por sexo, escalões etários, região e comportamento de voto com base nos dados do recenseamento eleitoral e das últimas eleições legislativas. A taxa de resposta foi de 21%*. A margem de erro máximo associado a uma amostra aleatória de 957 inquiridos é de 3,2%, com um nível de confiança de 95%

O país está pior, igual ou melhor do que há um ano?

Os rendimentos do seu agregado familiar são agora inferiores, iguais ou superiores ao que eram há um ano?

Como avalia a actuação do Ministério Público e da Procuradoria-Geral da República nos últimos tempos?

Este ano pensa fazer férias fora da sua residência habitual?

Fonte: Cesop

PÚBLICO

27% dos inquiridos dizem ter dificuldade em pagar medicamentos e outras despesas de saúde

Saúde é o maior problema, até na hora de pagar despesas

Portugueses mais preocupados com a saúde e credibilidade dos políticos e menos com a governação e corrupção. Imigração entrou na lista de problemas

MANUEL ROBERTO

Ana Bacelar Begonha

A saúde é o principal problema do país para os portugueses, que sentem hoje mais dificuldades a pagar despesas nesta área do que tinham no ano passado. Já a preocupação com a governação (a principal questão apontada em 2023) caiu para um discreto sétimo lugar, ao passo que a imigração entrou na lista de problemas apontados. Conclusões de uma sondagem do Cesop – Centro de Estudos e Sondagens de Opinião da Universidade Católica para a RTP, a Antena 1 e o PÚBLICO, numa altura em que o Parlamento se prepara para debater o estado da nação.

De acordo com os resultados do inquérito, realizado entre 8 e 13 de Julho, 18% dos portugueses indicam que o grande problema do país neste momento é a saúde, seguida dos baixos salários/rendimentos/custo de vida elevado/inflação (14%). Logo abaixo, os inquiridos – que responderam à questão de forma aberta, sem uma lista de respostas predefinidas – elegem a corrupção e a credibilidade/capacidade dos políticos como a sua maior preocupação (7%).

A habitação surge em quinto lugar, com 6%, a par com a imigração, uma novidade na lista de preocupações dos portugueses. A seguir, a contrastar com o inquérito do ano passado, surge então a governação/Governo/rumo/organização do país, agora o maior problema apenas para 5% da população, quando, no estudo de Julho de 2023, esta era a principal preocupação escolhida por 16% dos portugueses.

Em contraste, a saúde estava em quarto lugar há um ano (com 8%), tal como a credibilidade/capacidade dos políticos se encontrava apenas com 3% na lista de preocupações, menos de metade do valor actual. Parece existir, portanto, uma visão menos negativa sobre a governação e a corrupção face ao ano anterior, ao passo que a preocupação com a saúde e a prestação dos políticos sobe para mais do dobro e a avaliação sobre o custo de vida – agora agrupado com os baixos salários – se mantém.

Ouvido pelo PÚBLICO, o director técnico do Cesop, João António, explica que, em 2023, houve uma série de "casos e casinhos à volta de um Governo de maioria absoluta do PS que toda a gente esperava que funcionasse melhor e, afinal, não estava a funcionar melhor do que governos de maioria relativa anteriores". Agora, com um novo Governo, deu-se um "regresso à normalidade quanto à preocupação com a saúde", que, indica, "é uma questão crónica" para os portugueses. "Sempre foi um problema apontado, o que é normal para uma sociedade bastante envelhecida", vinca. Já a atenção dada agora à imigração pode explicar-se com as "alterações demográficas no país", uma vez que "há mais imigrantes hoje".

Da lista de problemas deste ano constam ainda a economia (4%), a instabilidade/falta de consenso/acordos (3%), os impostos (3%), a justiça (2%), a educação (2%) e o desemprego/falta de trabalho (2%). Também o desemprego e a instabilidade são novidades face às preocupações de 2023, o que o investigador João António explica com o facto de as pessoas sentirem que "é preciso entendimento", tendo em conta que a AD não tem maioria absoluta.

18%

Percentagem de portugueses que consideram que a saúde é o maior problema do país, um aumento de seis pontos percentuais face a 2023

Portugal está "igual"

Quanto ao estado do país, quase metade dos portugueses (47%) acredita que Portugal está igual há um ano, enquanto 32% dizem que está pior e apenas 18% indicam estar melhor. É uma melhoria considerável face às sondagens de 2023 e de 2022, em que 65% e 63% dos inquiridos, respectivamente, declaravam que o país estava pior. São também mais as pessoas que assinalam que Portugal está melhor agora, visto que, nos anos anteriores, esta percentagem não passava dos 11% ou 12%. Subiram ainda para cerca do dobro aqueles que afirmam que o país está igual: na última sondagem ficavam pelos 22% e há dois anos pelos 24%.

Despesas com saúde pesam

Um factor que pode ajudar a explicar a crescente preocupação com a saúde é o aumento para 27% das pessoas que tiveram dificuldades em pagar as despesas com a saúde e os medicamentos nos últimos 12 meses. Em 2023, a percentagem situava-se nos 24%. Já as despesas com a renda ou a prestação da habitação desceram (de 23% para 18%), assim como as contas de electricidade, água e gás (de 20% para 19%) e as despesas de alimentação (de 26% para 22%). A dificuldade de cobrir as despesas com a escola, creches, actividades de tempos livres ou os lares de idosos mantém-se nos 16%.

Curiosamente, os números não divergem muito de uma sondagem do tempo da *troika*, de Fevereiro de 2012, em que 23% tinham dificuldades em pagar a habitação, 26% as contas da casa, 22% a alimentação e 14% as despesas escolares ou dos lares. "As pessoas sentem dificuldades financeiras como sentiam nesse período, que era de grande dificuldade económica. Este não é, temos uma situação de pleno emprego, em que somos procurados por imigrantes, quando, em 2012, era ao contrário. Mas, ainda assim, as dificuldades financeiras são semelhantes, como se houvesse um desajuste entre os números económicos de um país a crescer e a melhorar e o que as pessoas estão a sentir", descreve o investigador do Cesop.

No que diz respeito às condições de vida dos portugueses, a sondagem mostra também que 17% dos inquiridos têm agora rendimentos inferiores aos que tinham há um ano – um número que desceu face aos 20% de 2023. Já 55% dizem estar numa situação igual (o que compara com os 51% de há um ano) e 27% têm rendimentos superiores (uma descida de um ponto percentual). São aqueles que têm rendimentos mais baixos (inferiores a mil euros) que mais se queixam de terem perdido rendimentos (30%). Inversamente, apenas 7% das pessoas que têm rendimentos mais altos (superiores a 2500 euros) dizem ter sofrido uma diminuição no rendimento face há um ano.

A maioria dos portugueses planeia, ainda assim, ir de férias: 51% respondem que pensam fazer férias fora da sua residência habitual, dos quais 36% "de certeza que sim" e 15% "provavelmente sim". Mas 49% não devem sair de casa, com 37% a responderem "de certeza que não" e 12% "provavelmente não". Os números não se alteraram significativamente em relação a 2023, quando 52% planeavam ir de férias e 48% não. Entre as pessoas que costumam ir de férias, 57% vão "de certeza", 21% vão com probabilidade, 9% provavelmente não vão e 13% não vão certamente.

Justiça

Avaliação sobre actuação do Ministério Público e de Lucília Gago melhora

Maria Lopes

A avaliação que os portugueses fazem da actuação do Ministério Público (MP) e da procuradora-geral da República nos últimos tempos melhorou em relação a Maio deste ano, mas as opiniões sobre se essa prestação foi positiva ou negativa estão muito equilibradas. Tão equilibradas que a diferença é de apenas um ponto percentual, com vantagem para quem faz uma avaliação positiva (48%) da prestação da cúpula do MP.

O trabalho de campo da sondagem do Cesop para o PÚBLICO, RTP e Antena 1 foi feito no dia e nos seguintes (entre 8 e 13 de Julho) à entrevista que Lucília Gago deu à RTP e na qual disse que António Costa é agora apenas testemunha, deixou críticas a Marcelo, sobre o caso das gémeas, e à nova ministra da Justiça e ainda afirmou que existe uma "campanha orquestrada" contra esta magistratura. Estas posições e algumas explicações da procuradora-geral poderão ter ajudado a melhorar a percepção pública do trabalho do MP e da sua própria actuação neste último ano em relação, por exemplo, à *Operação Influencer*, que levou ao pedido de demissão de António Costa.

Aos 37% dos inquiridos que consideram que a actuação do MP e da procuradora nos últimos tempos foi "razoável" juntam-se 9% que dizem que foi "boa" e 2% que responderam que foi "muito boa"– o que resulta numa avaliação positiva de 48% dos eleitores. Em Maio, a soma das opiniões positivas chegava apenas aos 42%: era razoável para 35%, boa para 6% e apenas 1% diziam que era uma actuação muito boa.

Do outro lado, para os críticos, 17% fazem uma avaliação "muito má" e 30% consideram que a actuação foi "má", ou seja, a tendência negativa é de 47%. Em Maio, essas percentagens tinham sido, respectivamente, de 22% e 34%. A importância desta diferença mínima dilui-se quando se tem em conta que a margem de erro máximo da sondagem é de 3,2%.

Lucília Gago, procuradora-geral da República

Eleitores PS muito críticos

Comparar os resultados das duas sondagens permite também perceber qual o eleitorado que mais mudou de opinião sobre Lucília Gago e o MP e terá contribuído para o aumento da avaliação positiva: o da AD e, sobretudo, o do Chega. Dos inquiridos que dizem ter votado na AD (a coligação PSD-CDS-PPM), 42% fazem uma avaliação muito má ou má, igual percentagem respondeu "razoável", e 14% dão nota "boa" ou "muito boa". Comparando com Maio, houve uma ligeira descida na apreciação má e razoável e uma duplicação de quem faz a avaliação muito positiva (era de apenas 7%).

No caso dos eleitores do Chega, estes mostram-se muito mais satisfeitos com o MP e a procuradora-geral. Os que respondem que é uma actuação boa ou muito boa passaram dos 9% para 25%, enquanto os que dizem que é muito má reduziram-se de 49% para 32%. No último mês, desde que o presidente da Assembleia da República defendeu que Lucília Gago devia dar explicações no Parlamento, foi o Chega que mais se colocou ao lado da procuradora-geral no sentido de defender que não deve falar sobre casos que têm gerado polémica, apesar de ser também o partido de André Ventura que habitualmente faz a pior avaliação sobre o estado da justiça.

Já os socialistas não mudaram comparativamente com a sondagem de Maio e continuam a ser quem dá a pior classificação ao MP e a Lucília Gago: uma larga maioria de dois terços (63%) dos inquiridos que dizem votar PS avalia como "muito má" ou "má" e apenas 4% têm a opinião oposta. A avaliação dos eleitores do PS é muito idêntica à da sondagem anterior, quando António Costa ainda não tinha sido ouvido no âmbito da *Operação Influencer*.

RUI GAUDÊNCIO

Com a discussão do Orçamento do Estado já em cima da mesa, Luís Montenegro enfrenta hoje o seu primeiro debate do estado da nação

Debate na Assembleia da República

O *karma* do "empate técnico" marca o estado incerto da nação

Ana Sá Lopes

Ninguém sabe qual a melhor forma de agir para conseguir o objectivo de evitar uma crise política

Mergulhar no estado da nação política nunca foi tão complexo. O caminho para a aprovação do Orçamento do Estado para 2025 (ninguém pensa noutra coisa, já que o Governo não tem maioria parlamentar) é rochoso, imprevisível e dado a redemoinhos que podem ser fatais. Ninguém sabe exactamente onde é mais seguro nadar.

Os protagonistas da nação política vigiam-se com a minúcia dos experientes jogadores de xadrez. Uma certeza: nenhum partido quer eleições já, até porque sabem que não só os portugueses não querem como também que o empate técnico persiste.

As eleições europeias já tinham sido sintoma da persistência do mano-a-mano entre PS e PSD. Nas legislativas, foi a coligação PSD-CDS a ficar à frente. Nas europeias, foi o PS. Como a recente sondagem da Católica para o PÚBLICO e RTP sugere, nada terá mudado muito.

Outra certeza: ninguém sabe qual é a melhor forma de actuar para conseguir o objectivo de evitar uma crise política ou, pelo menos, não vir a ser acusado pela opinião pública de ser o culpado de uma eventual crise.

Os últimos dois dias deram-nos pistas para o que vem aí. Na segunda-feira, o PS reuniu a comissão política para o secretário-geral pedir um "mandato" para negociar o Orçamento com o Governo "sem linhas vermelhas". Em termos de coreografia política, o "mandato" da Comissão Política não serve mais do que um simbolismo de que o PS precisava neste momento, para não ser acusado de rejeitar à partida o Orçamento do Governo, a posição inicial da direcção de Pedro Nuno Santos, logo desde a campanha interna para a eleição do secretário-geral.

A partir da noite de segunda-feira já ninguém pode acusar o PS de não estar disponível para negociações do Orçamento. O ministro da Defesa pareceu desconfiar da jogada de xadrez do PS, que, num passe muito interessante, colocou a responsabilidade pelas negociações no Governo, onde não tem efectivamente estado. Já depois da reunião do PS, o líder do CDS – o primeiro membro do Governo a reagir – disse que o "diálogo" sobre o Orçamento "deve ser genuíno, sem truques partidários", de forma a "alcançar um resultado favorável" que seja o garante da "estabilidade política".

Ontem veio a resposta oficial do Governo: Luís Montenegro convocou todos os partidos para discutir o Orçamento do Estado na sexta-feira. Duas mensagens interessantes: o debate do estado da nação ficará indelevelmente marcado por este assunto. A segunda mensagem é que o Governo, para já, não vai privilegiar o PS como parceiro, ao contrário do que, há uns tempos, sugeria o líder parlamentar do PSD, Hugo Soares.

O estado da nação é, efectivamente, incerto: existe um governo jovem, de direita tradicional, que conseguiu, depois de um primeiro mês caótico, atingir aquele patamar político que qualquer novo governo anseia – o estado de graça.

> **Talvez haja mais vida além do Orçamento, como, há muitos anos, disse Jorge Sampaio. No caso, significa governar por duodécimos, coisa que Cavaco Silva já veio desdramatizar**

Há um secretário-geral do PS recém-chegado ao pior lugar que se pode ocupar no país (Montenegro, que também lá esteve, sabe disso e age em conformidade) e que ainda está a adaptar-se ao cargo e já sob críticas internas.

A esquerda à esquerda do PS está enfraquecida, por várias razões, a que pode não ser alheia a eucaliptilização nas áreas do PCP e BE na sequência da "geringonça". Eventualmente, os resultados práticos da aliança 2015-2020 podem explicar a determinação de Paulo Raimundo, o secretário-geral do PCP, de recusar coligações pré-eleitorais em Lisboa com o PS.

Não só: ao contrário dos outros partidos, o secretário-geral do PCP veio reclamar por novas eleições em caso de chumbo do Orçamento. Um momento de atracção pelo abismo do PCP em evidente queda eleitoral? Ou simplesmente o clássico grito de resistência "antes mortos que escravos"?

Mas são 50 deputados de direita populista radical, com quem o Governo AD disse que não quer negociar preferencialmente, que vieram alterar o estado da nação. O Chega vai acusando o Governo de estar "em conluio" com o PS, enquanto o Governo acusa o PS de estar "em conluio" com o Chega. Nunca na vida política a expressão "conluio" foi tão popular. Também ela – a palavra "conluio" – se inclui na estratégia do jogo de xadrez em que se vai desenrolar este Orçamento do Estado.

O Chega teve um mau resultado nas eleições europeias e só com uma tentação suicida aceitaria provocar eleições antecipadas e derrubar um governo de direita. Se houvesse no horizonte de Ventura a perspectiva de que o seu partido se viesse a substituir ao PSD, esse cenário seria possível. Agora, não. Mais: o risco de o Chega vir a ser castigado em eventuais eleições antecipadas por ter derrubado um governo de direita é grande. Dos 50 deputados, poucos devem ter vontade de se arriscar a perder o lugar. E se o Chega obtiver – ou fingir que obtém – alguns ganhos de causa, como disse quando o Governo apresentou o pacote anticorrupção, ainda pode votar a favor, libertando o PS para votar contra.

E depois talvez haja mais vida além do Orçamento, como, há muitos anos, disse Jorge Sampaio. No caso, significa governar por duodécimos, coisa que Cavaco Silva já veio desdramatizar, uma vez que em Espanha isso já aconteceu "e não morreu ninguém". As mensagens de Marcelo (que se tem esforçado para que haja um acordo PS-AD) também não indicam que ao chumbo do Orçamento se sigam obrigatoriamente eleições antecipadas. O ministro das Finanças, à saída da reunião do Eurogrupo, quando foi interrogado directamente sobre este cenário de duodécimos, não o recusou liminarmente. "Tudo se deve fazer para que o Orçamento do Estado passe", disse.

A nação discute hoje na Assembleia da República o seu "estado" incerto. Não é nada líquido que, quando chegarmos a Outubro, a incerteza tenha sido removida.

HONOR 90 Smart 5G 128GB

€ 199,99
~~€249,99~~
DESCONTO €50

50GB INTERNET

Aproveita um oceano de oportunidades

humaniza-te

lojas meo
800 200 400
meo.pt

Promoção válida até 31.08.2024 e limitada ao stock existente. Saiba mais numa loja meo ou em meo.pt

Espaço público

Nem melhor, nem pior. Excepto na Saúde

Editorial

Andreia Sanches

O que mudou foi o figurino da lista de preocupações. A Saúde é hoje declarada, pelos inquiridos, como o problema n.º 1 do país

Nem melhor, nem pior. Se tivermos em conta que houve uma mudança de governo, pode parecer algo frustrante. Se olharmos para o contexto internacional, nem tanto. Com duas guerras a eternizarem-se; um enorme ponto de interrogação sobre o que vem dos Estados Unidos a partir de Novembro; e a resistência das pressões inflacionistas, uma nova sondagem da Universidade Católica diz-nos que quase metade das pessoas que vivem em Portugal acha que o país está igual ao que era há um ano.

Para 47% dos inquiridos a "situação geral do país" em Julho de 2024 é igual à de Julho 2023. O número dos que entendem que estamos pior diminuiu muito. E são mais os que declaram que estamos melhor. Em suma, o sentimento que transparecia da sondagem de há um ano, com dois terços a dizerem que a situação se havia degradado, foi ultrapassado. Hoje ganha o "estamos na mesma".

O Governo vive uma espécie de estado de graça – o seu desempenho, como revelámos na segunda-feira, só é chumbado verdadeiramente por 20% da população. As dificuldades económicas não se agravaram – para a maioria da população os rendimentos mantiveram-se e para 27% aumentaram. E, em geral, as pessoas que pagam casa, luz, água e gás afirmam que não têm hoje mais problemas em fazê-lo, pelo contrário, houve uma redução ligeira dos que lutam para pagar a tempo e horas.

O que mudou mesmo foi o figurino da lista de preocupações. A Saúde é hoje declarada, pelos inquiridos, como o problema n.º 1 do país. E não é de estranhar.

Na semana passada ficámos a saber que 30% dos idosos estão sujeitos a "despesas catastróficas" para se tratarem. E o número de pessoas sem médico de família não pára de aumentar. Nesta edição há alertas de que pode piorar: os concursos para a contratação dos recém-especialistas estão muito atrasados. O Governo decidiu mudar as regras e deixar nas mãos das unidades locais de saúde a contratação dos jovens especialistas, em vez de os concursos serem de âmbito nacional – o que está a pôr vários tipos de problemas. No ano passado, em início de Junho, os médicos já estavam todos colocados. Este ano, só agora começaram a ser publicados os concursos.

A ideia do "nem melhor nem pior do que há um ano" morre quando chegamos ao tema da Saúde. Há muito mais pessoas do que em 2023 para as quais este é o maior problema do país – o que coloca uma enorme pressão no Governo. Tem de garantir que a população começa a sentir realmente os efeitos das medidas prometidas. Pela saúde das pessoas... e do estado de graça do executivo.

CARTAS AO DIRECTOR

Onde está a lógica?

Trata-se de um caso real. Uma professora, já na casa dos 40, engravidou. Como é sabido, o risco é relativamente elevado e, por isso, entrou de baixa. Ao fim de um mês, entrou uma professora a substituí-la. Esteve sete meses ao serviço, tendo sido relativamente pequena a perturbação para aquela turma do 3.º ano. Bem integrada na equipa, realizou um trabalho de agrado de toda a comunidade escolar. Como está ao serviço até ao fim do mês, tem estado a preparar o próximo ano lectivo. Em Setembro, o lugar já não será seu, pois acaba a substituição por baixa médica e passa a ser de licença de parto, logo uma situação nova (!?). Terá de haver concurso para a nova situação de substituição. Moral da história, aquela turma vai ter mais uma nova professora, o que não se pode considerar que, em termos pedagógicos, seja o melhor dos mundos para estes miúdos. A tão proclamada autonomia das escolas não permite que a direcção do agrupamento mantenha a mesma professora ao serviço naquela turma. O próprio ministério não decide com receio dos sindicatos, pois em tudo se considera que funciona a lei da cunha. Venham cá dizer que a grande preocupação é sempre com os alunos.

António Barbosa,
Porto

"Por centos"

O meu desabafo de hoje é sobre os "por centos" com que os políticos se entretêm, atirando farpas uns aos outros, a analisar as respostas de 957 portugueses. A mim, o que me interessa mesmo é saber, com os meus 83 anos, quando eu for velho e sozinho, quem é que me acode.

Sou um "antigo combatente" e, por isso, fui premiado com quatro anos de vida militar. Agora, por isso, beneficio de um passe gratuito na área da minha residência e 150 euros por ano, em Outubro, aquilo a que eu chamo "a pensão das vindimas".

Durante 42 anos descontei tudo o que tinha de descontar do meu salário e julgo que não devo nada à Pátria. Agora, depois de reformado, continuo a pagar o Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, para poder tirar partido de imensas coisas a que não tenho acesso.

Por acaso até não me conformo. Será que os "por centos" me podem dar algum jeito?

José Rebelo,
Caparica

Sobre o clima na AR

Ainda sobre o clima intenso e nefasto que se vive recentemente na AR, a leitura que me ocorre aqui fazer é apenas uma: a esquerda consegue perceber o quão errado é permitir *bullying*, insultos, tentativas de intimidação, enquanto os deputados de direita consideram que, e citando João Almeida, "não houve uma mudança do ambiente parlamentar". O que faz realmente com que haja uma postura tão diferente dos deputados consoante a sua matriz ideológica? Insultar alguém mediante o seu aspecto físico, género e cor de pele é aceitável? Podemos banalizar isto? A IL e o PSD querem mesmo fazer parte desta página da história em que fingem que não ouvem? Não denunciar equivale a ficar do lado do Chega, cujo único objectivo é instrumentalizar isso a seu favor nas redes sociais. Depois admiram-se de que a empatia e a esquerda andem sempre de mãos dadas

Ana Lopes,
Braga

Um tiro eleitoral

A política internacional está a atingir uma situação de beco sem saída. Às vezes interrogo-me se, com a percepção nítida de que a extrema-direita ameaça o caos no mundo, a opinião pública, falada e escrita, não estará apressada em provar os seus efeitos!... Isso percebe-se a cada momento em que as diversas tendências se digladiam. Por um lado, sente-se o medo pelos perigos que o extremismo gera nos direitos, liberdades e garantias de cada um. Por outro, nota-se uma atracção fatal pelo populismo nefasto que tende a provocar. É a atracção pelo irremediável abismo... Mais recentemente, sentimo-lo por ocasião das eleições em França, em que a extrema-direita esteve quase a ser poder. Sentimo-lo agora nos EUA, onde um lamentável atentado contra Trump é lido como podendo acelerar ganhos de vitória face ao outro candidato, que nada teve que ver com o que se passou. E, no entanto, poucas dúvidas existem quanto às consequências nefastas que advirão para o mundo e para a democracia internacional, se a eleição de Trump vier a ocorrer. À margem de tudo isso, ainda é defendida por muitos a percepção de que o terrível atentado acabou por funcionar como um tiro eleitoral, do qual a verdadeira vítima acabe, afinal, por ser Joe Biden.

Eduardo Fidalgo,
Linda-a-Velhaa

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Mulher: a mais nua das carnes vivas e aquela cujo brilho é o mais suave
Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944), escritor francês

O NÚMERO

1644

euros por metro quadrado foi o preço mediano da habitação em Portugal no primeiro trimestre do ano, um aumento de 5% face ao período homólogo de 2023

Manda-me um postal

Ainda ontem

Miguel Esteves Cardoso

Recebo um postal hilariante. Não estava à espera. É do filho de um amigo meu. Tira partido da surpresa de receber um postal nos dias que correm. Joga com isso.

Joga com a mecânica do postal: primeiro, olhamos para a imagem. E, depois, viramos para ler o que está escrito. Há quem faça ao contrário.

Esse virar para ver o outro lado tem a força de uma revelação. No caso do meu postal, é uma piada, uma *punch-line* em que a imagem era o *set-up*.

Foi ele quem fez o postal, usando uma impressora barata. Foi assim que me enganou. O mais convincente são as marcas do correio, o cumprimento do carteiro, a suspeita de que ele deu uma vista de olhos.

No caso de um envelope, a revelação é mais sensacional: o que estará lá dentro?

Examina-se o envelope antes ou depois?

Os correios perdem dinheiro com os postais e com as cartas.

Por isso é que não há mil companhias a competir para recolher e enviar cartas: só os embrulhos é que dão lucro.

Qualquer dia, acontece às cartas o que aconteceu aos telegramas: primeiro, ficam caríssimas e, depois, desaparecem.

A prestidigitação do mercantilismo é sempre eficaz: o ficar caríssimo é o passo que prepara o desaparecimento. É que parece mal desaparecer de repente.

Não compreendo porque é que não tiramos partido das cartas, nem que fosse só para fins românticos.

Não compreendo porque é que não escrevemos à mão, mostrando a nossa individualidade. Para mais, todas as letras vão melhorando com a prática, recompensando quem se aventura.

A letra da pessoa amada, da pessoa amiga, não faz bater mais o coração? E o cheiro do papel? E o traço da tinta? E o cuspo atrás do selo? E a maneira de dobrar a folha?

Todas estas coisas físicas – e duráveis, e fáceis de guardar, de uma forma aprazível – ampliam o eco da nossa individualidade, da nossa alma, do nosso corpo perdido neste mundo anónimo e massificado.

Quando bater a saudade, quem é que vai buscar os chouriços do WhatsApp ou do *email*, se tiver uma carta ou um postal?

ZOOM KITENGELA, QUÉNIA

MONICAH MWANGI/REUTERS

Motins violentos em Kitengela, no Quénia, uma cidade a cerca de 30km da capital, Nairobi, durante uma manifestação antigovernamental contra o aumento de impostos no país

P

publico.pt

Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Junho **18.738 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

O atentado contra Trump e a morte da verdade

Rita Figueiras

Vários canais de televisão norte-americanos transmitiam em direto o último comício de Donald Trump antes da convenção nacional do Partido Republicano, quando os tiros contra o ex-Presidente foram disparados. Inevitavelmente, os mais variados canais de informação pelo mundo fora suspenderam as suas emissões para se dedicarem a este momento crítico da democracia norte-americana – e do mundo. E todos seguiram a mesma estratégia: enquanto jornalistas, especialistas e comentadores debatiam a ocorrência, os canais mostravam, em *loop*, o atentado. Deste modo, assim que a sequência terminava com Trump a abandonar o recinto numa carrinha, via-se outra vez o candidato no pódio tranquilamente a discursar. Tal repetição sem fim produziu uma metáfora visual profundamente irónica da política norte-americana desde que *The Donald* decidiu candidatar-se à Presidência dos Estados Unidos, em 2016: Trump continuamente encurralado, enquanto habilmente se salva e tudo transforma em imagens poderosas, em *image-bites*.

O atentado reúne as características certas para produzir especulações infindáveis e para ser estraçalhado pela máquina trituradora de factos que é o ecossistema comunicacional contemporâneo. Segundos depois de ter ocorrido, começaram a circular na Internet teorias da conspiração para todos os gostos. Ao mesmo tempo que as mais variadas explicações inundavam as redes sociais e contaminavam a cobertura jornalística, no fluxo da torrente digital germinavam teses negacionistas – a ocorrência era falsa e os recortes dos disparos que circulavam *online* tinham sido gerados por inteligência artificial. O ataque rapidamente se transformou em mais um argumento para alimentar sentimentos pró- e anti-Trump: em vídeos, *lives* e *memes*, os factos em torno do tiroteio foram objeto de níveis de distorção que o colocaram em territórios da desinformação.

O atentado é um claro exemplo da crescente violência na política norte-americana, mas as discussões incessantes sobre o que aconteceu dão conta de uma outra crise profunda em curso no país e nas demais sociedades ocidentais: uma crise epistémica na democracia.

O ambiente digital é avesso à disciplina da verificação, e a destruição da noção de que existem factos é mais uma prova de que tudo se tornou uma questão de opinião. As alegações falsas e conspirativas, que fluem livremente pelas redes sociais e contaminam o trabalho jornalístico, contribuem para pôr tudo em causa. Este ambiente é, igualmente, promovido por figuras institucionais da política americana que emitem, espalham e alimentam perspetivas enganosas do sucedido. E nas próximas semanas vamos continuar a assistir a uma escalada incessante da guerra de significados sobre o que aconteceu, movida por ódio, ressentimento e intransigência. Neste contexto, a possibilidade de estabilizar um entendimento comum em relação ao ataque parece impossível.

Vamos continuar a assistir a uma escalada da guerra de significados sobre o que aconteceu, movida por ódio, ressentimento e intransigência

A tentativa de assassínio, provavelmente, não vai fazer ninguém mudar a sua perspetiva sobre as eleições, mas pode ter o efeito poderoso de cristalizar convicções, contribuindo para a calcificação profunda da sociedade norte-americana. Com o país num impasse e estilhaçado, resta saber quão esgaçado estará o tecido social quando for às urnas, e em que estado estará a confiança no sistema eleitoral depois de contados os votos. Se é cada vez mais difícil tentar viver num mundo baseado em factos e fontes credíveis, uma das verdadeiras tragédias contemporâneas é que as notícias sobre a morte da verdade não são manifestamente exageradas.

Professora da Universidade Católica Portuguesa

Santo Tirso: quatro anos depois, uma tragédia que podia acontecer hoje

Inês de Sousa Real

Assinalam-se hoje os quatro anos passados sobre o incêndio da serra da Agrela, em Santo Tirso, que tirou a vida a mais de 70 animais que estavam alojados em dois abrigos ilegais. Quatro anos volvidos e ainda não foi feita justiça por estes animais. Quatro anos depois, o silêncio da inação ecoa alto e, a cada dia que passa, é um testemunho da nossa indiferença e daquilo em que falhámos.

Fazendo uma retrospetiva desta tragédia, ao perguntarmos se se poderia repetir hoje, não hesito em responder: sim, Santo Tirso podia voltar a acontecer hoje. Teria resultados diferentes? Provavelmente não.

Desde logo pela não aplicação da lei: apesar do pedido de arquivamento por parte do Ministério Público, o processo-crime sobre a morte destes animais ainda corre apenas por insistência do PAN e das associações que requereram a reabertura da instrução. É um sinal claro de impunidade para quem comete crimes contra animais.

Esta tragédia não teria consequências diferentes hoje também porque não houve progressos no socorro e resgate animal e porque não se executaram medidas que o PAN já fez aprovar na Assembleia da República. Ainda estão por concretizar a atualização dos diferentes planos de emergência de proteção civil, a criação de hospitais de médico-veterinários de campanha e a criação de meios de socorro animal em situação de emergência.

Não teria ainda consequências diferentes pelo retrocesso que vimos acontecer pela mão do atual Governo, que retirou a tutela do bem-estar animal ao Ministério do Ambiente para a voltar a entregar ao Ministério da Agricultura, que nada fez relativamente a este caso.

Santo Tirso poderia acontecer hoje e de certa forma acontece. Por todo o país continuam a repetir-se casos de maus tratos a animais. O mais recente – que o PAN já tinha denunciado às entidades competentes – na Associação Absol, em Loulé, onde, também, existem animais alojados em terríveis condições de habitabilidade e de saúde.

Há muito por fazer para que estes casos não se repitam. Por isso, o PAN propõe a criação de equipas de socorro e resgate animal integradas nos corpos de bombeiros de todo o território nacional e dotadas de hospitais médico-veterinários de campanha. Propõe também a criação de um Plano de Emergência e Resgate Animal – integrado nos planos de proteção civil –, a obrigatoriedade de planos de emergência interna e de evacuação para todos os espaços que alojem animais, e a garantia de que existem os meios necessários para enfrentar eventos extremos e catástrofes naturais cada vez mais frequentes no nosso país.

Por outro lado, o direito de propriedade não pode continuar a prevalecer perante a vida, incluindo a vida animal. Em Santo Tirso, ainda que se testemunhasse a angústia e o sofrimento dos animais, não foi possível socorrê-los por um conflito de direitos onde a propriedade se sobrepôs à vida. É urgente mudar a lei e garantir que, em caso de perigo de vida, a pessoa que impeça o acesso a uma propriedade para resgate de animais seja responsabilizada por omissão de auxílio. E se isso resultar em ferimentos ou na morte dos animais, deve ser suscetível de configurar o crime de maus tratos a animais.

O silêncio da inação ecoa alto e, a cada dia que passa, é um testemunho da nossa indiferença e daquilo em que falhámos

A tragédia de Santo Tirso simboliza os incêndios que assolam o país todos os verões, os animais deixados para trás, incluindo aqueles sem qualquer hipótese de fugir por se encontrarem acorrentados. Um pouco por todo o mundo temos exemplos de animais que resgatam pessoas, arriscando a sua própria vida. Precisamos de lhes retribuir a coragem com políticas eficazes de proteção e resgate animal.

O PAN, o único partido que defende verdadeiramente a causa animal, não esquece as vidas inocentes que se perderam, nem aceita que a falta de ação e a complacência se tornem regra. No PAN, continuaremos a lutar para garantir que nunca mais se volte a assistir, do lado de fora e de mãos atadas, a uma tragédia como a de Santo Tirso.

Deputada e porta-voz do PAN

A América *hillbilly* à procura da redenção

Maria João Marques

É difícil conciliar J.D. Vance autor e J.D. Vance político, um dos mais vocais e radicais trumpistas do Partido Republicano

Conheci J.D. Vance da mesma maneira que tantos milhões: depois do choque e pavor (mas não surpresa) da vitória de Trump em 2016, fui ler sobre a América que votara no intragável candidato. E assim cheguei a *Hillbilly Elegy*, do agora candidato a vice-presidente.

É difícil conciliar J.D. Vance autor e J.D. Vance político, um dos mais vocais e radicais trumpistas do Partido Republicano. Ou, calhando, não. Quando J.D. Vance foi exibir-se para o Twitter, qual leal patriota, em posição de disparar contra o balão chinês, alegadamente meteorológico, que atravessava os céus dos Estados Unidos, não foi a idiotice de disparar contra um balão inacessível a espingardas que saltou no meu cérebro, mas a semelhança com a sua avó, muito jovem, disparando contra o larápio que roubava gado da família. A avó de Vance (e mais visceral referência) vinha de uma família que preferia disparar contra alguém que discutir com esse alguém. Quem sai aos seus...

J.D. Vance do presente mostra todo o fervor e fanatismo dos recém-convertidos (ao trumpismo), negando as ideias e personalidade anteriores. Ou, em alternativa, é o supremo oportunista percebendo que a política republicana implicava a submissão e graxa a Trump e concluiu que ser senador justificava embarcar nas teorias lunáticas sobre o roubo da eleição de 2020, perseguições políticas a Trump disfarçadas de questões judiciais, e o que mais Trump inventar. Em boa verdade, não será o primeiro político (nem o milésimo, de todos os lados ideológicos) a inverter posições para agradar aos eleitores.

O mais relevante em J.D. Vance é vir da América que elegeu Trump. Vem das fileiras dos *swing states* que se desiludiram com os democratas e com a filiação sindicalista da poderosa AFL-CIO para se encantarem com o multimilionário egoísta Trump. (Há sindicatos neste momento debatendo se apoiam Biden ou Trump; e um sindicalista vai discursar na convenção republicana – fica a informação para usar em precisando de exemplos de reviravoltas alucinantes.) Incomodarmo-nos com o negrume extremista do político é o que torna essencial ler o autor.

ALLISON DINNER/EPA

Vance não endeusa a classe trabalhadora *hillbilly* de que faz parte. *Hillbilly Elegy* é um rol de defeitos desta população. Os hábitos de vida pouco saudáveis – a adição a drogas é só um deles. Gravidezes adolescentes e filhos fora do casamento – e, consequentemente, famílias desestruturadas e, sobretudo, pobres. Dependência de subsídios estatais e federais – Vance descreve as 'rainhas do Estado social' brancas. Consumismo absurdo para os presentes de Natal das crianças. Desprezo pela educação formal académica. Propensão para perderem o emprego. Incapacidade de usarem os mecanismos existentes para subirem na vida – Vance conta como conseguiu facilmente uma bolsa para Yale por vir de uma família desfavorecida, algo que o seu mundo não faz ideia de que tem acesso e é, afinal, uma oportunidade mais fácil para quem é pobre do que para alguém de classe média acima das bolsas e abaixo da capacidade de pagar a universidade.

Talvez Vance seja reação ao atentado. Porventura Trump deixará a Vance, porta-voz do novo extremismo republicano, a tarefa de acarinhar a classe trabalhadora branca

Hillbilly Elegy também é a história de uma cultura – classe operária, rural mesmo vivendo em cidades pequenas ou nos subúrbios das maiores, perdedora da globalização – em apuros e necessitando de redenção. J.D. Vance encontrou a redenção nos mecanismos mais tradicionais. O exército. O casamento e descendência com a filha de imigrantes indianos endinheirados, religiosos e profundamente funcionais. (Vai ser um tanto difícil chamar racista a J.D. Vance.) O Partido Republicano.

A população que Vance retratou (na primeira pessoa) procura a redenção em Trump. Não se incomoda com a boçalidade do candidato, mesmo quando a reprova. Por razões várias. A primeira: Trump é o político a dar voz a esta cultura ao invés de, com elitismo *snob*, a desprezar. A infame frase de Obama de 2008 escarnecendo os que se agarram às armas e às crenças religiosas expôs a cisão entre democratas e a classe trabalhadora branca. Os 'deploráveis' de Hillary Clinton confirmaram o estado de coisas. Em retrospetiva, os democratas trabalharam aplicadamente para hostilizar esta população, cheios da arrogância virtuosa de quem defende os 'trabalhadores' mas só enquanto classe teórica.

Outra razão é mais sistémica. Numa cultura em processo de desestruturação, o dito progressismo quase niilista dos democratas é exatamente o contrário dos pilares fortes e confiáveis de que estas populações precisam. Quando o objetivo são condições básicas como manter o emprego, não consumir drogas, dar pais funcionais às crianças, fica fácil perceber o apelo de candidatos que propagam – publicamente, pelo menos – valores tradicionais, ao invés dos que enviam milhões de dólares para a Ucrânia, aplaudem as hordas de estudantes privilegiados antissemitas e amigos de todos os regimes islâmicos, alimentam a cultura *queer* e, por cima, despejam nojo pela população que reputam de menos esclarecida.

Não vale a pena continuar a escarnecer. Por muito reconfortante que seja. Ou que vejamos fulcral a Rússia não ser bem-sucedida na brutalidade. Mais vale tentar perceber o ponto de partida do outro. Os democratas oferecem instabilidade em nome de uma sociedade mais inclusiva, com mais imigrantes, mais tolerante, menos influenciada pela religião. Tudo muito bem – para populações com emprego, frequência universitária, comunidades funcionais, valor social já estabelecido. Não para quem precisa de espartilhos sociais para funcionar.

Escrevo antes de qualquer intervenção de Trump na convenção republicana. Talvez J. D. Vance seja reação ao atentado. Porventura Trump deixará a Vance, porta-voz do novo extremismo republicano, a tarefa de acarinhar a classe trabalhadora branca. Note-se que fez parecido em 2016, escolhendo para vice-presidente um radical religioso que recusava ter jantares de trabalho sozinho com mulheres e começava as reuniões de trabalho com orações.

Irá Trump ensaiar moderação face ao discurso odioso e divisivo que apirmorou – e quase o vitimou? Melhor tentarmos perceber o que nos espera. Sobretudo depois da imagem de força e resistência de Trump a seguir aos tiros que lhe feriram a orelha. Contraste inultrapassável com um Biden incoerente, trémulo e alheado que vimos no debate entre os candidatos. Trump não seria o primeiro político a mudar (mesmo se só à flor da pele) para alargar o número de eleitores.

Economista. Escreve à quarta-feira

Marcelo ainda não deu OK a nenhum decreto da oposição

Presidente tem diplomas sobre taxas e deduções do IRS, portagens das ex-Scut ou IVA da electricidade a 6%. Decisão sobre IRS remetida para a semana

Maria Lopes

O Presidente da República ainda não promulgou qualquer decreto da Assembleia da República que tenha tido origem num diploma proposto por um partido da oposição – e aprovado com o voto contra de PSD e CDS – desde o início desta legislatura. E, dos quatro da oposição que tem em cima da mesa para analisar (a que se deverá juntar outro entre hoje e amanhã), pelo menos os relativos ao IRS só terão resposta na próxima semana, já prometeu o chefe de Estado. Mas estão também em Belém os decretos da abolição das portagens das ex-Scut e o do alargamento do consumo de electricidade abrangido pela taxa reduzida de IVA.

Nesta legislatura, os únicos decretos do Parlamento que Marcelo promulgou foram o da alteração à composição dos inquéritos parlamentares (de todos os partidos), os que derivaram de propostas de lei sobre a dinamização do mercado de capitais (que já tinham sido preparados pelo anterior Governo, do PS) e a isenção de IMT e imposto de selo para os jovens até aos 35 anos.

Ontem eram seis, mas ainda esta semana passam a sete os decretos da Assembleia à espera de promulgação do Presidente. Questionado ontem pelos jornalistas sobre os diplomas do IRS, Marcelo Rebelo de Sousa disse que não lhe chegaram todos ao mesmo tempo e que está a analisá-los "em conjunto" – "Tenciono ter uma decisão sobre os seis na próxima semana."

Na prática, em cima da sua mesa, Marcelo Rebelo de Sousa tem três decretos sobre o IRS desde o dia 3, sendo um da autoria do Governo, sobre o limite das deduções específicas e a actualização dos escalões à taxa da inflação; o do PS, que reduz as taxas até ao sexto escalão ainda este ano; e um terceiro, do Bloco, sobre as deduções específicas. Entre hoje e amanhã, deverá receber um outro decreto sobre a mesma matéria, que deriva do projecto de lei do PS sobre o aumento da dedução do valor das rendas para apuramento do IRS.

Sobre os diplomas do IRS, o Presidente alegou que não chegaram a Belém todos ao mesmo tempo e que, por isso, os prazos de análise são diferentes. No caso dos decretos que alteram a tabela e as deduções específicas, já passou o prazo de oito dias para pedir a fiscalização da constitucionalidade sobre a eventual violação da norma-travão. Agora, só pode vetar ou promulgar. Aos jornalistas, sobre o orçamento do próximo ano, disse que "aquilo que o Presidente pode fazer é, nas decisões que venha a tomar daqui até lá sobre leis, pensar naquilo que é melhor para criar um clima favorável à passagem do orçamento", deixando no ar que tanto pode vetar, para que estas medidas possam ser incluídas pelo Governo no OE2025 e assim a oposição ter mais propensão para o viabilizar, como pode promulgar para mostrar a disponibilidade de aceitar as propostas da oposição.

"Tentei vê-los em conjunto, estou a vê-los em conjunto, e tenciono ter uma decisão sobre os seis na próxima semana", prometeu.

Porém, nem só de IRS vive essa mesa de decretos à espera de promulgação: no início de Julho, Marcelo recebeu o diploma que aumenta o consumo de electricidade sujeito à taxa reduzida de IVA, a partir de uma proposta do PS. E, na passada semana, chegou-lhe outro que é também uma bandeira do PS: a eliminação de portagens nos lanços e sublanços de várias ex-Scut.

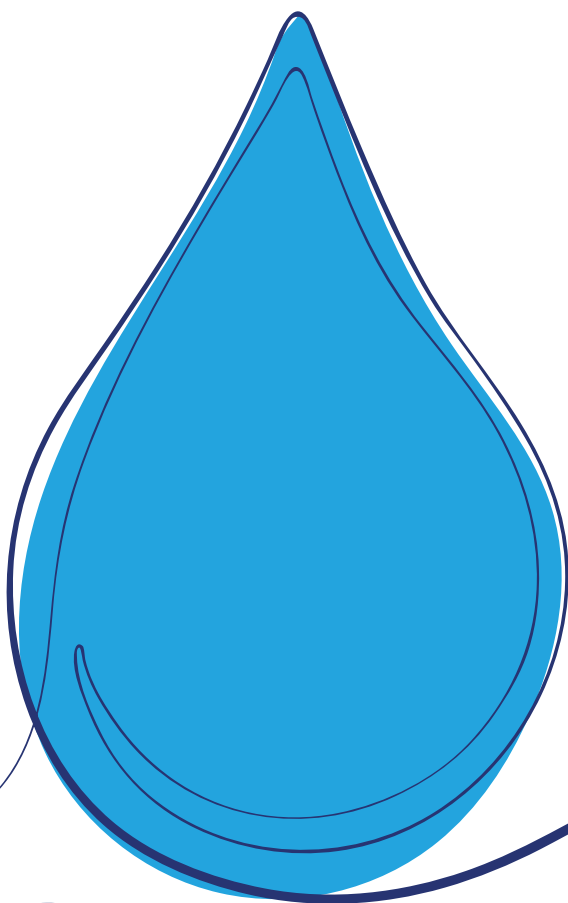
NUNO FERREIRA SANTOS

Presidente da República prometeu decisões para a próxima semana

OE2025 acelera: Marcelo quer entendimento, Governo convoca partidos

Uma hora depois de o Presidente da República ter instado, em directo nas televisões, os partidos e o Governo a dialogarem "com tempo" sobre o Orçamento do Estado para 2025, o gabinete do primeiro-ministro anunciou que recebe os partidos com assento parlamentar já na próxima sexta-feira.

Sem querer fazer sugestões sobre "o momento, a forma, com que contactos - porventura discretos - e as questões" a debater, Marcelo Rebelo de Sousa desejou que os líderes partidários aproveitem bem o "muito tempo" que ainda têm até Outubro para "ultrapassarem ruídos", "poderem falar e se criar um ambiente favorável a um orçamento que passe". Porque isso é "importante" para a estabilidade económica, política e financeira" portuguesas, vincou. O Presidente da República não quis dizer se dissolve a AR caso não haja orçamento, mas argumenta que a situação é agora diferente da de 2021 (quando optou por dissolver após o chumbo do OE), apontando a "imprevisibilidade" de duas guerras, um novo ciclo europeu e eleições em grandes Estados-membros da União Europeia, assim como nos EUA. "Deve fazer-se tudo para o orçamento passe."

Já André Ventura veio pressionar o Governo, lembrando que precisa do voto a favor do Chega ou da abstenção do PS e que não pode "satisfazer" ao mesmo tempo as pretensões de ambos: "O Governo tem que decidir rapidamente e cedo com quem e de que forma quer fazer as negociações." Já a bloquista Mariana Mortágua avisou que o partido vai votar contra o orçamento para o próximo ano, acusando os socialistas de contradição.

ÁGUA é VIDA

Não a desperdice

Não há água, nem tempo a perder.
Todas as gotas contam.

Saiba mais em
portaldaagua.pt

Atrasos nos concursos fazem aumentar cidadãos sem médico de família

Número de utentes com médico de família era, em Maio, o mais baixo desde 2016. Atraso no processo de na contratação dos jovens especialistas contribui para agravar a falta de cobertura nos centros de saúde

Alexandra Campos

Com o primeiro concurso deste ano para a contratação dos recém-especialistas muito atrasado, a situação nos centros de saúde está a agravar-se – o número de cidadãos sem médico de família atribuído voltou a aumentar e a situação não deverá inverter-se tão cedo. Pelo contrário, "pode piorar, e muito, até ao final deste ano", avisa o presidente da associação que representa as unidades de saúde familiares (USF-AN), André Biscaia. Em Junho passado, havia 1.605.000 pessoas sem médico de família atribuído, mais 75 mil do que em Fevereiro, de acordo com os dados disponíveis no Portal da Transparência do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

O número de cidadãos com e sem médico de família oscila de mês para mês por causa das saídas do SNS – por aposentação e outros motivos. Quanto às entradas dos novos especialistas nos dois momentos de contratação anuais, com a nova organização em Unidades Locais de Saúde (ULS) o Governo mudou as regras, deixando nas mãos das 39 ULS do país o recrutamento dos jovens especialistas, em vez de fazer concursos centralizados e de âmbito nacional.

Resultado? Estamos a meio de Julho e só esta semana é que as primeiras ULS começaram a publicar a abertura dos respectivos concursos. Os recém-especialistas – e são cerca de 400 os que acabaram o internato de medicina geral e familiar em Março – têm agora, "com muitos já de férias, que responder em cinco dias úteis e enviar currículos de dez páginas", descreve André Biscaia. Ao mesmo tempo, cada ULS é obrigada a constituir um júri com três médicos efectivos e dois suplentes, que vão, assim, "ser desviados da sua actividade normal, nomeadamente consultas, em pleno Verão", numa altura em que as necessidades de profissionais aumentam, critica.

Faltam mais de mil médicos

Se as suas previsões mais pessimistas se concretizarem, no final deste ano poderá haver "menos 500 médicos de família a juntar aos mais de 700 que já faltam actualmente", calcula. "Podem chegar a 1200 só este ano", especifica o presidente da USF-AN, incluindo nesta contabilidade as aposentações, as ausências prolongadas e as saídas do SNS para o sector privado ou para o estrangeiro.

Estas saídas poderiam ir sendo compensadas pela entrada dos novos médicos de família, mas, como o primeiro e maior concurso do ano para a sua contratação está atrasado, serão "cada vez mais" os que decidem optar por não ficar no SNS, até porque "estão a receber como internos apesar de estarem a trabalhar como especialistas", frisa.

Em 2023, o concurso da primeira época foi aberto no início de Maio e no início de Junho os médicos estavam colocados. Com a mudança de regras este ano, ninguém consegue prever quando é que este processo estará concluído. Questionado pelo PÚBLICO, o Ministério da Saúde não respondeu a esta questão. O gabinete de Ana Paula Martins sublinhou apenas que "o processo de contratação já está a decorrer", depois de ter havido "um atraso na publicação do diploma que autoriza as ULS as fazer as contratações". Este diploma foi entretanto publicado "e as ULS encontram-se neste momento a realizar as referidas contratações", sendo que "o prazo é estabelecido por cada ULS, pois têm autonomia" para isso, acrescenta o ministério.

"Nunca houve um atraso tão grande" nos concursos para recém-especialistas de medicina geral e familiar, lamenta André Biscaia. E isto é ainda "mais incompreensível" quando este Governo apresentou um plano de emergência e transformação da saúde que inclui medidas "urgentes" para aumentar o acesso dos cidadãos à saúde. A contratação célere dos novos especialistas não é uma delas.

"O atraso na abertura dos concursos é um dos principais motivos para a saída de jovens médicos de família do SNS", corrobora João Rodrigues, ex-coordenador do grupo de trabalho nomeado para preparar a reforma dos cuidados de saúde primários em 2019, notando que "o passado foi o único ano que correu bem". A agravar, as ULS estão a publicar os concursos "sem identificar os locais de colocação, gerando grande confusão, porque os novos especialistas vão concorrer para vários sítios e ainda poderá haver impugnações", explica João Rodrigues. O Sindicato Independente dos Médicos e a Federação Nacional dos Médicos já tinham feito este alerta.

Por outro lado, deixou de haver a hipótese de concursos de mobilidade, que permitiam a alguns médicos ocupar uma vaga durante algum tempo para mais tarde passarem para o seu local de eleição. "Está tudo montado para que este concurso seja caótico", frisa André Biscaia.

"O concurso já devia ter sido aberto há muito tempo e isto está a causar imensa confusão. Devia ter sido feito como nos outros anos e depois mudava-se", defende também o bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, apesar de acentuar que compreende a decisão de alterar o modelo do concurso nos hospitais, que decorre da organização em ULS, e porque as unidades de saúde têm de adaptar os concursos "ao perfil dos médicos de que necessitam".

Os dados do Portal da Transparência do SNS indicam que, em Maio, o número de pessoas com médico de família atribuído era o mais baixo desde 2016, ano a partir do qual há estatísticas publicamente disponíveis na base de dados. E o número de cidadãos sem médico de família também inverteu a tendência de descida.

"Isso está a acontecer porque não há mais médicos de família no SNS", sublinha o vice-presidente da Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar, António Luz Pereira, que esta quinta-feira vai ser ouvido na comissão de saúde no Parlamento. Pelas contas da associação, faltarão agora mais de mil médicos de família no SNS.

"O plano de emergência era uma oportunidade para mobilizar mais recursos para os cuidados de saúde primários. Mas não vemos ali medidas que façam regressar médicos de família ao SNS. O facto de não haver medidas específicas para esta área já é, por si só, uma decisão política com impacto na população", remata.

FOTOS: DANIEL ROCHA

"Nunca houve um atraso tão grande" nos concursos para recém-especialistas de medicina geral e familiar, lamenta André Biscaia, presidente da USF-AN

Em 2023, concurso abriu no início de Maio e em Junho os médicos estavam colocados. Agora não há previsões

Reunião

ACSS chama médicos que têm alertado para a “limpeza” das listas

Gina Pereira

A Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS) convocou para uma reunião a Associação Portuguesa de Medicina Geral e Familiar (APMGF), que tem alertado para o facto de alguns utentes estarem a ser surpreendidos com a retirada do seu nome da lista dos médicos de família, passando a “inactivos”, quando são utilizadores dos centros de saúde.

“Não conseguimos perceber o que é que se está a passar”, afirma o médico António Luz Pereira, lembrando que o processo de “limpeza” do Registo Nacional de Utentes (RNU) – que ditou a saída de cerca de 200 mil utentes dos registos – começou ainda na vigência do anterior Governo, após a publicação de um despacho com um conjunto de indicadores cujo preenchimento era de carácter obrigatório, entretanto suspenso.

Contudo, os alertas de que há utentes a queixarem-se de terem sido “apagados” das listas dos médicos continuam a surgir e o médico garante que todos os meses há utentes que acabam por desaparecer das listas, sendo por vezes pessoas que se deslocam aos centros de saúde à procura de agendar uma consulta. “Temos continuado a receber informação de listas que têm menos utentes do que tinham”, diz.

Confrontada com estas denúncias, a ministra da Saúde disse na segunda-feira que há um grupo de pessoas a tentar apurar o que pode estar na génese destas situações e a tutela confirmou que a ACSS convocou os responsáveis da associação para uma reunião.

Ministra da Saúde, Ana Paula Martins

“Será que é uma questão tecnológica? Será que é a não-possibilidade que muitas vezes os médicos têm de ser eles próprios a fazerem o preenchimento de alguns campos que estão em falta? O que é que está a acontecer? Isto é uma questão que temos que resolver”, disse Ana Paula Martins, aos jornalistas, admitindo preocupação com esta situação.

Recorde-se que em Fevereiro de 2023 o anterior Governo emitiu o despacho n.º 1668/2023, que veio definir as regras de organização e os mecanismos de gestão do RNU e de inscrição nos cuidados de saúde primários, definindo um conjunto de 16 dados cujo preenchimento é obrigatório na base de dados.

Na altura, recorda António Luz Pereira, havia um “procedimento automático” que ditava que, “na falta de algum desses elementos, o utente era colocado como inactivo e perdia o médico de família”. Os centros de saúde passaram a receber as listagens desses utentes e os secretários clínicos “gastaram muitas horas de trabalho a contactar os utentes para completar esses registos administrativos”. Mas ainda estão a ser confrontados com utentes que saem das listas.

Prelada recruta médicos para CAC

O Hospital da Prelada, da Misericórdia do Porto, começou há três semanas a recrutar médicos para o novo Centro de Atendimento Clínico (CAC) idealizado pelo Ministério da Saúde para retirar dos serviços de urgência dos hospitais de Santo António e de São João doentes triados com pulseiras azuis e verdes (não urgentes ou pouco urgentes), conforme um anúncio de recrutamento publicado no Linkedin. No âmbito do acordo de cooperação com o Ministério da Saúde, o Hospital da Prelada está “a recrutar profissionais médicos dedicados para integrarem” o novo CAC. A criação de dois CAC, um na Prelada e outro no Hospital das Forças Armadas, em Lisboa, é uma das medidas previstas no Plano de Emergência. **A.C.**

Novo *site* Gov.pt servirá como porta de entrada dos serviços do Estado

Pedro Crisóstomo e Cristiana Faria Moreira

Balcão Perdi a Carteira vai passar também a ser digital e pais vão passar a poder ter cartões dos filhos na aplicação Id.gov

O Governo vai lançar o *site* Gov.pt em Setembro para funcionar como uma porta de entrada digital para os vários serviços públicos, da Autoridade Tributária e Aduaneira (AT) à Segurança Social. A decisão foi confirmada pela ministra da Juventude e Modernização, Margarida Balseiro Lopes, no final da reunião do Conselho de Ministros, dedicado à digitalização da administração pública.

O Estado já tem um portal que funciona com esse objectivo – o *site* eportugal.gov.pt, gerido pelo instituto público Agência para a Modernização Administrativa (AMA) – que já permite direccionar os cidadãos e as empresas para as entidades responsáveis pela resolução dos assuntos procurados pelos utilizadores (como e onde tratar do passaporte, do cartão de cidadão, onde pagar o Imposto Único de Circulação, onde consultar dívidas fiscais, o que fazer para abrir um restaurante ou outro estabelecimento, por exemplo). Agora, com a criação do canal Gov.pt, o Governo pretende que tornar mais acessível a forma como os cidadãos e empresas interagem com o Estado. Os *sites* de serviços específicos, como o Portal das Finanças, não vão acabar. O que acontecerá, explicou Balseiro Lopes, é que “o cidadão entra no Gov.pt e, sem se aperceber, porque seguimos o mesmo *design system* [desenvolvimento de sistema], está a ter acesso a um serviço da AT”.

Quando for lançado em Setembro, o Gov.pt integrará um primeiro conjunto de serviços públicos. Também estará disponível em língua inglesa. E há outra novidade: será possível visualizar o historial das interacções que um cidadão ou uma empresa teve com o Estado, seja no *site*, seja na aplicação que será lançada mais tarde (no primeiro trimestre de 2025), seja no atendimento presencial numa loja ou num espaço cidadão, seja através da linha telefónica.

“O objectivo é que várias entidades da administração pública vão integrando os seus serviços”, realçou a governante, dando ainda como exemplo a aplicação Id.gov, que também será integrada nesta plataforma. Esta aplicação permite já ter acesso a documentos oficiais pessoais, emitidos pelo Estado, como cartão de cidadão ou a carta de condução em formato digital, mas com a mesma validade legal que os cartões físicos. A ideia é que sejam incluídos cartões de outras entidades que podem até não ser públicas, como farmácias ou seguradoras. “Vamos até incluir – e isto foi uma sugestão que nos chegou – os cartões dos filhos menores na carteira dos pais”, disse a ministra.

Governo quer criar mais 23 Lojas do Cidadão até 2026

No Gov.pt será também criado o balcão digital Perdi a Carteira, semelhante ao serviço que já é disponibilizado na Loja do Cidadão das Laranjeiras, em Lisboa, onde será possível requerer a segunda via dos documentos perdidos. “Através de um clique podemos ter acesso à segunda via dos nossos documentos que depois serão enviados para nossa casa”, explicou. Ao todo, o Governo aprovou 15 medidas de modernização para lançar a breve trecho, algumas até 2025. Consciente de que muitas podem estar a excluir cidadãos que não têm competências digitais, a ministra anunciou que o Governo quer reforçar a rede de Lojas e Espaços do Cidadão.

O objectivo é ter, até 2026, mais 23 lojas, juntando-se assim às 73 já existentes; e aumentar em 250 a actual rede de Espaços Cidadão até ao segundo semestre de 2026, chegando a novos locais onde não há ainda serviços públicos. A expansão será feita na rede consular, nas autarquias, nas instituições de ensino superior e nos hospitais, havendo 27 que já manifestaram esse interesse. A cumprir-se, o número de Espaços Cidadão chegará aos 1143 daqui a dois anos. .

A partir do último trimestre, passará a ser possível aos cidadãos estrangeiros (com autorização de residência atribuída, nacionais da UE residentes, requerentes ou beneficiários de protecção internacional e com estatuto de refugiados) ter acesso, nos Espaços Cidadão, aos seus números de identificação fiscal (NIF), de Segurança Social e de utente de Saúde.

Entre as medidas aprovadas está a possibilidade de alterar digitalmente o centro de saúde ou a escola dos educandos, quando se procede à alteração de morada para um município diferente do actual. Já no primeiro trimestre de 2026, o prazo de validade do passaporte passará a ser de dez anos (actualmente é de cinco). Contudo, o Governo ressalva que, no caso dos menores, é possível que se mantenha o prazo de cinco anos.

Outra das medidas passa pela actualização do Portal Nacional de Fornecedores do Estado (PNFE), que vai ganhar novas funcionalidades para que uma empresa que se candidate ou vença um determinado concurso público deixe de “andar permanentemente a entregar documentos”.

Professores vão passar a ter registo biográfico digital

A partir do terceiro trimestre de 2025, os professores vão passar a ter um registo biográfico digital, que substituirá os registos “em formato papel e de preenchimento manual” que os acompanham sempre que mudam de escola. “Actualmente, os professores não dispõem de um registo digital agregado da sua situação profissional, pelo que o tratamento e consulta de dados é um processo complexo e burocrático”, o que “compromete a qualidade e a eficiência no acesso à informação, tanto para o docente como para o estabelecimento de ensino”, destaca o Governo que quer criar um registo biográfico digital para os professores, “no qual serão agregados todos os dados referentes à sua situação profissional”. De acordo com o executivo, esta medida poderá chegar a cerca de 120 mil docentes, mas só daqui a um ano.

Está também previsto o desenvolvimento de um Cartão Digital do Professor, a ser disponibilizado na aplicação Id.gov, que incluirá o seu registo biográfico digital e todos os elementos da sua caracterização profissional.

Espanha foi o país que mais emigrantes portugueses cativou em 2022

Patrícia Carvalho

Terão saído 70 mil pessoas. Dados de 2021 apontam para 65 mil saídas, mais cinco mil do que as inicialmente previstas

DANIEL ROCHA

Emigração portuguesa é hoje superior aos níveis pré-covid na maioria dos seus destinos principais

Tínhamos a estimativa de que, em 2021, teriam saído 60 mil portugueses do país, mas o relatório do Observatório da Emigração, agora divulgado, actualiza esses dados: foram, afinal 65 mil e estima-se que no ano seguinte, em 2022, esse número tenha subido para 70 mil. Nesse ano, o Reino Unido continuou a sua tendência de quebra na atracção dos emigrantes nacionais, como consequência do "*Brexit*", e Espanha foi o destino mais procurado. Em 2022, mais de 11 mil portugueses escolheram o país vizinho como nova morada. Desses, 9253 tinham entre 15 e 39 anos.

São dados que confirmam a tendência de recuperação da emigração portuguesa, que sofrera uma quebra em 2020 (como a generalidade dos países), decorrente da pandemia e do travão que ela trouxe à circulação de pessoas. O relatório agora divulgado - mais tarde do que o habitual, realça-se no documento, o que permitiu ter dados mais concretos em alguns casos e reduzir o que se baseava em estimativas - afirma que essa tendência de recuperação foi "quase total", em relação aos valores pré-pandemia, apontando para "uma possível estabilização nos próximos anos, num patamar entre 70 e 75 mil saídas anuais". Entre 2021 e 2022 o crescimento da emigração portuguesa foi de 8%.

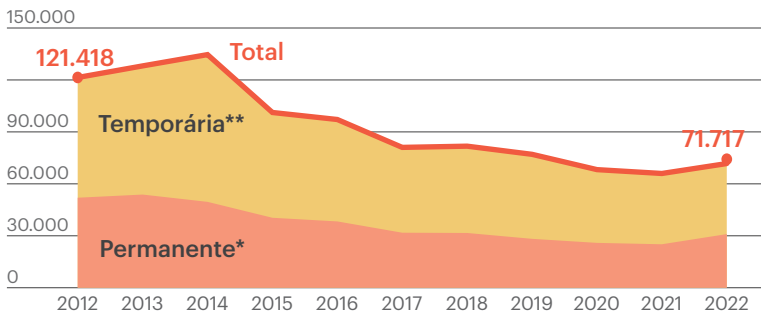
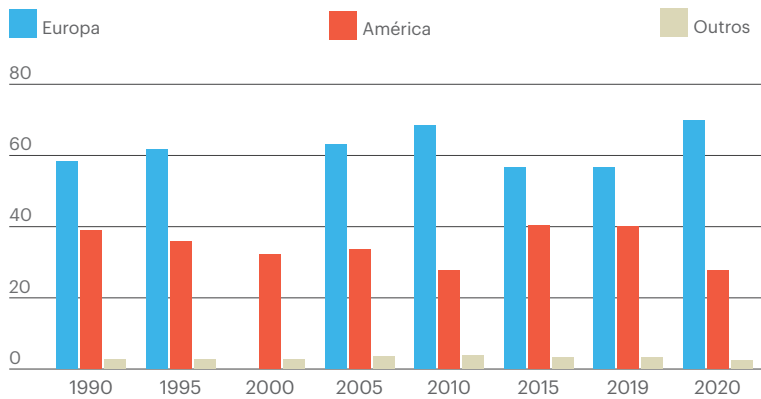
O documento salienta, aliás, que a recuperação só ainda não foi total - saíram 80 mil pessoas em 2019 - por causa da quebra acentuada da emigração para o Reino Unido, já que, refere-se: "Em rigor, a emigração portuguesa é hoje superior aos níveis pré-covid na maioria dos seus destinos principais."

No topo das preferências dos portugueses em 2022 estavam a Espanha, para onde emigraram 11.001 pessoas, a França (10.216) e a Suíça (9948). O Reino Unido, que liderou essa lista durante algum tempo e que em 2021, já em quebra, tinha assistido ainda a 13.551 entradas de portugueses, não conseguiu cativar mais de 7941 portugueses naquele ano, uma quebra de 41,4% entre os dois anos. Fora da Europa, Moçambique, que é o único país não europeu a estar nos dez destinos mais procurados por portugueses, registou também uma quebra muito acentuada, na ordem dos 78,3%. Em 2021 tinham emigrado para este país africano 6619 portugueses, em 2022 foram apenas 1439.

Sem uma grande mudança de perfil nos últimos anos, a emigração portuguesa continua a caracterizar-se por uma grande heterogeneidade, refere-se no relatório, com as pessoas com qualificações mais baixas a emigrarem para países que mais tradicionalmente lhe estão associados, como a França e a Suíça, enquanto os países da Escandinávia ou os Países Baixos cativam sobretudo pessoas mais qualificadas.

Emigração envelhecida

E, apesar de muito se falar da emigração jovem - o que tem sido uma realidade de sempre, são as pessoas mais jovens e em idade activa que, por tradição, mais emigram -, olhando para os valores acumulados percebe-se que os portugueses que vivem lá fora ainda são, sobretudo, pessoas mais velhas.

Nos países da OCDE, por exemplo, os emigrantes portugueses com mais de 64 anos representavam 9% do total em 2001 e 17% em 2011. Mas essa realidade não é idêntica em todos os países - em França, em 2020, os portugueses com mais de 55 anos representavam 51% do total dos emigrantes portugueses, enquanto no Reino Unido, em 2021, a percentagem de portugueses emigrados com mais de 64 anos não ia além dos 5,9%.

O envelhecimento dos emigrantes portugueses, sobretudo nos destinos mais tradicionais, é um cenário que decorre muito da emigração histórica, que atingiu valores muito elevados em meados do século passado que os números actuais estão longe de alcançar, mesmo que olhemos para o valor mais alto do século, com 120 mil saídas registadas em 2013.

No século XXI, acentuou-se a tendência de uma emigração principalmente masculina e particularmente para países europeus. Segundo os dados do relatório, "dos 23 países de destino com elevados fluxos de emigração portuguesa, 14 são europeus e, entre os dez primeiros, apenas um se localiza noutro continente (Moçambique)". Aliás, todos os países com mais de cinco mil entradas anuais localizavam-se na Europa, salienta-se, ao mesmo tempo que o continente americano aparece como uma escolha, em termos relativos, de "menor importância, onde o valor dos fluxos é, para todos eles, inferior a um milhar por ano".

No que respeita ao crescimento, na comparação entre 2021 e 2022, a França e os Países Baixos aparecem com aumentos na ordem dos 33% e números absolutos consideráveis - foram 10.216 pessoas no primeiro caso e 4533 no segundo -, sendo os mais significativos entre os dados disponibilizados, já que alguns países em que essas percentagens de crescimento são mais elevadas representam, na prática, números absolutos bem mais baixos. Para a Austrália, por exemplo, o crescimento foi de 195%, mas está-se a falar de 59 pessoas emigradas em 2022, contra 20 em 2021; e para a Irlanda o crescimento foi de 38,3%, mas ele refere-se a números que não vão além de 426 emigrantes em 2022 e 308 em 2021.

Em termos acumulados, o chamado "*stock* de emigração portuguesa" aponta para a existência de pouco mais de dois milhões de portugueses a viverem no estrangeiro, segundo os dados mais recentes das Nações Unidas. Isto significa que, apesar de estar longe de ser dos Estados em que mais se emigra em termos absolutos, Portugal situa-se em 4.º lugar na lista dos países com mais emigração acumulada, em proporção da população residente – ou seja, o equivalente a 21% da população nacional de hoje vive fora do país.

Emigração em 2022

Estimativas das saídas totais de emigrantes 2012-2022

* por um período superior a um ano
** por períodos inferiores a um ano

Stock **de emigrantes portugueses nascidos em Portugal a residir no estrangeiro**

Estimativa, em milhares

Fontes: Relatório do Observatório da Emigração, com base no inquérito aos movimentos migratórios do IINE; Observatório da Emigração

PÚBLICO

A crise climática está a tornar os nossos dias mais longos, diz estudo

Derretimento do gelo está a desacelerar a rotação da Terra e pode interferir com a navegação por GPS e com o tráfego da Internet

A humanidade está a interferir com a rotação da Terra – e isto está a tornar os nossos dias mais longos. Um novo estudo científico mostra que a crise climática, provocada pela emissão de gases com efeito de estufa, está a fazer com que a duração de cada dia aumente à medida que o degelo das calotas polares muda o formato do planeta.

"As alterações climáticas actuais não têm precedentes. Nas últimas décadas, acelerou o degelo dos glaciares e dos mantos de gelo polares, conduzindo a uma subida do nível do mar. Este transporte de massa dos pólos para a linha do equador aumentou significativamente a obliquidade da Terra e a duração do dia desde 1900. Mostrámos que a actual taxa de aumento é mais elevada do que em qualquer momento do século XX", escrevem os autores num estudo publicado nesta segunda-feira na revista científica *PNAS*.

Por outras palavras, a queima desenfreada de combustíveis fósseis, desde a era industrial, alterou profundamente a atmosfera do planeta, aquecendo-o. Isto provocou uma lenta redistribuição da água armazenada nos pólos, que se acumulou em maiores quantidades nos mares próximos à linha do equador, deixando a Terra mais "gordinha". Com este novo formato, mais achatado, a rotação do planeta tende a abrandar e os dias ficam mais longos.

"As alterações climáticas estão a derreter tanto gelo que podemos ver um enorme impacto na forma como o planeta está a girar", disse o co-autor Surendra Adhikari, geofísico do Laboratório de Propulsão a Jacto da agência espacial norte-americana (NASA, na sigla em inglês), ao diário norte-americano *The Washington Post*.

Para já, as alterações verificadas na duração do dia são da ordem dos milissegundos, ou seja, não são perceptíveis na nossa rotina quotidiana. Contudo, tais mudanças são suficientes para perturbar potencialmente o tráfego da Internet, as transacções financeiras e até a navegação por GPS, uma vez que todas estas actividades dependem da precisão da cronometragem.

Consoante a evolução da crise climática, os dias podem continuar a ficar mais longos. "Em cenários de emissões elevadas, a taxa de duração do dia induzida pelo clima continuará a aumentar e poderá atingir uma taxa que é duas vezes superior à actual, ultrapassando o impacto da fricção das marés lunares. Estas descobertas comprovam o efeito sem precedentes das alterações climáticas no planeta Terra e têm implicações para a cronometragem precisa do tempo e a navegação espacial, entre outras", alertam os autores no artigo.

O fenómeno é uma demonstração de como a humanidade está a transformar a Terra e a rivalizar com processos naturais que existem há milhares de milhões de anos, lê-se no diário britânico *The Guardian*.

"Podemos ver o nosso impacto, enquanto seres humanos, em todo o sistema terrestre, não apenas a nível local, como o aumento da temperatura, mas também a nível fundamental, alterando a forma como a Terra se move no espaço e gira. Devido às nossas emissões de carbono, conseguimos fazer isto em apenas 100 ou 200 anos. Enquanto os processos que regem o planeta estavam a decorrer há milhares de milhões de anos, o que é impressionante", afirmou o co-autor Benedikt Soja do Instituto Federal de Tecnologia da Suíça (ETH) em Zurique, na Suíça, ao *The Guardian*.

Degelo dos glaciares conduz à subida do nível do mar

Saiba mais sobre ambiente em publico.pt/azul

Aviso (extrato) n.º 14386/2024/2, de 12 de julho

Candidaturas até:
26 de julho de 2024 (inclusive)

PROCEDIMENTO CONCURSAL COMUM COM VISTA À OCUPAÇÃO IMEDIATA OU FUTURA DE POSTOS DE TRABALHO DA CARREIRA DE TÉCNICO SUPERIOR NA ÁREA DE ENGENHARIA CIVIL NA MODALIDADE DE CONTRATO DE TRABALHO EM FUNÇÕES PÚBLICAS A TERMO RESOLUTIVO CERTO

Documentação a entregar para formalização de candidatura (obrigatória):
• Modelo de formulário de candidatura de utilização obrigatória;
• *Curriculum Vitae* (Modelo de currículo disponível no site na Câmara Municipal de Oeiras ou Modelo Europass);
• **Fotocópia** legível do certificado de habilitações literárias;
• Título profissional válido para o exercício da profissão de Engenheiro, nomeadamente a inscrição na respetiva Ordem Profissional (Ordem dos Engenheiros e Ordem dos Engenheiros Técnicos).

Requisitos obrigatórios de admissão (eliminatórios): Os candidatos deverão cumprir, rigorosamente e cumulativamente, os requisitos gerais e específicos até à data-limite para apresentação das candidaturas, sob pena de exclusão, previstos no artigo 17.º da LTFP. A saber:
a) Nacionalidade Portuguesa, quando não dispensada pela Constituição, convenção especial ou lei especial; b) 18 anos de idade completos;
c) Não inibição do exercício de funções públicas ou não interdição para o exercício daquelas que se propõe a desempenhar;
d) Robustez física e perfil psíquico indispensáveis ao exercício das funções;
e) Cumprimento das leis de vacinação obrigatória.

De acordo com o disposto na alínea k) do n.º 3 do artigo 11.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro (doravante designada por Portaria), não podem ser admitidos candidatos que, cumulativamente, se encontrem integrados na carreira, sejam titulares da categoria e, não se encontrando em mobilidade, ocupem postos de trabalho previstos no mapa de pessoal do órgão ou serviço (Município de Oeiras) idênticos aos postos de trabalho para cuja ocupação se publicita o procedimento.

Nível habilitacional exigido:
Licenciatura na área de Construção Civil e Engenharia Civil cuja área de educação e formação académica corresponde à identificada no ponto 5.8.2 da classificação nacional das áreas de Educação e Formação (CNAEF).

Pode apenas ser candidato quem seja titular do nível habilitacional, não sendo admitida a sua substituição por formação ou experiência profissional.

Caracterização do posto de trabalho:
Exercer as atividades inerentes à carreira de Técnico Superior tendo em conta a área funcional de Engenharia Civil, nos termos do mapa anexo a que se refere o n.º 2 do artigo 88.º da Lei Geral do Trabalho em Funções Públicas, aprovada pela Lei n.º 35/2014, de 20 de junho, na sua redação atual (doravante designada por LTFP), correspondente ao grau de complexidade 3, compreendendo as seguintes funções e competências:

- Elaboração de estudos, projetos e acompanhamento das respetivas obras de construção, reabilitação, requalificação do edificado habitacional Municipal e equipamentos, infraestruturas e manutenção e conservação de espaço público;
- Preparação, organização e acompanhamento de trabalhos de manutenção e reparação do edificado habitacional municipal e equipamentos, Fiscalização das obras; Realização de vistorias técnicas; Colaboração e participação em equipas multidisciplinares para elaboração de projetos para obras de complexa ou elevada importância técnica ou económica.
- Preparação dos conteúdos necessários para lançamento de empreitadas de obras públicas, nomeadamente elaboração do programa de concurso e caderno de encargos de cláusulas gerais e especiais, planificação de obras, estabelecendo estimativas de custo e orçamentos, planos de trabalho e especificações, indicando o tipo de materiais, máquinas e outros equipamentos necessários;
- Preparação os conteúdos necessários para a elaboração de estudos para conceção de projetos de estrutura e fundações, escavação e contenção periférica, redes interiores de água e esgotos, rede de incêndio e rede de gás; Projetos de arruamentos, drenagem de águas pluviais e de águas domésticas e abastecimento de águas relativos a operações de loteamentos urbanos.
- Exercício de funções técnicas subjacentes, designadamente à materialização das competências associadas à Divisão de Conservação de Habitação, nos termos do regulamento de organização dos serviços municipais.
- Elaboração, apreciação e emissão de pareceres relativos a projetos, planos de intervenção, estudos orientadores, bem como planos de ordenamento territorial;
- Promoção de estudos e projetos que contribuam para a reabilitação e conservação do património construído com análise e diagnóstico de patologias e metodologias de atuação;
- Investigação e pesquisa de soluções, técnicas e processos construtivos que contribuam para melhores projetos e obras;
- Coordenação dos projetos, articulação com todas as especialidades e assistência técnica em fase de obra;
- Gestão, acompanhamento e fiscalização de obra, realizar a direção técnica de obras, coordenação de equipas, e respetivo controlo financeiro;
- Desenvolver todas as tarefas que lhe forem atribuídas por despacho superior, diretamente relacionadas com atos próprios da profissão de engenheiro civil que se consubstanciam em estudos, projetos, planos e atividades de consultadoria, gestão e direção de obras, planificação, coordenação e avaliação, reportadas ao domínio da engenharia civil. Deve ainda exercer as demais funções, que lhe são cometidas por lei, deliberação, despacho ou determinação superior no âmbito das atribuições do Município e relacionadas com as acima descritas.

Entrega da candidatura:
A candidatura poderá ser apresentada diretamente no Portal Institucional através do Link: https://www.oeiras.pt/-/fsprocedimentos-concursais ou remetida por correio registado com aviso de receção, para a Câmara Municipal de Oeiras, Largo Marquês de Pombal, 2784-501 Oeiras, até à data limite fixada na publicação do respetivo extrato no *Diário da República* e publicitação na Bolsa de Emprego Público (BEP). Na apresentação da candidatura através de correio registado com aviso de receção atende-se à data do respetivo registo. As candidaturas poderão também ser entregues pessoalmente no Balcão de Atendimento dos Paços do Concelho, da Câmara Municipal de Oeiras, nos dias úteis, entre as 09h00 e as 17h30.

O Presidente,
Isaltino Morais

Até 2025, Câmara do Porto quer amarrar Avenida da Ponte ao projecto de Siza

Arquitecto tem um plano de 2000 para preencher vazio no centro da cidade. Vereador do Urbanismo, Pedro Baganha, quer regressar ao documento, actualizá-lo e fazer dele um loteamento

Camilo Soldado

ANNA COSTA

Arquitecto já desenhou dois planos para aquela mancha central da cidade. Nenhum saiu do papel

Há muito que o arquitecto Álvaro Siza Vieira deixara de ter esperança de que o projecto que desenhou para a Avenida da Ponte, no Porto, em 2000, fosse retomado. O documento está na gaveta há 24 anos, mas o vereador da Câmara Municipal do Porto (CMP) com o pelouro do Urbanismo, Pedro Baganha, quer retomar o assunto.

Aquela mancha central da cidade, entre a Estação de São Bento e a Ponte Luís I, é uma "ferida aberta há demasiado tempo", disse o vereador, na biblioteca de Serralves, ao lado de Siza Vieira, numa conversa sobre a Avenida da Ponte, organizada pela fundação. "Se conseguíssemos, até ao Verão do próximo ano, ter um projecto de loteamento municipal aprovado, era um passo que se dava no estabelecimento de regras urbanísticas neste território", sublinhou Pedro Baganha aos jornalistas, depois da conversa que decorreu no final da tarde de segunda-feira e pela qual a Fundação de Serralves cobrou bilhetes de três euros.

A dificuldade de voltar a ter Siza Vieira a pensar uma zona central da cidade que foi demolida nos anos 1940, para abrir espaço para o trânsito automóvel, está relacionada com os procedimentos de contratação pública (que dificultam a encomenda específica), mas também com a vontade do próprio arquitecto, que disse ser "desconsiderado" no Porto. "Não vejo possibilidades nenhumas", acrescentou, sobre um eventual convite da autarquia. Até porque o arquitecto já tinha um primeiro plano de 1968, para a mesma zona, que também não saiu do papel.

Ainda assim, Baganha quer "fixar a impossibilidade de outra coisa aqui surgir que não seja esta opção urbanística". A forma de o fazer, disse, é transformar o estudo prévio de Siza num "projecto de loteamento de promoção municipal". Mas o documento teria de ser adaptado.

Mais habitação

"O problema do projecto do Siza era o programa que lhe foi dado", avalia o vereador. Um programa com o qual nem Siza Vieira concordava, mas que lhe foi imposto pelo autarca da época, disso o arquitecto. O desenho de então previa que um generoso volume fosse pensado para o Museu da Cidade.

O projecto nunca avançou, o Museu da Cidade tem agora o seu futuro previsto para o Palácio de S. João Novo, em Miragaia, e Baganha, tal como o próprio Siza, considera que a Avenida da Ponte deve ser preenchida principalmente com habitação. "Precisamos de mais habitação no centro da cidade, de equilibrar as funções", entende o vereador. Desejavelmente, habitação acessível, cuja iniciativa pode ou não ser da autarquia.

Mesmo que o museu saia da equação, o princípio urbanístico que já era então proposto pelo arquitecto "é o indicado para este território", diz o vereador. "A reposição deste tecido, da escala dos arruamentos, da integridade perdida com as demolições da década de 1940", especifica.

Caso Siza venha a reabrir o dossier, não será difícil "adaptar este projecto com este partido urbanístico a estas novas premissas que se aplicam àquele território", afirma o vereador. Esta adaptação deve passar também pela redução de estacionamento então previsto, numa zona da cidade onde o investimento em transportes colectivos tem sido "imenso".

Mesmo que a CMP consiga que Siza volte a debruçar-se sobre a Avenida da Ponte e mesmo que as suas ideias passem para um projecto de loteamento, nada garante que o projecto que foi apresentado em Dezembro de 2000 não regresse à gaveta onde esteve nos últimos 24 anos. Tudo depende do executivo que sair das eleições autárquicas de 2025.

Uma década, 60 milhões

A janela temporal para fixar o projecto num loteamento de iniciativa municipal é curta, mas Baganha entende que a cidade não tinha condições para retomar este projecto antes. Em 2013, quando Rui Moreira foi eleito, a discussão centrava-se no abandono do centro do Porto, diz. "Ninguém compreenderia politicamente" que a prioridade da CMP fosse construção nova e não a reabilitação do edificado degradado, argumenta Baganha.

Mesmo que se chegue a um consenso, este é "um projecto para dez anos ou mais", estimando o vereador que os custos de construção não fiquem abaixo de 60 milhões de euros. O loteamento, realça, dá a possibilidade de ir faseando a construção.

Por isso, por agora, a Avenida da Ponte continuará a ser um corpo estranho no centro do Porto. É composta por vazios, terrenos à espera de um projecto, mas também por elementos que foram desenhando o seu futuro, como a Casa dos 24, na órbita da Sé, da autoria do arquitecto Fernando Távora, e um edifício de apartamentos turísticos ao lado da estação ferroviária, desenhado pelo arquitecto Nuno Grande (que tem vindo a defender a concretização do plano de Siza), cuja configuração foi questionada. Para Siza Vieira, esta construção, embora projectada por um arquitecto que muito considera, torna difícil que se apliquem ali as ideias que tinha deixado em papel.

Neste território, há também um equipamento público com os dias contados. O Mercado de S. Sebastião foi encerrado há um ano por questões de salubridade e desconforto. A CMP está a preparar os trabalhos de demolição deste edifício de betão com cobertura verde e deverá lançar um concurso para o efeito até ao final do ano.

Além do desmantelamento, que deverá acontecer entre o final de 2024 e o início de 2025, está previsto um "arranjo mínimo" daquele terreno que permita "outros futuros para àquele território", refere Pedro Baganha. Com eleições autárquicas marcadas para o próximo ano, o que vier a seguir já deverá entrar na ordem de trabalhos do próximo executivo.

Da Nova Zelândia a Aveiro. Chloe e Rodney dançam no ar de cadeira de rodas

Maria José Santana

Espectáculo de dança aérea *The Air Between Us* é uma das estreias do Festival dos Canais, que arranca hoje e vai até domingo em Aveiro

Dois bailarinos que se vão movimentando desde o chão até uma altura de sete metros, enaltecendo a capacidade de todos os seres humanos poderem viver em simbiose. Dois corpos que, apesar das diferenças – um deles, dependente de uma cadeira de rodas –, se juntam numa dança impressionante. *The Air Between Us* é o título do espectáculo que os neozelandeses Chloe Loftus e Rodney Bell apresentam, pela primeira vez, em Portugal, hoje e amanhã, naquele que é um dos momentos altos do Festival dos Canais, evento que, de hoje até domingo, transforma Aveiro na capital das artes de rua.

No Largo do Rossio, com as águas da ria como pano de fundo, Chloe e Rodney esperam manter aquela que tem sido a reacção generalizada do público, nos vários países por onde têm passado. "Muitas pessoas vêm ter connosco no fim, em lágrimas. Parece tocar o coração das pessoas", refere Chloe Loftus, que além de intérprete é também criadora de *The Air Between Us*. Num tempo "de separação e solidão, motivado pela pandemia, e de extremismo a nível político e social", a coreógrafa e dançarina defende que urge "abertura de espírito e curiosidade" quanto às nossas diferenças. "Com essa curiosidade, podemos efectivamente juntar-nos e celebrar as nossas diferenças", sustenta.

É o que acontece durante este espectáculo. "O Rodney e eu vimos de diferentes experiências, diferentes culturas, e temos aqui este ponto de encontro", realça a criadora. E será a deficiência dele sinónimo de um desafio acrescido? "Não. Já levo mais de metade da minha vida como artista", responde Rodney, notando que o mais importante é que a audiência veja "corpo e dança" na sua actuação - não será o único artista em cadeira de rodas a actuar no Festival dos Canais; a Stopgap Dance Company também se apresentará, no sábado (17h00), com um bailarino em cadeira de rodas.

Ao longo de 20 minutos, os dois bailarinos vão-se movimentando no ar, agarrados a dois cabos, numa operação em que entra um terceiro elemento. "Apesar de o trabalho parecer um dueto, é, na verdade, um trio. Há três pessoas a 'dançar' e uma delas é fundamental para a criação e evolução deste trabalho, que é o Greg [Kolbe]", frisa a criadora, destacando o papel do *rigger* (profissional responsável pela estrutura e sistema de suspensão) nesta *performance*, que será apresentada em quatro momentos: 17h30 e 19h00, hoje e amanhã.

DAVID LEVENE

Chloe Loftus e Rodney Bell dançam hoje e amanhã

Diferentes artes e palcos

Outro dos destaques da programação passa pelo concerto inédito que junta o músico Castello Branco à cantora e compositora Garota Não, à escola Palco Central e ao colectivo Coro Santa Joana - irão hoje subir ao palco do Cais da Fonte Nova, pelas 22h00. Resistência (amanhã, às 22h00) e Mariza (domingo, às 19h00) protagonizarão os outros dois grandes concertos da edição deste ano, num cartaz que reserva a noite de sábado para o espectáculo de grande formato *Acqua Forte, a phantasmagoria on the water*, da companhia francesa Ilotopie (exibição marcada para as 22h00, desde a Antiga Capitania até ao Cais da Fonte Nova). É também sobre a água que irá desfilar a instalação *Cygnus*, com apresentações diárias, às 21h00, naquele mesmo cais.

No trimestre dedicado, pela Capital Portuguesa da Cultura (Aveiro 2024), ao tema da sustentabilidade, as preocupações ambientais têm lugar cativo na programação, através da apresentação de *Sliding Slope*, de Hellend Vlak, que "brinca com a ideia de negação, lançando uma questão: quanto mais tempo iremos fazer de conta de que não vemos a subida do nível do mar e as mudanças climáticas?" – para ver sexta, sábado e domingo, pelas 16h00, na Fonte Nova.

O festival volta a oferecer dois dos seus recintos mais emblemáticos: a Sala de eSTAR, equipada com mobiliário doméstico (na Praça da República), e a Funky Beach, uma praia urbana com areia, ambos proporcionando serviços de bar, concertos e DJ (junto ao Museu de Aveiro/Santa Joana). Destaque ainda para o Jardim das Brincadeiras, na Baixa de Santo António, que promete ser um espaço acolhedor e repleto de actividades para crianças e famílias.

Quem também volta a ter presença assegurada é a Fanfarra dos Canais, liderada pela Oficina de Música de Aveiro e que conta com a participação da comunidade – alguns dos seus músicos recrutados através de uma *open call*. Vai andar a percorrer as ruas da cidade ao longo dos cinco dias, com um concerto final agendado para as 17h30 de domingo.

Última colónia urbana de peneireiros no país em risco

Patrícia Carvalho

Colónia de Mértola já foi a maior do país, mas passou de 16 casais em 2021 para sete no ano passado e quatro este ano

Os peneireiros-das-torres de Mértola, que constituem a última colónia urbana da espécie no país, podem estar muito perto de desaparecer, depois de terem decaído de forma acentuada nos últimos três anos. Em 2021, ainda por ali andavam 16 casais, no ano passado foram só sete e este ano existem apenas três com crias confirmadas e mais um cujo sucesso reprodutor não foi possível avaliar. "Para o ano, não tenho por que pensar que não vão voltar, mas nos próximos cinco anos podemos já não ter colónia", admite Carlos Carrapato, do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

É um problema muito específico desta colónia e que não estará a afectar a restante população de peneireiros-das-torres ou francelhos (*Falco naumanni*) que, há três anos, contava com cerca de 500 casais no país, 70% a 75% dos quais na Zona de Protecção Especial (ZPE) de Castro Verde. As estimativas mais recentes apontam para que a população nacional se situe acima dos 700 casais.

Rita Alcazar, coordenadora do núcleo de Castro Verde da Liga da Protecção da Natureza (LPN), que tem seguido de perto a espécie há mais de 20 anos, admite que, neste momento, face à recuperação que se viveu durante este século, não tem havido um "acompanhamento tão detalhado" dos peneireiros-das-torres, mas também não há qualquer indício de que exista um declínio visível da espécie. Com excepção da colónia de Mértola. "Infelizmente, é quase um final anunciado, porque não se consegue reverter a questão da falta de alimento em redor da colónia, o que torna muito difícil eles conseguirem sobreviver", diz a bióloga.

A colónia de Mértola já foi a maior do país, com cerca de 80 casais, mas o declínio da espécie, que se fez sentir de forma intensa na segunda metade do século passado, acabou por a afectar fortemente. A ela e a outras colónias que existiam em cidades e vilas do país. "Se a colónia de Mértola desaparecer, será uma perda, porque estamos a falar de uma espécie que ocorria em muitas cidades e vilas portuguesas", diz Rita Alcazar.

As estimativas mais recentes apontam para que a população nacional se situe acima dos 700 casais

As intervenções de recuperação em muralhas e antigos castelos, que taparam as aberturas onde faziam os ninhos, fizeram decrescer os locais para nidificar desta espécie migratória, que passa a Primavera e o Verão por cá, onde se reproduz, partindo depois para África. A juntar a isso, as mudanças na paisagem fizeram diminuir a disponibilidade de alimento. Junte-se a predação e a competição com outras espécies, e a vida não é fácil para estes pequenos falcões. Para os de Mértola, as distâncias que têm de percorrer para conseguirem encontrar um grilo ou um gafanhoto para alimentar as crias serão a causa principal para o declínio.

Em Mértola, além de os bons locais para nidificar não serem muitos, é mesmo a dificuldade em obter alimento que mais prejudica a espécie, com as aves a terem de percorrer vários quilómetros para obter nutrientes. Um problema que se tentou combater, realizando protocolos com agricultores, para que deixassem alguns hectares das suas propriedades com áreas por ceifar e colheitas mais adequadas ao desenvolvimento de alimento para esta e outras espécies. Em 2021 ainda avançou um projecto-piloto, que permitiu, através de um protocolo com agricultores, manter um campo de 30 hectares, a cerca de dois quilómetros da vila, com alimento para os peneireiros. Só que, diz Carlos Carrapato, esses protocolos são limitados a um ano, e com a seca, nos dois anos seguintes ninguém os quis celebrar. O responsável do ICNF compreende os agricultores: "A comida não chegava para os animais."

O ICNF garante que "estão a ser feitos vários esforços para tentar inverter a tendência de diminuição" da colónia de Mértola, que passam pela "procura de fontes de financiamento para tentar implementar medidas semelhantes às de 2021".

Eleição decidida? "Ainda estamos no minuto 22 deste jogo"

Entre a euforia dos apoiantes de Trump, veteranos republicanos alertam que o resultado continua em aberto, nas mãos de um reduzido número de cidades e subúrbios

Reportagem

Pedro Guerreiro, em Milwaukee

As eleições presidenciais norte-americanas de Novembro ainda não têm desfecho garantido, apesar da atmosfera triunfalista e do clima de unanimidade que marcam a convenção republicana de Milwaukee, na ressaca do atentado falhado contra Donald Trump e perante a incógnita em torno da recandidatura de Joe Biden. Di-lo Scott Klug, antigo congressista republicano pelo Wisconsin, ex-jornalista e actual lobista, questionado pelo PÚBLICO, argumentando que a euforia dos apoiantes de Trump na convenção "não reflecte o sentimento generalizado do eleitorado", e que as presidenciais estão nas mãos de indecisos e independentes num número restrito de pontos no mapa nacional.

"Fala-se em sete, oito, nove estados decisivos, mas as eleições vão ser provavelmente decididas em sete, oito, nove condados nesses estados", apontou. A cidade universitária de Madison e os arredores de Milwaukee, no Wisconsin; os subúrbios de Filadélfia e a região de Eire, na Pensilvânia; e a cidade de Grand Rapids, no Michigan, são para Klug os campos de batalha a acompanhar na noite de 5 de Novembro.

Ali, como no resto do país, fatias maioritárias do eleitorado consolidaram há muito o seu apoio a Trump ou a Biden. Mas a eleição será ganha ou perdida por margens curtas, e uma franja de independentes e de "eleitores ocasionais" ainda não decidiu o seu voto, argumenta. "No final do mês de Agosto, depois de prepararem o regresso dos miúdos à escola e de organizarem os seus calendários, aí é que os eleitores vão começar a prestar atenção à campanha", diz Klug, que recorre a uma metáfora futebolística para os leitores portugueses: "Isto é como a final do Euro entre Espanha e Inglaterra, em que o jogo oscilava de um lado para o outro. Ainda estamos no minuto 22 deste jogo."

E o que poderá influenciar a decisão de independentes e indecisos? Uma série de "imponderáveis", como o ataque de sábado na Pensilvânia ou uma possível desistência de Biden, as fragilidades intrínsecas das duas principais candidaturas, e ainda as dúvidas em torno dos votos de protesto e da presença do independente Robert F. Kennedy nos boletins, considera.

"Não penso que Kennedy vá estar nos boletins de voto em estados suficientes para ter força como candidato independente e sinto que [a sua campanha] está a esmorecer", diz Klug, apontando o elevado número de assinaturas necessárias para ter o nome na lista de candidatos presidenciais na Califórnia, Nova Iorque, Texas e Florida. Onde aparecer nos boletins, Kennedy é um hipotético destinatário de votos de protesto de quem rejeita simultaneamente Trump e Biden.

McCarthy desvaloriza Vance

Mas, no jogo das margens finas, a política externa também pode penalizar Trump, sobretudo após a escolha de J.D. Vance, um isolacionista crítico do apoio à Ucrânia, como seu candidato à vice-presidência. Ressalvando que o conhecimento do eleitor médio norte-americano sobre a actualidade internacional é limitado, Klug alerta que o apoio à NATO é maioritário "porque a experiência da Guerra Fria ainda faz parte do quadro mental", e que existe uma percepção generalizada de que "a Rússia é uma ameaça e a China é uma ameaça".

[Os aliados europeus] não devem temer o Presidente Trump com base na escolha de Vance

Kevin McCarthy
Ex-líder republicano da Câmara dos Representantes

Kevin McCarthy desvaloriza o impacto da escolha de Vance na política externa de uma segunda Presidência Trump. Num encontro do Centro de Imprensa Estrangeira do Departamento de Estado em Milwaukee, o antigo líder dos republicanos na Câmara dos Representantes sugeriu que o senador de 39 anos não tem estatura para se impor sobre Trump e afirmou que o candidato presidencial não irá romper com a NATO, fazendo uma releitura do primeiro mandato: "O que o Presidente Trump fez foi incentivar os europeus a investirem na sua defesa", diz, argumentando que a sua presidência foi a única em tempos recentes em que a Rússia de Vladimir Putin não invadiu ou anexou territórios vizinhos.

Os aliados europeus "não devem temer o Presidente Trump com base na escolha de J.D. Vance", disse McCarthy, que dramatizou um momento internacional "semelhante ao de 1938" e comparou Putin a Hitler, traçando paralelos entre a invasão do Donbass, Crimeia e partes da Geórgia com a anexação da Áustria e dos Sudetas.

Um caminho para Biden

De volta à eleição de Novembro, o que faria McCarthy se fosse chamado a salvar a campanha democrata? Ainda há um caminho para a vitória de Biden? "Tem de se colocar à frente do público norte-americano e mostrar que é diferente do que mostrou no debate" de Junho com Trump, sugere. "Eu estaria na TV o máximo de tempo possível."

A tentativa de assassínio de Trump, argumenta McCarthy, pode também ter ajudado paradoxalmente a campanha para a reeleição de Biden, dando-lhe a oportunidade de falar à nação a partir da Sala Oval, de suspender anúncios para reavaliar a sua mensagem, e de calar momentaneamente os apelos democratas à sua desistência. Esse

JIM LO SCALZO/EFE

No primeiro dia da convenção do Partido Republicano, Donald Trump foi aclamado como um herói

CHENEY ORR/REUTERS

silêncio, diz McCarthy, deve ser aproveitado por Biden para "acelerar" e "trancar" o seu processo de nomeação antes da convenção democrata de Agosto em Chicago. A partir daí, a campanha acelera para a disputa dos poucos estados que decidirão a eleição. McCarthy converge com Klug: Michigan, Wisconsin e Pensilvânia são a chave para a Presidência.

E o caminho para a Casa Branca será feito em torno de dois grandes temas: a economia e a imigração. E aí, considera Klug, os democratas partem em desvantagem. "A campanha de Biden irá sublinhar os números da economia e argumentar que esta está melhor do que aquilo que é a percepção pública, mas a percepção pública é a percepção pública", sublinha.

Na imigração, e apesar de reconhecer que os republicanos dinamitaram um acordo entre os dois partidos no Congresso no início do ano para que a crise na fronteira com o México pudesse continuar a ser explorada eleitoralmente por Trump (e acusando os democratas de terem feito o mesmo em 2006), Klug diz que Trump é naturalmente beneficiário.

"Dinheiro no bolso"

Em Milwaukee, os republicanos preparavam-se para uma segunda noite de discursos sob o mote *Make America Safe Again*, pintando um cenário negro sobre a entrada desregulada de imigrantes ilegais no país e o seu efeito nos índices de crime (apesar de os números não confirmarem uma relação directa ou forte entre os dois fenómenos) e sobre o efeito da desprotecção das fronteiras na explosão da actual crise de toxicodependência (novamente, não é clara a origem de grande parte das substâncias sintéticas que dominam o consumo ilícito nos Estados Unidos).

Na noite anterior, várias intervenções na convenção relacionaram a imigração ilegal com a estagnação salarial e o encarecimento da habitação. A maioria, no entanto, não recorreu a esse elo para martelar uma das mensagens-chave da campanha republicana: que os norte-americanos tinham mais dinheiro durante a era Trump. Charlie Kirk, controverso polemista, centrou a questão nas gerações mais jovens, dizendo que estas estão a adiar cada vez mais a constituição das suas famílias devido ao preço das casas, e que, se "antes compravas um carro, agora alugas uma trotinete numa *app* qualquer".

Amber Rose, ex-modelo e cantora, a carta mais fora do baralho no elenco da primeira noite, recrutada para atrair votos jovens e não-brancos, acabou por fazer a defesa mais eficaz da mensagem económica da campanha republicana: "Quando vais ao supermercado comprar comida para a tua família, ficas chocado. Quando abasteces o carro, ficas furioso."

Entre Biden e Trump, disse, o que vai decidir o voto é "o dinheiro no bolso".

O feitiço contra o feiticeiro, ou talvez não

Opinião

Nuno Severiano Teixeira

Pode ter sido um choque, mas não foi, certamente, uma surpresa. O atentado contra Donald Trump não é nada de novo na história política americana. Pelo contrário, insere-se numa longa tradição de violência política que caracteriza a história dos Estados Unidos da América. Desde o assassínio de Lincoln, em 1865, ao de Kennedy, em 1968, quatro presidentes foram mortos (Lincoln; Garfield; McKinley; e Kennedy), três foram feridos (Ted Roosevelt, Reagan e Trump) e 16 foram vítimas de tentativas falhadas de assassínio. Feitas bem as contas, dos seus 46 presidentes, 9% foram assassinados e 35% foram vítimas de, pelo menos, uma tentativa de assassínio. Isto é, a história política e eleitoral norte-americana está entre as mais violentas do mundo.

Mas a verdade é que, desde o atentado contra Reagan, em 1981, que há mais de quarenta anos o fenómeno não se repetia. Porquê, então, agora? E quais as causas do regresso de uma tal violência política? O atirador, um jovem de 20 anos sem antecedentes criminais e inscrito no Partido Republicano, terá tido as suas razões. Mas desconhecem-se ainda, e provavelmente nunca se conhecerão, as suas motivações e as causas psicológicas. Há quem aponte causas sociológicas e ponha a tónica nas redes sociais como motor do tribalismo, do discurso do ódio e da violência. Todas estas estão, certamente, presentes.

Mas as verdadeiras causas têm raízes mais profundas e mergulham no cruzamento de duas dinâmicas em movimento crescente na sociedade americana: a polarização política e o acesso às armas de fogo. A polarização política atingiu nos Estados Unidos uma natureza extrema em que os dois pólos em confronto o entendem como uma luta existencial. Não se trata, apenas, de uma competição eleitoral em que está em jogo a eleição do poder legítimo. Trata-se, sim, de um combate mortal em que a vitória do campo oposto significa ameaça aos seus valores fundamentais e à existência do próprio país em que acreditam e se revêem.

Um estudo recente do Chicago Projects on Security and Threats (realizado entre 20 e 24 de Junho de 2024 numa amostra de 2061 cidadãos) mostra que 7% de americanos, ou seja, 18 milhões, apoiam o uso da força para restabelecer Donald Trump na presidência; e ao mesmo tempo que 10%, ou seja, 26 milhões de americanos, apoiam o uso da força para impedir Donald Trump de chegar de novo ao poder. Para uns, um segundo mandato de Trump significa o fim da democracia, para outros, a democracia já acabou. Em 2020, com a "eleição roubada" de Biden. Significa isto que existem minorias radicais que recusam qualquer legitimidade ao campo oposto e, pelo contrário, acham legítimo o uso da violência política para desalojar o adversário.

Ora, é este caldo de cultura que favorece não só os motins do tipo de 6 de Janeiro, como os actos desesperados dos lobos solitários, como terá sido agora o caso. E é aqui que a dinâmica da polarização política se cruza com a dinâmica do acesso às armas. No mesmo estudo mostra-se que, dos 26 milhões de americanos que consideram justificada violência para impedir Trump de chegar à presidência, nove milhões possuem armas de fogo. E dos 18 milhões que consideram justificado o recurso à força para devolver Trump à presidência, sete milhões possuem armas de fogo. Se o adversário não tem sequer legitimidade para existir e se o uso da força é legítimo, então, quando a mudança não se consegue nas urnas, procura-se por outros meios.

Donald Trump cultivou o tribalismo e a polarização, usou o discurso do ódio e legitimou a violência

O problema é que muitos dos que pensam assim são os mesmos que possuem as armas de fogo. Trump é um deles. Cultivou o tribalismo e a polarização, usou o discurso do ódio e legitimou a violência e impediu, sempre, qualquer controlo sobre as armas de fogo. Foi, agora, vítima de tudo isso. Ou talvez beneficiário. O feitiço virou-se contra o feiticeiro. Ou talvez não. Quem sabe se o feiticeiro ainda ganha com isso?

Professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa; director do Instituto Português de Relações Internacionais

DESCARBONIZAÇÃO: UM IMPERATIVO AMBIENTAL E UMA OPORTUNIDADE PARA REFORÇAR A COMPETITIVIDADE DO SECTOR QUÍMICO PORTUGUÊS

Fernanda Ferreira - Diretora-Geral da DGAE; Luís Guerreiro - Presidente do IAPMEI; Joana Veloso - Diretora do Departamento de Alterações Climáticas da APA; Jerónimo Meira da Cunha - Diretor-Geral da Direção-Geral de Energia e Geologia; Bruno Veloso - Vice-Presidente da ADENE - Agência de Energia; Carla Pedro - Diretora-Geral da APQuímica (moderação)

Pela primeira vez na sua história industrial, Portugal dispõe de recursos energéticos abundantes. Portugal é pobre em recursos energéticos fósseis (carvão, petróleo, gás natural) mas, a nível Europeu, é um país rico em recursos energéticos renováveis (energia hídrica, eólica e solar). A disponibilidade de fontes de energia a um custo competitivo sempre foi um importante factor de competitividade para a indústria. A transição energética constitui, também, uma oportunidade para a indústria nacional reforçar a sua competitividade.

As empresas associadas da APQuimica consideram a descarbonização um imperativo ambiental, mas também parte central da sua estratégia competitiva a nível global. É importante criar um entendimento alargado a este nível na Sociedade Portuguesa e trabalhar em conjunto, defendem associados da APQuímica e Secretária de Estado da Energia.

Portugal é um país rico em energias renováveis que muito favorecem o seu potencial competitivo. Esta é uma ideia defendida e acarinhada pela APQuímica, que apresentou, nas instalações da sua associada HyChem, na Póvoa de Santa Iria, o Roteiro para a Neutralidade Carbónica da Indústria Química até 2050.

"Pela primeira vez na sua história industrial, Portugal dispõe de recursos energéticos endógenos em abundância", como a energia solar ou éolica, descreveu o presidente da APQuímica, Luís Gomes. "O acesso a fontes de energia abundantes e a custo competitivo sempre foi um aspecto crucial para a competitividade da indústria tanto em Portugal como no exterior. Somos um país pobre em recursos energéticos fósseis. A transição energética tem o potencial para alterar significativamente o contexto para a indústria instalada e que se queira instalar em Portugal", explicou.

Um diagnóstico com o qual concordou a Secretária de Estado da Energia, Maria João Pereira. "É a primeira vez que Portugal tem esta vantagem de forma tão destacada" e que é "um factor de competitividade": "A energia em todas as suas formas sustenta actividades diárias, impulsiona o desenvolvimento", referiu a governante, para quem este "roteiro é um instrumento fundamental" face ao "grande desafio" que a indústria química encontra. Existe neste momento uma "enorme oportunidade de transformar um sector consumidor em produtor", mas é "necessário muito investimento em tecnologia e investigação para alcançar as metas."

"Da parte do governo", disse, "existe o compromisso de trabalhar em cooperação com o sector, entidades públicas e privadas para desenvolver políticas públicas que possam promover a competitividade no contexto internacional e o desenvolvimento sustentável", concluiu Maria João Pereira, perante uma plateia onde estava o sector, representantes de outros sectores parceiros e também responsáveis da Direção-Geral das Actividades Económicas, do IAPMEI, da Agência Portuguesa do Ambiente, da Direção-Geral de Energia e Geologia e da ADENE.

É neste "contexto favorável", como referiu Luís Gomes, que a indústria química definiu a transição energética e a descarbonização como "a prioridade". São um "imperativo ambiental, mas tornaram-se também estratégia fundamental do negócio", disse, explicando que "estas duas dimensões vivem a par: descarbonizar e, ao mesmo tempo, tornarmo-nos, através disso, mais competitivos"

O roteiro agora apresentado serve como "uma ferramenta que vai ajudar a indústria química como um todo a entender onde está e qual o caminho que tem de fazer para atingir a neutralidade carbónica." E faz ainda mais, acrescentou a Directora-Geral da APQuímica, Carla Pedro: os projectos de descarbonização que se estão a desenvolver "criam caminhos não apenas para a descarbonização do sector, mas também para apoiar processos de descarbonização de outros sectores da economia, com quem aliás o sector já se encontra a trabalhar".

Com um peso de 21,7% em volume de negócios na indústria transformadora nacional, o diagnóstico feito pela EY conclui que este é um sector com uma dinâmica interessante de crescimento, transversal e relevante para a generalidade da indústria e da economia portuguesa (52% dos produtos voltam para a produção nacional). Emprega directamente 19 mil pessoas (com qualificações altas e rendimentos acima da média nacional) e está fortemente territorializada (Grande Porto, Estarreja/Aveiro, Lisboa/Setúbal e Sines) em lógicas

"

É UMA PRIORIDADE ABSOLUTA. DESCARBONIZAR E, AO MESMO TEMPO, TORNARMO-NOS, ATRAVÉS DISSO, TAMBÉM MAIS COMPETITIVOS."

Luís Gomes
Presidente APQuímica

de cluster que, segundo a análise feita pela consultora para a APQuímica, facilitam processos de simbiose industrial e circularidade. Tendo dimensão elevada quando comparadas com o todo nacional, as principais empresas do sector são ainda assim empresas pequenas a nível Europeu, necessitando de ganhar escala para atingirem maiores níveis de produtividade e competitividade nos mercados internacionais em que operam.

O diagnóstico definiu também o sector nacional como fortemente inovador e apontou a "premência" da descarbonização. Manuel Gil Antunes, CEO da HyChem, deu o exemplo da sua empresa que tem já 90 anos, quando foi fundada como Soda Póvoa, pelo grupo belga Solvay. Entretanto adquirida pela Algora, do grupo português A4F, tem o desígnio actual de "química sustentável": "A HyChem tem vindo a ser pioneira neste processo desde há mais de 10 anos. Primeiro, pela quase plena electrificação dos seus processos produtivos, tornando-se grande consumidora e reduzindo a emissão directa de dióxido de carbono", explicou. E também por transformar o seu pólo num "living lab da transição energética, produção de hidrogénio verde, desenvolvimento de tecnologias de produção, armazenamento e transporte de hidrogénio verde e da implementação de soluções da economia circular". Manuel Gil Antunes explicou que "o roteiro constitui uma oportunidade para aprofundarmos o nosso trabalho em colaboração com outras empresas deste e de outros sectores económicos, para trabalharmos em conjunto com as comunidades nas quais nos inserimos e onde deixamos a nossa marca por décadas para assegurar um futuro verdadeiramente sustentável", concluiu, num apelo ao trabalho conjunto, também manifestado pelos representantes da Bondalti, Galp e Repsol Polímeros (ver caixa).

"O desafio é dar o passo para competir com as empresas maiores e globais, pelo que têm de trabalhar em parcerias", explicou, em entrevista, Marco Mensink, Director-Geral do Conselho Europeu da Indústria Química Europeia (CEFIC), também presente no evento. "É o que vemos na Europa: a chave para resolver isto são parcerias com cientistas no país e também em toda a Península Ibérica." É que Portugal tem, de facto, "uma vantagem competitiva em relação aos restantes países europeus, com um forte potencial para aceder a energia renovável abundante e barata; existe criatividade para pensar fora da caixa, a indústria é relativamente pequena, mas também é flexível", descreveu.

"

DA PARTE DO GOVERNO, EXISTE O COMPROMISSODE TRABALHAR EM COOPERAÇÃO COM O SECTOR, ENTIDADES PÚBLICAS E PRIVADAS, PARA DESENVOLVER POLÍTICAS PÚBLICAS QUE POSSAM PROMOVER A COMPETITIVIDADE NO CONTEXTO INTERNACIONAL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL".

Maria João Pereira
Secretária de Estado da Energia

"

O ROTEIRO CONSTITUI UMA OPORTUNIDADE PARA APROFUNDARMOS O NOSSO TRABALHO EM COLABORAÇÃO COM OUTRAS EMPRESAS DESTE E DE OUTROS SECTORES ECONÓMICOS, PARA TRABALHARMOS EM CONJUNTO COM AS COMUNIDADES NAS QUAIS NOS INSERIMOS E ONDE DEIXAMOS A NOSSA MARCA POR DÉCADAS PARA ASSEGURAR UM FUTURO VERDADEIRAMENTE SUSTENTÁVEL"

Manuel Gil Antunes
CEO da HyChem

Investir mais de seis vezes

Marco Mensink definiu o contexto europeu actual focado em questões de defesa – onde áreas como a farmacêutica, o desenvolvimento de semicondutores, a produção de hidrogénio, são essenciais. E também alertou para a necessidade de o sector ter de "entrar em acção urgentemente e não esperar mais": "Temos uma lei europeia do clima que diz que vamos ser neutrais até 2050. Esqueçam 2050, pensem em 2040. Para a Europa ser neutral em 2050, a indústria tem de o ser em 2040", explicou, sublinhando que os investimentos têm de suceder já "amanhã". O CEFIC desenvolveu um modelo de descarbonização que define cenários e o impacto das medidas – o modelo iC2050, a partir do qual se estruturou também o roteiro agora apresentado pela APQuímica, que o adapta à realidade nacional.

Mensink deixou, todavia, um importante alerta: para que tudo isto suceda, é necessário um investimento seis vezes superior a tudo o que já foi feito. Com "o nosso modelo vê-se que os investimentos têm de ocorrer para se conseguir cumprir as metas", disse. Luís Delgado, da Bondalti, confirmou que, para além do hidrogénio verde, a empresa está já a realizar significativos investimentos na sua transição energética, por exemplo, em parques solares fotovoltaicos, em armazenamento, na electrificação de caldeiras e na reestruturação eléctrica do complexo de Estarreja. "É um projecto muito abrangente e que nos vai permitir reduzir em mais de 30% as nossas emissões", referiu.

Como resumiu Manuel Gil Antunes, "a indústria química está a ser um exemplo, inovando, investindo e arrastando as outras empresas para fazerem como nós."

"

95% DE TODOS OS PRODUTOS FABRICADOS TÊM UMA COMPONENTE QUÍMICA. NÃO PODEMOS VIVER SEM A QUÍMICA. PODEMOS TORNÁ-LA MAIS SUSTENTÁVEL E REFORÇAR O SEU PAPEL AO SERVIÇO DE OUTROS SECTORES, DA ECONOMIA COMO UM TODO E DA PRÓPRIA SOCIEDADE."

Carla Pedro
Directora-geral APQuímica

AS PROPOSTAS DA INDÚSTRIA

Trabalhar em conjunto foi uma ideia comum.

- "Criar condições para que a indústria tenha acesso a mais energia, a melhor custo e de forma mais abrangente", sublinhou Luís Delgado, COO da Bondalti.
- Salvador Ruiz, director-geral da Repsol Polímeros, prevê uma mudança nas fontes das matérias-primas, que passarão a assentar menos em fontes carbónicas virgens e mais em fontes recicladas, assentes na circularidade, reutilização e valorização de resíduos. Considera que para o conseguir "temos de ter infraestruturas adequadas do ponto de vista elétrico e poder recircular água em processos industriais".
- Ronald Doesburg, do comité executivo da GALP, acrescentou a necessidade de maior transparência e estabilidade nos regulamentos e celeridade nas licenças para dar previsibilidade aos investimentos necessários. "Temos atrasos significativos no que construímos por causa das licenças e isso está a afectar o investimento, o negócio e o próprio processo de descarbonização da indústria. Procuramos um sistema de licenças flexível, modular, simples."

NÚMEROS

75 *Mais de 75 doutoramentos de investigação aplicada financiados no âmbito do EngiQ*

(www.eng-iq.pt)

Justiça internacional e Gaza: "Quem é o procurador que pode fechar os olhos?"

Entrevista

Sofia Lorena

Fadi Abbas Os países "devem assumir as suas responsabilidades", diz o bastonário da Ordem dos Advogados da Palestina

Israel enfrenta actualmente dois processos na justiça internacional, com a acusação de genocídio no Tribunal Internacional de Justiça e o anúncio, considerado histórico, do procurador do Tribunal Penal Internacional, Karim Khan, de que ia pedir mandados de captura para três líderes do Hamas, mas também para o primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu, e para o ministro da Defesa, Yoav Gallant, por crimes de guerra e contra a humanidade. Uma conferência sobre o acórdão do TIJ foi o pretexto para uma visita do bastonário da Ordem dos Advogados da Palestina, a convite da Associação Portuguesa de Juristas Democratas e do Movimento pelos Direitos do Povo Palestiniano e pela Paz no Médio Oriente. Fadi Abbas falou com o PÚBLICO na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Teve várias reuniões e esteve na Comissão de Negócios Estrangeiros da Assembleia da República. Como foi essa audiência?

Fomos convidados, foi uma boa reunião. Discutimos várias questões pertinentes de direitos humanos e da aplicabilidade do direito internacional, que penso ser o mandato e o dever dos advogados, dos defensores dos direitos humanos e dos legisladores. Queremos ter boas relações com todas as partes da comunidade internacional, incluindo associações e ordens, universidades, parlamentos e todas as instituições com apetência para realizar este tipo de debates, que têm como finalidade proteger o Estado de direito.

Como é que avalia as reacções internacionais às recentes decisões do Tribunal Internacional de Justiça, ordenando a Israel que suspenda "imediatamente" a ofensiva na cidade de Rafah, em Gaza, e aos desenvolvimentos no Tribunal Penal Internacional? Esperava mais pressão para que as deliberações fossem cumpridas?

RAMADAN ABED/REUTERS

"As imagens horríveis que vemos vindas de Gaza são inimagináveis", diz Fadi Abbas

> **Infelizmente, das três resoluções adoptadas pelo TIJ [a mais alta instância judicial das Nações Unidas], em Janeiro, Março e Maio, nenhuma foi aplicada**

Infelizmente, das três resoluções adoptadas pelo TIJ [a mais alta instância judicial das Nações Unidas], em Janeiro, Março e Maio, nenhuma foi aplicada. É muito importante que a comunidade internacional as proteja, especialmente porque a Carta das Nações Unidas é muito clara quanto ao objectivo da sua criação: proteger a paz e defender o Estado de direito. Os países devem assumir as suas responsabilidades, respeitar o direito internacional e as decisões dos tribunais. Têm de as aplicar.

E quando não o fazem, neste caso, cabe à ONU e ao Conselho de Segurança garantir o seu cumprimento. Acredita que isso pode vir a acontecer?

Temos de distinguir entre as decisões do TIJ, relativas às acções de países, e que só o Conselho de Segurança pode garantir que sejam aplicadas, e a questão do painel de juízes do TPI [que terá de decidir se emite os mandados pedidos pelo procurador] – não sei os mandados serão emitidos, se isso acontecer os [124] Estados signatários do Estatuto de Roma [que criou o tribunal] terão de os fazer cumprir. No contexto palestiniano, temos uma experiência com o parecer emitido em 2004 sobre o muro de separação [na Cisjordânia], com uma maioria de juízes do TIJ a dizerem que é ilegal. Mas o muro foi construído e está lá até agora. Nós acreditamos que chegou a altura de a comunidade internacional assumir o seu papel de protecção do direito internacional e obrigar Israel a cumprir as decisões dos últimos meses.

Em relação TPI, tivemos um país como a Alemanha a admitir que seria obrigado a cumprir essa ordem, prendendo e deportando Netanyahu, na hipótese de este visitar o país.

Não tenho a certeza se haverá um mandado; a verdade é que a política interfere nestes casos, tem a sua influência, não é puramente uma questão jurídica.

Mas só o facto de essa questão poder ser colocada não demonstra uma mudança na justiça internacional? Muitos especialistas consideravam impossível que um procurador fizesse um pedido destes, visando dirigentes de Israel.

Na verdade, as imagens horríveis que vemos vindas de Gaza são inimagináveis. Se quisermos fechar os olhos, só o podemos fazer até um determinado limite; quando a realidade da violência, da tragédia ultrapassa esse limite, já ninguém pode fechá-los. E é isso que está a acontecer agora. Mais de 40.000 palestinianos mortos, centenas de milhares de feridos, toda a infra-estrutura de Gaza destruída, todo um povo em risco... Quem é o procurador que pode fechar os olhos a isto? Foi isso que forçou a mudança, o facto de a realidade ser insuportável.

Mantém-se em contacto com os advogados de Gaza?

Mantenho-me em contacto com os nossos colegas e membros da direcção. Um deles foi ferido, a sede da Ordem dos Advogados foi bombardeada e perdemos cerca de 80 advogados e membros das suas famílias.

Como é que a vida dos advogados palestinianos mudou desde 7 de Outubro?

Na Faixa de Gaza, há cerca de 2500 advogados a viver numa situação terrível, e nós gastamos os recursos que podemos, enquanto instituição, para os ajudar. Mas há outra guerra, a guerra que não se vê, na Cisjordânia, que dificulta todos os aspectos da vida dos palestinianos e tem um efeito directo no sector da justiça. Actualmente não há liberdade de movimento e a maior parte dos casos estão paralisados nos tribunais e isto tem um efeito directo no tecido social e nas condições económicas. É impossível garantir a presença de um juiz, dos advogados e das testemunhas num mesmo local. E depois há a questão dos salários dos funcionários públicos, que a Autoridade Palestiniana não pode pagar. E muitas, muitas pessoas estão detidas, neste momento há 30 a 35 advogados presos, incluindo duas advogadas. A maior parte está sob detenção administrativa, sem acusação.

E o acesso às pessoas detidas por Israel?

É preciso distinguir entre o litígio perante os tribunais palestinianos, e é isso que eu digo que está quase paralisado, e o sistema de justiça militar de Israel, em que os palestinianos não conseguem ter um julgamento justo. Com as novas restrições da ocupação militar, é cada vez mais difícil a um advogado fazer uma visita a um residente palestiniano preso. E sabemos que muitos nem sequer têm acesso a alimentos adequados, a tratamento médico ou a visitas da família.

Roberta Metsola reeleita presidente do Parlamento Europeu

Rita Siza, em Estrasburgo

A maltesa do PPE torna-se a segunda eurodeputada a cumprir dois mandatos consecutivos, mantendo-se no cargo por cinco anos

Pouco depois de declarar a abertura dos trabalhos da 10.ª legislatura do Parlamento Europeu, ontem, em Estrasburgo, a eurodeputada maltesa do Partido Popular Europeu, Roberta Metsola, foi eleita para um segundo mandato de dois anos e meio como presidente da única instituição europeia eleita por sufrágio universal — prometendo aos 720 membros da nova câmara "manter a pressão para assegurar o direito de iniciativa legislativa", melhorar os poderes de escrutínio e "resolver outros desequilíbrios institucionais" com os outros órgãos da União Europeia.

"Este Parlamento não pode ter medo de liderar e de mudar. Não podemos aceitar que o nosso papel seja diluído. O parlamentarismo tem ser fortalecido", afirmou Metsola, que se comprometeu a trabalhar para "garantir que o Parlamento Europeu possa ser a potência legislativa e política" que os tratados prevêem.

Roberta Metsola tornou-se a segunda presidente do Parlamento Europeu a ser reeleita para se manter no cargo durante cinco anos. A sua confirmação ocorreu logo na primeira volta da votação, em que obteve 562 dos 623 votos expressos: um resultado histórico de 90% que já era esperado, e que certamente dará alento à equipa da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, que enfrenta, amanhã, um teste mais difícil em Estrasburgo.

A eurodeputada espanhola Irene Montero, que foi a cabeça de lista do Podemos nas europeias e avançou uma candidatura à presidência do Parlamento na véspera do arranque dos trabalhos, obteve 61 votos.

No seu discurso antes da votação, a vice-presidente do grupo parlamentar d'A Esquerda resumiu o seu manifesto político em defesa de "uma Europa de paz contra o genocídio em Gaza e a ocupação ilegal da Palestina, feminista, verde, anti-racista e antifascista, de direitos para os trabalhadores e justiça social".

Metsola apontou para a guerra de agressão da Rússia contra a Ucrânia e também para o conflito israelo-palestiniano como os dois maiores desafios de política externa que a UE tem pela frente. "O Parlamento Europeu continuará a ser o forte defensor de que a Ucrânia precisa, e não deixará de amplificar a voz do humanismo no Médio Oriente", desenvolvendo todos os esforços para que seja possível encontrar uma "paz sustentável".

RONALD WITTEK/EPA

Roberta Metsola obteve 562 dos 623 votos expressos, um resultado histórico de 90%

Metsola lembrou experiência" da União Europeia em "curar divisões aparentemente impossíveis"

"A guerra de agressão russa contra a soberania da Ucrânia mantém-se no topo da nossa agenda. Seremos chamados a fazer mais, e devemos estar preparados para ir além do que é confortável para defender a paz", sublinhou a presidente do Parlamento Europeu na sua primeira intervenção no hemiciclo após a votação, na qual lembrou a "experiência" da União Europeia em "curar divisões aparentemente impossíveis".

Para Metsola, essa será "a filosofia" que orientará a actuação do Parlamento Europeu em relação ao conflito no Médio Oriente, em que a prioridade é "pôr fim ao ciclo intergeracional de violência" e promover a solução de dois Estados, Israel e Palestina, a conviver lado a lado pacificamente.

Num discurso em que abordou quase todos os tópicos da campanha — competitividade, clima, transição digital, pilar social, migrações e asilo, direitos das mulheres e LGBTQI+ — Metsola pôs a tónica na defesa e segurança da Europa, para "contrariar os sonhos expansionistas dos ditadores da vizinhança [da Europa], derrotar as ameaças híbridas e defender a autonomia estratégica" da UE.

Depois de uma campanha agressiva, e que resultou num aumento das forças da direita radical no Parlamento Europeu — que nesta legislatura se dividirão por três grupos distintos, os Patriotas pela Europa, Conservadores e Reformistas Europeus, e Europa das Nações Soberanas, com um total de 187 votos, menos um do que a maior bancada do PPE —, Metsola também quis falar sobre "a polarização nas sociedades [da UE]", e denunciar a conflitualidade e mesmo violência no campo político.

"[Recuso as] respostas fáceis que dividem as nossas comunidades em nós e eles [e afastam e excluem as pessoas,] fomentando a raiva e o ódio em vez da esperança", declarou. "Temos de ultrapassar este pensamento de soma zero e compreender que estas políticas fáceis não oferecem soluções reais", considerou.

Polícia angolana tortura e executa sumariamente, e está pior

António Rodrigues

A polícia angolana mata impunemente, recorre habitualmente à tortura para extrair confissões a culpados e inocentes, viola sistematicamente os direitos humanos e transforma Angola num "Estado de selvajaria" que se sobrepõe ao Estado de direito. Um relatório que hoje é apresentado em Luanda sobre violações em algumas províncias de Angola registadas de Abril a Junho deste ano mostra "um agravamento" da situação.

"No período observado, ocorreu um agravamento em relação ao anterior, tendo-se registado execuções sumárias e uma morte derivada de tortura efectuada por agentes afectos ao Serviço de Investigação Criminal (SIC) no interior de uma esquadra da Polícia Nacional", lê-se no relatório elaborado pelas associações Mizangala Tu Yenu e Handela, em representação do Movimento Cívico Mudei.

O documento traz apenas casos registados em Luanda, Bié e Lunda Sul, mas são suficientes para "pintar um cenário preocupante", a precisar de "mobilização urgente" contra a impunidade com que as forças policiais actuam, nomeadamente a forma como o SIC utiliza recorrentemente a violação dos direitos humanos como "instrumento de investigação".

Um dos casos mais graves aconteceu em Maio no Kilambi Kiaxi, em Luanda. Seis homens que trabalhavam numa obra foram detidos por agentes da polícia que os levaram para a esquadra do Palanca 2. Aí "foram submetidos a tortura e tratamentos degradantes de tal forma violentos que, 14 dias depois, um desses jovens acabaria por perder a vida".

Oswaldo Makwala Nzila, de 27 anos, oriundo de Cabinda e residente no bairro do Palanca acabou por sucumbir "aos ferimentos do espancamento e da falta de assistência ao longo dos 13 dias de detenção", lê-se no relatório.

As torturas a que os seis foram sujeitos, nesses 13 dias em que passaram por três esquadras diferentes, incluíram "pancadas com objectos como catana, martelo e taco de golfe/basebol; afogamento simulado (o chamado *waterboarding*); pontapés, socos, bofetadas". Também passaram pela "infame tortura do helicóptero" que "consiste em atar os cotovelos aos tornozelos, atrás das costas, fazendo com o que o peito, apoiado no chão, forme um arco".

João Pedro, Pedro Alberto, Mabiala Dió e Kiyinga Makengo, quatro dos seis torturados durante 13 dias

Apresentados no Tribunal de Comarca de Belas a 7 de Junho, sem nunca confessarem qualquer crime, foi ordenada a sua libertação com termo de identidade, tendo o líder da equipa de investigação, que as vítimas identificaram como "Faria", sido detido, "colocado sob advertência de que seria aberto um processo por ofensas corporais que, em caso de óbito de algum dos detidos, seria agravado para homicídio qualificado".

"Agarram-se pessoas mais ou menos ao acaso e inicia-se uma sessão de tortura até que estas confessem que mataram Jesus Cristo", diz Luaty Beirão, do Mudei. Quando não se têm culpados, é preciso "inventá-los". Só que , neste caso, devido à teimosia dos detidos em reconhecer a culpabilidade que não tinham, "a polícia tanto torturou os seis cidadãos, que um deles acabou por morrer".

O relatório também identifica casos de violência extrema gratuita e impune, como aconteceu no Cazenga, situado ao lado do Palanca, na madrugada de 19 de Junho. Watucaneto Moreira "Zico", agente do SIC, terá, embriagado, matado a tiro o vizinho, Francisco Adriano Manuel (o "Ti Chico", de 65 anos), um sobrinho deste, José Paulo de Almeida (22 anos), e um neto, Bilson Paulo Gabriel (19 anos).

Tal foi a indignação dos vizinhos pelo acto do agente do SIC, "que, de forma reincidente, recorre ao seu estatuto de agente ao serviço do Estado' para intimidar os moradores", que gerou um protesto espontâneo dos moradores "quando a polícia proibiu os órgãos de comunicação social de registar o momento" de retirada dos cadáveres do local. Os agentes acabaram a usar gás lacrimogéneo, balas de borracha e munição real para dispersar a multidão.

Mercado dos táxis perdeu quase seis mil motoristas em três anos

Entre 2020 e 2023, o número de taxistas caiu 21,4%, chegando aos 21.217 motoristas, devido a factores como a pandemia de covid-19 e a inflação

Luís Villalobos

Em 2020, ano em que se iniciou a pandemia de covid-19, o mercado do táxi contava com 26.984 motoristas habilitados para este transporte público. No final do ano passado, de acordo com os dados do Instituto da Mobilidade e Transportes (IMT) disponibilizados ao PÚBLICO, esse universo tinha descido para 21.217 motoristas, o que representa uma queda de 21,4% entre 2020 e 2023 - equivalente a menos 5767 motoristas. Isto, apesar de sinais de alguma recuperação, já que em 2022 chegou a haver 20.224 motoristas registados no IMT.

O número de condutores de táxi esteve a subir em 2019 e 2020, mas sofreu uma queda abrupta logo em 2021, caindo para 21.902 motoristas. Este foi um ano em que a pandemia manteve um efeito negativo nas deslocações (aplicando-se várias restrições à circulação em táxi).

O número de empresas licenciadas para o transporte em táxi tem uma tendência um pouco diferente da dos motoristas, já que, recuando a 2018, havia nesse ano 10.058 empresas registadas no IMT, número que se foi sempre reduzindo até 2022, quando havia 9201 (-8,5% face a 2018). No ano passado, segundo os dados do IMT enviados ao PÚBLICO, houve uma recuperação, embora residual, para 9216 (mais 15 empresas).

Questionada sobre a razão da queda do número de motoristas, fonte oficial da Federação Portuguesa do Táxi (FPT) sublinhou o forte impacto provocado pela pandemia. "De lembrar que durante o período de isolamento social para defesa da saúde pública, a economia do táxi sofreu quebras de procura na ordem dos 80%. Essa realidade levou muitos profissionais a suspenderem a actividade, entregando as licenças de táxi às respectivas autarquias."

"Seguiu-se um surto inflacionista e, em 2023, a retoma ainda não ultrapassava os 80% do volume de viagens em táxi registados em 2019", acrescentou a mesma fonte. "O mesmo é dizer que parte significativa dos profissionais que suspenderam a actividade optaram, até à data, por outras formas de ganhar a vida", sintetizou a FPT.

Pedro Gonçalves, presidente da Associação Nacional Táxis Unidos de Portugal (ANTUP), criada no final de 2020, refere que "a quebra de existência de motoristas de táxi deve-se à falta de produtividade do sector e, por consequência, à incapacidade de adaptar salários justos aos motoristas". "Além disso, atravessámos dois anos de pandemia, o que fez com que houvesse menos serviço e evidentemente as pessoas procuraram outras profissões para exercerem", observa.

Estudo económico

A ANTUP, sublinha, "está preocupada", e, nesse sentido, solicitou à Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT) que "seja elaborado um estudo económico que defina exactamente os custos efectivos do exercício da actividade", até porque "o mesmo será necessário para a regulação do novo sistema tarifário que deverá estar concluído até 31 de Outubro, de modo a que as tarifas possam reflectir os custos verdadeiros da actividade para se poder pagar um salário justo aos profissionais do sector".

O sector do táxi tem enfrentado também a concorrência dos TVDE (de transporte individual de passageiros em veículo descaracterizado), sector que conta neste momento com 69.814 licenças de motorista activas, das quais 20.959 foram concedidas no ano passado, e 19.398 operadores com licença válida.

Em 2022 chegou a haver apenas 20.224 motoristas registados no Instituto da Mobilidade e Transportes

> **Quebra de existência de motoristas de táxi deve-se à falta de produtividade do sector e, por consequência, à incapacidade de adaptar salários justos aos motoristas**
>
> **Pedro Gonçalves**
> Presidente da ANTUP

A nova lei do táxi, publicada em Outubro do ano passado, prevê a existência de acordos entre municípios para gerir os táxis dessa mesma região, com tarifas específicas e a possibilidade de apanhar passageiros numa área mais alargada além do seu concelho de origem. No entanto, até agora ainda não foram criados contingentes intermunicipais, depois de o novo diploma defender que os táxis "não devem ficar confinados" às limitações dos concelhos.

Contactada pelo PÚBLICO, fonte oficial do regulador, a AMT, afirmou não ter "conhecimento de nenhuma medida implementada de gestão intermunicipal da actividade de transporte em táxi, designadamente de âmbito tarifário".

Os táxis que se deslocam para outros concelhos aplicam actualmente a chamada "tarifa de retorno em vazio", que, como explicou a Deco numa análise à aplicação da nova lei, é "mais cara", porque "no regresso não poderá tomar passageiros".

A lei prevê ainda a criação de contingentes intermunicipais sazonais, mas fonte oficial do IMT disse não ter recebido "qualquer informação de municípios". Do lado da Autoridade Metropolitana de Lisboa, a região que mais táxis engloba a nível nacional, fonte oficial afirmou que a Transportes Metropolitanos de Lisboa (empresa detida a 100% pela AML e encarregada da mobilidade) "não tem conhecimento de qualquer caso de contingentes supramunicipais ou gestão intermunicipal do serviço de táxi".

"A gestão intermunicipal com novos tarifários foi uma possibilidade que foi colocada pelo novo regime jurídico aprovado no final de 2023", contextualizou a mesma fonte, dando nota de que "a concretização de novos tarifários específicos relativos a serviços intermunicipais terá de respeitar o regulamento que a AML deverá aprovar no prazo de um ano após a entrada em vigor do novo enquadramento legal, o que ainda não ocorreu".

"Sem prejuízo, a TML encontra-se já a avaliar todas as oportunidades suscitadas pelo novo regime jurídico, quer no que respeita a futuros contin-

MIGUEL MANSO

gentes supramunicipais e à gestão intermunicipal, quer relativamente a soluções tarifárias, à digitalização e partilha de dados", acrescentou.

Segundo a nova lei, conforme sublinhou a AMT, "poderão ser definidas regras específicas tarifárias", antes da emissão de regulamentação feita pelo regulador, "estando, contudo, sujeitas a supervisão, ou seja, devem ser comunicadas e avaliadas pela AMT". "Até à data não foram emitidas regras específicas", destacou fonte oficial do regulador.

Regulamento tarifário

Questionada sobre o regulamento tarifário que terá de elaborar até Outubro, a AMT refere que "ainda em 2023 foi iniciado o estudo jurídico, económico e financeiro que irá sustentar tais regras gerais".

"A AMT tem estado a recolher os dados de base, a efectuar exercício de *benchmarking*, a ouvir municípios, comunidades intermunicipais e áreas metropolitanas, consumidores, bem como associações representativas do sector", explicou.

"O prazo estabelecido para emissão do regulamento será cumprido, sendo certo que será sujeito a consulta pública", sustentou a mesma fonte, clarificando que, "após a emissão do regulamento com as regras gerais, as regras específicas locais também terão de ser aprovadas por regulamento e sujeitas a consulta pública".

Por parte das associações do sector, a FPT afirmou ser "forte defensora da gestão intermunicipal" e que, no âmbito do grupo de trabalho que esteve ligado à nova legislação, ficou concluído que essa estratégia é "fundamental" para o "aumento da rentabilidade e melhor resposta às necessidades das comunidades".

"A FPT, ao abrigo do novo regime jurídico, já trabalha com entidades públicas para concretização desse objectivo, nomeadamente na criação do regulamento tarifário, uma das peças necessárias para implementação do propósito", explicou fonte oficial da FPT.

Do lado da ANTUP, esta remeteu a aplicação da gestão intermunicipal para quando for definido o novo sistema tarifário.

FMI alerta para risco de juros altos por mais tempo

Sérgio Aníbal

Fundo passou a apontar para descida mais lenta da inflação, o que pode "complicar a normalização da política monetária"

O Fundo Monetário Internacional (FMI) manteve quase sem alterações as suas previsões para o crescimento das principais economias mundiais, mas passou nos últimos três meses a estar mais preocupado com a resistência de pressões inflacionistas, algo que, avisa, poderá atrasar o ritmo de descida das taxas de juro por parte dos bancos centrais.

Na actualização das suas previsões económicas ontem realizada, a entidade com sede em Washington voltou, tal como já tinha feito em Abril, a apontar para um crescimento este ano da economia mundial de 3,2%, o que representa uma estabilização do ritmo de actividade económica depois da variação de 3,3% registada no produto interno bruto (PIB) mundial em 2023. No que diz respeito a 2025, a previsão de crescimento do FMI passou de 3,2% em Abril para 3,3%.

A ausência de surpresas significativas ao longo dos últimos três meses não impediu, contudo, que os responsáveis do fundo fizessem alguns ligeiros acertos nas estimativas realizadas para cada um dos grandes blocos mundiais.

Enquanto nos EUA a previsão de crescimento para este ano foi revista em baixa em 0,1 pontos percentuais, para 1,9%, e no Japão em 0,2 pontos, para 1%, no caso da zona euro e da China, o FMI passou a estar ligeiramente mais optimista. A projecção de crescimento na zona euro passou de 1,4% em Abril para 1,5% agora, enquanto a da China subiu de 4,1% para 4,5%.

A grande alteração de perspectivas ocorreu, todavia, na evolução esperada dos preços. Em Abril, o fundo estava mais confiante na velocidade a que a taxa de inflação continuaria a caminhar para os objectivos definidos pelos bancos centrais, mas, agora, aquilo que assinala é que "os preços nos serviços estão a atrasar os progressos no processo de desinflação, o que está a complicar a normalização da política monetária".

Tanto nos EUA como na zona euro, a persistência da inflação nos serviços está a ser vista pelos bancos centrais como a última grande barreira para que possam descer de forma mais rápida as taxas de juro. Até agora, o Banco Central Europeu (BCE) realizou apenas uma descida das suas taxas de juro de referência em Junho (de 4% para 3,75%) e a expectativa é a de que esta semana opte por manter os juros inalterados, preferindo esperar por mais dados para eventualmente, na reunião de Setembro, fazer outra descida.

Nos EUA, a Reserva Federal ainda não começou a descer as taxas de juro, havendo a expectativa de que, em Setembro, se os dados da inflação entretanto ajudarem, isso poder acontecer.

1,5%

É a nova previsão de crescimento económico do FMI para a zona euro em 2024, melhor que a anterior estimativa de 1,4%. No caso da China, passou de 4,1% para 4,5%

1,9%

É agora a estimativa do FMI de crescimento para o PIB dos EUA, menos 0,1 pontos percentuais do que a estimativa de Abril. Para o Japão, a previsão desce para 1%

2,4%

É a progressão do PIB de Espanha estimada pelo FMI, que revê assim em alta a anterior previsão de 1,9%. Em Abril, para Portugal, a previsão era de 1,7%

O risco, assinala o FMI, está na forma como irão evoluir os salários quando comparados com a produtividade. Se os salários aumentarem mais do que a produtividade, avisa o relatório ontem publicado, isso tornará "mais difícil às empresas moderar os seus aumentos de preços, especialmente nos casos em que as margens de lucro já forem apertadas".

Para o fundo, não há dúvida: nos últimos três meses, "os riscos em alta para a inflação aumentaram, reforçando as expectativas de taxas de juro mais altas durante mais tempo", algo que ocorre "num contexto de maiores tensões no comércio e de incerteza relativamente às políticas seguidas".

"Para gerir estes riscos e preservar o crescimento, a combinação de políticas deve ser aplicada de forma prudente para atingir a estabilidade de preços e reforçar as almofadas entretanto reduzidas", defende o fundo.

O FMI não apresenta no relatório publicado ontem, que é dedicado exclusivamente às principais economias do planeta, novas previsões para a economia portuguesa. Em Abril, as estimativas eram de um crescimento de 1,7% em 2024 e de 2,1% em 2025.

Há, no entanto, um indício positivo para a evolução futura das projecções para Portugal. O FMI reviu fortemente em alta a sua previsão de crescimento económico para a Espanha este ano, de 1,9% para 2,4%.

Tendo em conta a forte ligação que existe entre as economias portuguesa e espanhola, torna-se provável que o FMI venha a assumir em futuras revisões um cenário também mais positivo para a variação do PIB nacional.

YURI GRIPAS/REUTERS

FMI apresentou novas previsões para a economia mundial

"Faz sentido transportar hidrogénio de países com muito sol e vento para outros", diz TCE

Ana Brito

O Tribunal de Contas Europeu (TCE) entende que Bruxelas traçou metas "irrealistas" para produção de hidrogénio verde

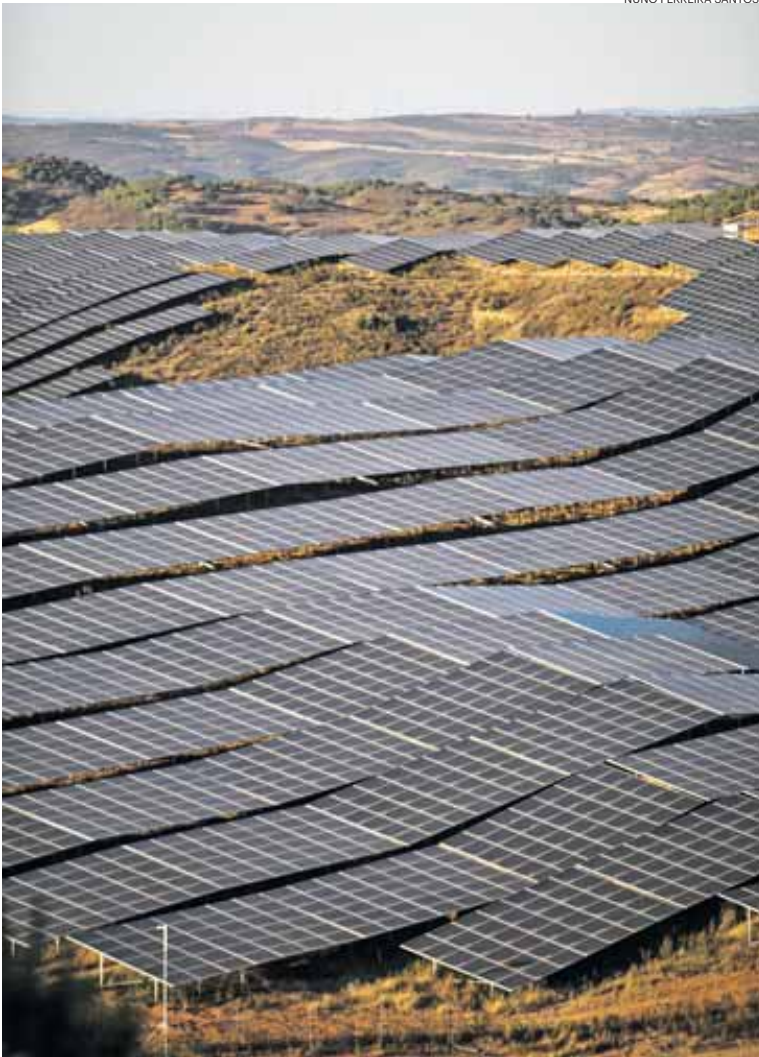
Em Julho de 2020, a Comissão Europeia apresentou a Estratégia do Hidrogénio, que traçava as linhas gerais de desenvolvimento de uma cadeia de valor na Europa para generalizar a produção deste gás renovável (produzido através de electricidade verde) e descarbonizar as actividades industriais e o transporte.

Passaram quatro anos e o Tribunal de Contas Europeu (TCE) vem agora dizer que Bruxelas traçou "metas irrealistas" (prevendo uma capacidade de produção de dez milhões de toneladas/ano em 2030), "motivadas por vontade política em vez de assentarem em análises sólidas" de produção e procura.

À luz do que se conhece hoje, "é pouco provável que se consigam alcançar estas metas para 2030", afirma o relatório "Política industrial da UE para o hidrogénio renovável", apresentado ontem pelo membro do TCE Stef Blok, em conferência de imprensa.

Blok frisou que a Comissão Europeia deverá "sentar-se à mesa" com os Estados-membros e a indústria e "fazer um ponto de situação" sobre os projectos de produção em curso, quais são as lacunas e as dificuldades, bem como o que se passa do lado da procura, entre os sectores considerados estratégicos, porque se concluiu que há casos em que as prioridades da Comissão não estão alinhadas com as dos vários países e a indústria não tem os incentivos nem a certeza regulatória para investir.

Segundo a análise, para "assegurar o desenvolvimento de um mercado do hidrogénio com características europeias", é preciso que o hidrogénio renovável seja disponibilizado prioritariamente a sectores como o químico ou a produção de aço, cimentos e fertilizantes, em que a electrificação da produção não é uma alternativa viável ou em que este gás renovável é usado como matéria-prima.

Depois, os Estados-membros, e "em especial os que podem produzir a energia renovável necessária, devem utilizar o seu potencial de produção de hidrogénio renovável para exportar os excedentes dentro da UE", mas, para isso, é também necessário "criar uma infra-estrutura europeia de base para o hidrogénio que esteja interligada" e que contemple o transporte, a distribuição e o armazenamento, para que o gás circule dos centros de produção para os compradores.

NUNO FERREIRA SANTOS

O hidrogénio verde é produzido a partir de energias renováveis

"Faz todo o sentido transportar hidrogénio de países com muito sol e vento para outros [Estados-membros]", sublinhou Blok na conferência de imprensa, quando questionado sobre os grandes gasodutos transfronteiriços, como o que se projecta a partir da Península Ibérica.

Mas o TCE alerta que "ainda não há garantia de que o financiamento público disponível permita explorar o potencial de produção de hidrogénio em toda a UE", e esse pode ser também um sinal negativo para os investidores privados ou mesmo para Estados-membros que ainda estão atrasados nas suas estratégias de descarbonização.

Se é certo que o hidrogénio verde é indispensável para a descarbonização de alguns sectores de actividade (na refinação de combustíveis deverá substituir o hidrogénio cinzento, produzido actualmente com gás, por exemplo), é preciso garantir que estes sectores continuam a ser competitivos, sob pena de as empresas deixarem a Europa e de se gerar outro tipo de dependências estratégicas, como a que se verificou em relação aos combustíveis fósseis russos, por exemplo.

Ou seja, há que "considerar as implicações geopolíticas de produzir hidrogénio na UE em comparação com importá-lo de países terceiros" e a Europa tem de saber "quais [indústrias] quer manter e a que custo". É preciso "um *reality check*", ou, numa tradução livre, uma espécie de "banho de realidade", defendeu Blok. E, depois de fazer esse ponto de situação, então a Comissão deve voltar com uma "nova ambição e mais realismo", explicou.

Com essa análise na mão, é preciso "calibrar" o que devem ser os subsídios à indústria, quer à produção, quer ao consumo. "O nosso ponto não é que todas as saídas de empresas para fora da UE devam ser impedidas, mas essa é uma análise que deve ser feita tendo em conta que tipo de dependências podem ser perigosas e se devemos evitar a dependência em relação a produtos básicos", como os fertilizantes ou o aço, explicou o responsável do TCE.

Custo é uma incógnita

Como exemplo de uma das inconsistências da estratégia europeia, o TCE lembra que a Comissão não definiu uma meta para o custo da produção de hidrogénio, quando, em comparação, os Estados Unidos fixaram uma meta de um dólar por quilograma (kg) em 2031. O preço do hidrogénio verde está relacionado com o custo do electrolisador, mas essencialmente com o custo da electricidade renovável necessária à electrólise da água.

O preço de produção continua a ser um factor de incerteza e não há uma referência europeia. O estudo refere os dados recolhidos pela Agência Internacional de Energia (AIE): "Estimou-se que a produção de hidrogénio utilizando gás natural custaria entre um e três dólares dos Estados Unidos por kg (2021), ao passo que a produção de hidrogénio renovável custaria entre 3,4 e 12 dólares [kg]."

Nos países em que o custo da produção renovável pode tornar o custo do hidrogénio demasiado dispendioso, para ultrapassar esta dificuldade "as empresas podem decidir parar os seus próprios projectos de produção de hidrogénio (nas suas instalações industriais) e, em vez disso, esperar até que o hidrogénio renovável possa ser fornecido através de gasodutos com outras origens", explica o relatório. "Este cenário é particularmente provável no caso de empresas industriais localizadas em zonas com baixo potencial de produção de electricidade renovável".

Numa situação destas, cresce a atractividade do hidrogénio produzido com electricidade renovável a um preço mais competitivo, como poderia ser o caso da electricidade produzida na Península Ibérica. Para isso, é necessário que o hidrogénio possa circular deste extremo da Europa para as zonas industriais do centro e Norte (segundo a REN, Portugal poderia suprir 3% das necessidades europeias de hidrogénio em 2030).

Embora a Comissão esteja a contemplar os gasodutos aptos para hidrogénio na lista de Projectos de Interesse Comum (PCI) – incluindo a terceira interligação de Portugal a Espanha e a ligação de Espanha a França –, como destacou a auditora sénior que acompanhou Stef Blok na conferência de imprensa de ontem, o financiamento disponível para estes projectos "é limitado".

A ministra do Ambiente e Energia, Graça Carvalho, afirmou recentemente que Portugal vai "continuar dentro do projecto", mas a obra de ligação entre Celorico da Beira e Zamora só avançará se e quando se iniciarem os trabalhos do gasoduto entre Barcelona e Marselha.

PUBLICIDADE

Arminda Barreto de Carvalho Da Silva Cristo

FALECEU

Sua Família, participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, quinta-feira, 18 julho 2024 pelas 11:30 na Igreja das Antas, encontrando-se em velório entre as 16:00 e as 20:00 de hoje, quarta-feira, 17 julho 2024. Após a cerimónia segue para cremação no Centro Funerário da Lapa. A missa do 7º dia será realizada no próximo domingo, 21 julho 2024, às 19:00 na referida Igreja. A família agradece todas as demonstrações de carinho e pesar recebidas neste momento de dor.

Agência Funerária Antas
800 204 222 - servilusa.pt

AVISO

Sumário: Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final dos Candidatos Aprovados no Procedimento Concursal Comum Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Procedimento Concursal Comum Para Constituição de Vínculo de Emprego Público, na Modalidade de Contrato de Trabalho Em Funções Públicas por Tempo Indeterminado Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final

Nos termos e para os efeitos previstos nos n.ºs 1 e 4 do artigo 25.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, torna-se público que a Lista Unitária de Ordenação Final dos candidatos aprovados no Procedimento Concursal Comum para a constituição de vínculo de emprego público, na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, tendo em vista o preenchimento de um posto de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional **para exercício de funções de Limpeza e Manutenção para os Serviços de Transportes Escolares,** cuja **Referência é AO-A.4**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, foi homologada por meu despacho, datado de 11 de julho de 2024, encontrando-se a mesma disponibilizada na página eletrónica do Município da Guarda, em www.mun-guarda.pt, e no Setor de Recrutamento, Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da Divisão Administrativa e de Recursos Humanos, sita na Praça do Município, 6301-854 Guarda.

Ficam notificados/as os candidatos/as de que poderão interpor recurso hierárquico do despacho de homologação da referida Lista, nos termos do artigo 28.º da Portaria n.º233/2022, de 09 de setembro, e do Código do Procedimento Administrativo.

11 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal da Guarda,
Sérgio Fernando da Silva Costa

AVISO

Sumário: Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final dos Candidatos Aprovados no Procedimento Concursal Comum Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Procedimento Concursal Comum Para Constituição de Vínculo de Emprego Público, na Modalidade de Contrato de Trabalho Em Funções Públicas por Tempo Indeterminado Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final

Nos termos e para os efeitos previstos nos n.ºs 1 e 4 do artigo 25.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, torna-se público que a Lista Unitária de Ordenação Final dos candidatos aprovados no Procedimento Concursal Comum para a constituição de vínculo de emprego público, na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, tendo em vista o preenchimento de três postos de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional **para exercício de funções de Vigilantes para os Serviços de Transportes Escolares,** cuja **Referência é AO-A.3**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, foi homologada por meu despacho, datado de 10 de julho de 2024, encontrando-se a mesma disponibilizada na página eletrónica do Município da Guarda, em www.mun-guarda.pt, e no Setor de Recrutamento, Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da Divisão Administrativa e de Recursos Humanos, sita na Praça do Município, 6301-854 Guarda.

Ficam notificados/as os candidatos/as de que poderão interpor recurso hierárquico do despacho de homologação da referida Lista, nos termos do artigo 28.º da Portaria n.º233/2022, de 09 de setembro, e do Código do Procedimento Administrativo.

10 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal da Guarda,
Sérgio Fernando da Silva Costa

AVISO

Sumário: Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final dos Candidatos Aprovados no Procedimento Concursal Comum Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Procedimento Concursal Comum Para Constituição de Vínculo de Emprego Público, na Modalidade de Contrato de Trabalho Em Funções Públicas por Tempo Indeterminado Para a Categoria e Carreira de Assistente Operacional

Homologação da Lista Unitária de Ordenação Final

Nos termos e para os efeitos previstos nos n.ºs 1 e 4 do artigo 25.º da Portaria n.º 233/2022, de 09 de setembro, torna-se público que a Lista Unitária de Ordenação Final dos candidatos aprovados no Procedimento Concursal Comum para a constituição de vínculo de emprego público, na modalidade de contrato de trabalho em funções públicas por tempo indeterminado, tendo em vista o preenchimento de dois postos de trabalho da categoria e carreira geral de Assistente Operacional **para exercício de funções de Motorista de Pesados de Mercadorias para os Serviços de Vias e Segurança Rodoviária da Secção de Equipamentos e Infraestruturas,** cuja **Referência é AO-B.7**, conforme Aviso (extrato) n.º 8346/2023, publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 80, de 24 de abril, foi homologada por meu despacho, datado de 10 de julho de 2024, encontrando-se a mesma disponibilizada na página eletrónica do Município da Guarda, em www.mun-guarda.pt, e no Setor de Recrutamento, Formação Profissional e Avaliação de Desempenho da Divisão Administrativa e de Recursos Humanos, sita na Praça do Município, 6301-854 Guarda.

Ficam notificados/as os candidatos/as de que poderão interpor recurso hierárquico do despacho de homologação da referida Lista, nos termos do artigo 28.º da Portaria n.º233/2022, de 09 de setembro, e do Código do Procedimento Administrativo.

10 de julho de 2024

O Presidente da Câmara Municipal da Guarda,
Sérgio Fernando da Silva Costa

CÂMARA MUNICIPAL DE SERNANCELHE

ANÚNCIO

Carlos Manuel Ramos dos Santos, Presidente da Câmara Municipal de Sernancelhe:

Torna público que, por deliberação na reunião de Câmara Municipal, datada de 14 de junho de 2024, foi aprovada a abertura de concurso público para atribuição de duas licenças de táxi, uma para o contingente da freguesia de Carregal e uma licença de táxi para o contingente do Granjal, todas em regime de estacionamento fixo.

1 – O concurso é público, podendo apresentar propostas todas as entidades que se encontrem nas condições estabelecidas no Regulamento do Transporte em Táxi do Município de Sernancelhe e no Programa do Concurso, aprovado na reunião ordinária da Câmara Municipal de 14 de junho de 2024.

2 – O concurso tem por objetivo a atribuição de duas licenças de táxi, em regime de estacionamento fixo, uma para o contingente da freguesia de Carregal e uma licença para o contingente da freguesia de Granjal.

3 – As propostas deverão ser apresentadas na Divisão Administrativa e Financeira da Câmara Municipal até às 17 horas do 20º dia após a data da publicação no *Diário da Republica*.

4 – As propostas poderão ainda ser remetidas pelo correio, sob registo e com aviso de receção, devendo dar entrada nos serviços até ao final do prazo referido no ponto anterior, para a seguinte morada: Câmara Municipal de Sernancelhe, Rua Dr. Oliveira Serrão, 3640-240 Sernancelhe.

5 – As candidaturas que não derem entrada nos serviços municipais até ao dia limite do prazo fixado, serão excluídas.

O Programa de Concurso estará disponível para consulta na Divisão Administrativa e Financeira da Câmara Municipal, das 09h00 às 17h00 ou no site www.cm-sernancelhe.pt

Sernancelhe, 16 de julho 2024

O Presidente da Câmara
Carlos Manuel Ramos dos Santos

Universidade Nova de Lisboa

Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier (ITQB NOVA)

Aviso (extrato)

O Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier da Universidade Nova de Lisboa (ITQB NOVA) pretende contratar, em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto, um Técnico Superior, procedimento concursal ref.ª 019/TRI-TS/GC/2024.

Local de trabalho:
Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier, Oeiras.

As candidaturas deverão ser formalizadas através de correio eletrónico para **concursos@itqb.unl.pt**, contendo toda a documentação exigida, num **único ficheiro pdf**, indicando a respetiva referência.

Mais informações disponíveis na página do ITQB NOVA em: http://www.itqb.unl.pt/jobs.

Oeiras, 15 de julho de 2024

O Diretor do ITQB NOVA
Professor Doutor *João Paulo Serejo Goulão Crespo*

Universidade Nova de Lisboa

Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier (ITQB NOVA)

Aviso (extrato)

O Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier da Universidade Nova de Lisboa (ITQB NOVA) pretende contratar, em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo incerto, um Técnico Superior, procedimento concursal ref.ª 020/TRI-TS/EU-EMBRACES/2024.

Local de trabalho:
Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier, Oeiras.

As candidaturas deverão ser formalizadas através de correio eletrónico para **concursos@itqb.unl.pt**, contendo toda a documentação exigida, num único ficheiro pdf, indicando a respetiva referência.

Mais informações disponíveis na página do ITQB NOVA em: http://www.itqb.unl.pt/jobs.

Oeiras, 15 de julho de 2024

O Diretor do ITQB NOVA
Professor Doutor *João Paulo Serejo Goulão Crespo*

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org
Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00
Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário "Casa do Alecrim": Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org
Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org
Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org
Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL
Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org
Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org
Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org

ANÚNCIO M/F

Torna-se público que se encontra aberto processo de recrutamento para a contratação de dois Técnicos Superiores, na modalidade de Contrato de Trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na Universidade do Minho, sob **Ref.ª CTI-PTAG-75/24-USCP (2).**

REQUISITOS DE ADMISSÃO:

a) Possuir Licenciatura em Gestão; Economia, Administração Pública;
b) Não estar vinculado à Universidade do Minho através de um contrato de trabalho por tempo indeterminado, ao abrigo do Código do Trabalho, na mesma carreira.

O prazo para a apresentação das candidaturas decorre no período de 18/07/2024 a 31/07/2024.

O texto integral do processo de recrutamento e seleção encontra-se disponível em https://intranet.uminho.pt/Pages/Documents.aspx?Area=Procedimentos%20Concursais

A Diretora de Serviços, *Aleida Lopes Vaz Carvalho*

Os Artistas Unidos empilharam o Teatro da Politécnica em camiões

Os Artistas Unidos fizeram um convite aberto para desmontar o Teatro da Politécnica e a comunidade apareceu. Em 2022, a CML comprometeu-se a encontrar uma nova casa, mas até agora não há solução

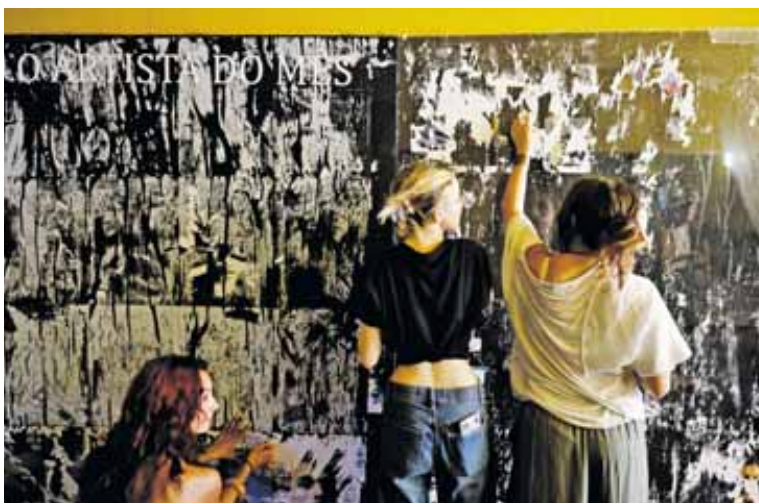
Marta Sofia Ribeiro Texto
Miguel Manso Fotografia

As portas do Teatro da Politécnica abriram-se ontem ao público pela última vez. Mas sem divisão entre artistas e público, todos acartavam pedaços daquele teatro para carrinhas que partiam com destino a um armazém em Marvila. Apesar de a Câmara Municipal de Lisboa (CML) se ter comprometido há dois anos a encontrar espaço para os Artistas Unidos, ainda não há avanços. Se não o fizer a médio prazo, a companhia histórica pode deixar de existir.

"Todos os dias vão desaparecendo coisas [do teatro]", diz Pedro Carraca, um dos sócios dos Artistas Unidos. Ensaiar tornou-se um desafio, é preciso usar o que se tem – a teia já foi, as cortinas também já não servem de separação – e "fechar em caixinhas as áreas de criação" para que o caos não influencie a arte.

Os Artistas Unidos fizeram um convite aberto para desmontar o Teatro da Politécnica e a comunidade respondeu, as mãos multiplicavam-se. Quem entrava sentia o peso de ver aquelas paredes recheadas de cartazes de peças passadas, a bancada vermelha, as luzes ao alto, tudo pela última vez. O primeiro passo dentro do edifício levava a uma televisão onde era exibido um documentário sobre os Artistas Unidos no edifício d'*A Capital*, onde Jorge Silva Melo fundou a companhia em 1995.

Do lado esquerdo, a sala de ensaios, do direito, a sala de espectáculo e os camarins. O esqueleto de um teatro, desmontado tábua a tábua, cadeira a cadeira, e empilhado num camião que partia com destino a um armazém. "Vai haver espaço para isto tudo?", perguntava-se.

"É um dos dias mais tristes da minha vida", admite Isabel Soares, 76 anos, espectadora das peças dos Artistas Unidos desde sempre. Observa atentamente todas as cadeiras que vão passando aos ombros dos voluntários, coladas umas às outras com fita-cola. "[É] ver o esvaziar de um centro de cultura tão importante e que nos diz tanto." È algo que não suporta. Ao lado está Graça Costa, 72 anos, revoltada com a "insensibilidade inconcebível" deste despejo. "[A companhia] é uma conquista. As pessoas não percebem o tempo que leva a construir um local de teatro." "[Edifício] *A Capital*" – o nome é repetido várias vezes, há esperança de voltar. Mas a verdade é que "a ser solução, será solução daqui a três, quatro anos", explica Pedro Carraca. E os Artistas Unidos não têm tanto tempo, a preocupação "é o amanhã".

Sem um espaço em tempo útil, o apoio que recebem da DGArtes será cortado

Sabem há dois anos e meio que vão ter de deixar o Teatro da Politécnica porque a Universidade de Lisboa, proprietária do espaço, quer utilizá-lo para "alojar uma colecção de espécimes conservados em álcool e formol", explica João Meireles, outro dos sócios da companhia. Já em 2022, a CML comprometeu-se a encontrar-lhes uma nova casa, mas só no último mês começaram a visitar espaços – "inviáveis" porque já têm programação, "outras missões sociais e culturais", não é possível albergar uma companhia de teatro nessas condições.

A ausência de um espaço de trabalho a médio prazo pode mesmo levar ao encerramento da companhia. O apoio que recebem da Direcção-Geral da Artes (que os mantém a funcionar) exige a existência de um local fixo. Aliás, na altura em que se candidataram foi anexado à candidatura um documento da CML que mencionava uma proposta de mudança dos Artistas Unidos para o edifício d'*A Capital*, na Rua do Diário de Notícias, em Lisboa . Mesmo essa pode não ser uma solução, porque o edifício está afecto a um projecto de renda acessível e só o rés-do-chão e a cave estariam disponíveis para utilizar como espaço de trabalho. A CML enviou recentemente dados sobre a arquitectura aos Artistas Unidos, mas ainda não foi possível avaliá-los para perceber se há pé-direito suficiente e possibilidade de fazer uma bancada. Quando questionada sobre soluções concretas para este problema, a CML disse ao PÚBLICO o que tem vindo a repetir: "continua empenhada", "mantém *A Capital* como possibilidade", "tem procurado auditórios e não só, mas até ao momento não foi possível encontrar um espaço" com as características necessárias. Sem um espaço em tempo útil, o apoio será cortado e a companhia não tem outra hipótese: terá de fechar.

Todos ali parecem saber disso, há abraços sentidos e vozes embargadas pela visão de uma construção de 13 anos desmontada em pouco menos de um dia. Mas é tudo incerto: "O que é que vamos fazer..." E, depois, a resposta das vozes optimistas: "Estamos a mudar de casa e não a fechar a casa." Ângela Costa, 31 anos, faz parte deste último grupo. Está dentro de um camião a acomodar os materiais que serão levados dali para Marvila. Foi na Politécnica que trabalhou pela primeira vez em teatro, a fazer cenografia e figurinos. Reconhece que é um "momento difícil" para a companhia, mas não quer equacionar a possibilidade de os Artistas Unidos ficarem sem casa.

A vereadora do Bloco de Esquerda (BE) da CML, Beatriz Gomes Dias, também marcou presença e falou com os dirigentes da companhia. "Nós [BE] iremos fazer um requerimento para poder entender quais foram as diligências que a câmara tomou para encontrar espaços alternativos e questionar sobre quais foram os motivos que levaram a este atraso tão expressivo na reabilitação e recuperação do espaço para cedência aos Artistas Unidos", disse ao PÚBLICO. E mencionou ainda a importância de manutenção dos postos de trabalho, assegurados, para já, até o final de 2024.

Pelo menos alguns. João Meireles admitiu que tiveram de despedir pessoas "directamente ligadas ao funcionamento mensal dos espectáculos". Sem um espaço foram extintos alguns postos de trabalho: já não há necessidade de ter um frente de sala ou alguém a trabalhar na bilheteira, "por muito que custe". "[E mesmo quem tem contrato] terá possibilidade de o cumprir fazendo o trabalho para o qual estão contratados?", questiona. E logo a seguir responde: "Não sei, vamos sabendo." Tânia Tomás tem 24 anos e assiste a peças dos Artistas Unidos desde os 14. Está parada na entrada do teatro, já caminhou pelas salas despidas e só consegue dizer que tudo aquilo "é estranho". "Parece que falta esperança", diz, e logo a seguir põe mãos à obra.

Agora, o Teatro da Politécnica já não é teatro, passou a ser só edifício da Universidade de Lisboa. Os Artistas Unidos entregam a chave no final de Julho e começam a próxima temporada sem casa, mas com datas marcadas: *Vento Forte*, de Jon Fosse, dirigido pelo António Simão, estreia-se em Novembro no Teatro Variedades (espaço do Parque Mayer). Ainda este mês *Búfalos*, o último da trilogia de Pau Miró, dirigido por Pedro Carraca, estreia-se a 25 de Julho no Citemor.

Da Grécia com precisão, Yorgos Zois é revelado pelo Curtas Vila do Conde

Jorge Mourinha

O festival inicia hoje quatro dias de destaque a este jovem cineasta grego, com a apresentação quase integral das suas curtas

Por conveniência – a mesma que leva à invenção de gavetas, etiquetas e classificações –, todos os jovens cineastas gregos que têm sido revelados nos últimos anos são identificados com uma nova vaga de cinema singular de terras helénicas a que os anglófilos chamam "*Greek weird wave*". Culpa de Yorgos Lanthimos e do seu *Canino*, ponto zero da descoberta de um grupo de cineastas cujos pontos comuns pareciam ser o formalismo visual e a bizarria narrativa, criadores de uma obra resolutamente contemporânea por oposição ao academismo que identificávamos até então com Theo Angelopoulos ou Michael Cacoyannis.

Com o tempo, percebemos que a "*Greek weird wave*" não era forçosamente monolítica – se Lanthimos nunca cedeu nas suas alegorias entomológicas, mesmo quando subiu ao patamar de elencos internacionais e filmagens em Hollywood, outros cineastas seguiram caminhos mais ou menos próprios ao abrigo dessa busca de uma nova maneira de fazer cinema num dos países mais afectados pelas crises económicas do início do século XXI. Athina Rachel Tsangari (*Attenberg*, *Chevalier*) ou Jacqueline Lentzou (*Perguntem à Lua*) "furaram" a distribuição portuguesa, mas Maria Exarchou, Syllas Tzoumerkas ou Babis Makridis ficaram-se por passagens por festivais.

O Curtas Vila do Conde tem, no entanto, estado atento. Para lá de Jacqueline Lentzou, uma das novas vozes que defendeu nos últimos anos, o festival revelou também entre nós Konstantina Kotzamani (que venceu em 2016 com *Limbo*) e, agora, destaca o cinema de Yorgos Zois, com um programa na secção *New Voices* que apresenta a quase totalidade da obra filmada do grego. Começa hoje (sempre Teatro Municipal, 19h30) com as quatro curtas que fizeram o seu nome – *Casus Belli* (2010), *Out of Frame* (2012), *Eighth Continent* (2017) e *Third Kind* (2018), seguindo para as suas duas longas – *Arcadia* (2024, amanhã, às 21h15), uma das melhores surpresas da edição 2024 de Berlim; e *Interruption* (2015, depois de amanhã, às 19h30), cuja ideia de uma produção teatral interrompida por uma acção terrorista parecia antecipar de alguns anos a premissa de *Yannick*, de Quentin Dupieux.

Não por acaso, Zois e Konstantina Kotzamani cruzam os seus caminhos enquanto conterrâneos e contemporâneos: exemplo, ela é co-argumentista de *Arcadia*, ele produziu a curta dela *Washingtonia* (2013), incluída na "carta branca" que o festival lhe propõe (sábado, às 21h15) – um filme que co-produziu "enquanto jovem cineasta, sem autocensura, cheio de solidariedade, com um orçamento mínimo, que celebra a criatividade da realizadora e o espírito de equipa", como aponta o realizador num depoimento para o catálogo do festival. Ao lado de *Washingtonia*, serão exibidos *Le Saboteur* (2022), de Ansii Kasitonni, *Cherries* (2022), de Vytautas Katkus, e *Aqueronte* (2023), de Manuel Muñoz Rivas, filmes que reflectem a sua sensibilidade enquanto alguém que procura ainda acreditar que o cinema pode abrir novas portas.

"Escola de Berlim"

Curioso, no mínimo, para quem começou por estudar Engenharia Aplicada e depois cursou Cinema na Alemanha: quem olhar para as parábolas que Zois desenha reconhecerá algo de precisão de construção (que também pode vir dos estudos berlinenses, ou não fosse a Academia de Cinema e Televisão a base da "escola de Berlim"), a par da gravidade conceptual que perpassa na nova geração grega. Mas há mais alguma coisa a trabalhar no cinema do grego, e quem vir *Arcadia* descobrirá como todas estas parábolas mais ou menos distantes são apenas maneiras de explorar o que é sentir num mundo cada vez mais povoado de fantasmas.

Ajudado por dois actores que nos habituámos a ver no cinema de autor helénico, a divina Angeliki Papoulia e o sólido Vangelis Mourikis, Zois procura a ponte entre passado e presente, história e modernidade, através da humanidade que é a única coisa que nos parece restar num mundo tão conturbado e tão exigente como o nosso. Se nisso não é diferente do questionamento permanente do novo cinema grego sobre o choque entre as expectativas da sociedade e a identidade individual, é o modo como o faz que o distingue, tornando esta segunda longa uma súmula e cristalização do seu olhar sobre o nosso mundo, menos escarninho e mais compassivo. Sente-se, efectivamente, uma evolução no olhar do cineasta grego ao longo dos filmes, e é raro podermos observar isso de uma só assentada como o Curtas nos propõe este ano; e nem é sequer preciso gostar de Yorgos Lanthimos para nos deixarmos embalar por Yorgos Zois.

CORTESIA CURTAS VILA DO CONDE

A curta *Third Kind*, de 2018

A Amiga Genial, de Elena Ferrante: melhor livro do século XXI

Com base num inquérito a que responderam 503 votantes, o *The New York Times* divulgou os 100 melhores livros do século

A Amiga Genial, volume inaugural da tetralogia que a enigmática escritora Elena Ferrante dedicou à vida quotidiana de um bairro popular napolitano, centrado na infância e adolescência de duas raparigas – a narradora, Elena, e Lila, a amiga sobredotada –, foi considerado o melhor livro publicado neste primeiro quartel do século XXI por 503 romancistas, poetas, críticos e ensaístas inquiridos pelo diário norte-americano *New York Times*.

Num meio literário hoje dominado pela chamada "autoficção" pode dizer-se que a obra vencedora se adequa ao gosto do período, mas com a pequena diferença de se tratar de uma ficção do eu cujo eu é desconhecido, já que Elena Ferrante é um pseudónimo e podemos apenas presumir que quem quer que se esconda por trás dele poderá ter tido experiências semelhantes às que o romance relata.

Ferrante é ainda, a par de George Saunders – autor de *Lincoln no Bardo* e dos livros de contos *Pastoralia* e *Dez de Dezembro* (todos nesta lista, mas nenhum nos dez primeiros) –, a única escritora com três livros entre os cem melhores. *História da Menina Perdida*, o volume que encerra a saga napolitana, ficou em 80.º lugar, e o romance *Dias do Abandono* em 92.º.

A Amiga Genial acaba por ser também uma escolha inesperada numa lista previsivelmente dominada por autores anglo-saxónicos. Mas é precisamente nos lugares cimeiros desta lista que essa hegemonia é menos sufocante, com a presença de obras como *2666*, o extenso e estranho romance do chileno Roberto Bolaño (1953-2003), que ocupa a 6.ª posição, ou o último romance do escritor alemão W. G. Sebald (1944-2001), *Austerlitz* (8.º lugar), protagonizado por um historiador de arquitectura radicado no Reino Unido que investiga o seu passado e descobre que foi uma das crianças judias resgatadas de Praga nos meses que antecederam a Segunda Guerra Mundial.

Elena Ferrante é a única escritora com três livros entre os cem melhores na lista do *The New York Times*

Estas listas costumam também privilegiar o romance, mas o segundo lugar do pódio coube a um estudo histórico: *The Warmth of Other Suns: The Epic Story of America's Great Migration*, de Isabel Wilkerson, que procura reconstituir a migração dos afro-americanos do sul para o norte e o oeste dos Estados Unidos. O livro não está editado em Portugal, mas a Cultura Editora lançou recentemente uma tradução de outra obra da mesma autora, *Castas. As Origens do Nosso Descontamento*, que analisa os sistemas de castas nos Estados Unidos, na Alemanha nazi e na Índia.

Em 3.º segue-se um romance histórico, *Wolf Hall*, de Hilary Mantel, o primeiro livro da trilogia que a autora dedicou a Thomas Cromwell, o temível líder puritano da primeira metade do século XVII que ajudou a depor Carlos I e dirigiu a Inglaterra como Lorde Protector.

Ainda por editar em Portugal, *The Known World*, o romance de Edward P. Jones que conta a história de um escravo negro da Virgínia que veio a ser, ele próprio, proprietário de escravos, ficou em 4.º lugar, à frente de *Correcções*, de Jonathan Franzen, uma saga familiar que é também o retrato de um país, os Estados Unidos, a encaminhar-se para o novo milénio. Entre Bolaño e Sebald, Colson Whitehead conseguiu o 7.º posto com *A Estrada Subterrânea*, mais um romance centrado na vida dos escravos negros nas plantações dos estados sulistas.

O nono classificado, *Nunca Me Deixes*, do prémio Nobel da Literatura de 2017, Kazuo Ishiguro, é um romance de realidade alternativa localizado n(outr)a Inglaterra dos anos 90. Apesar de ter nascido no Japão, Ishiguro, também autor de *Os Despojos do Dia*, adaptado ao cinema por James Ivory, deve ser considerado um autor anglo-saxónico, já que vive desde criança no Reino Unido e escreve em inglês.

Finalmente, a fechar o *top ten*, mais um romance americano, *Gilead*, de Marilynne Robinson. **L.M.Q.**

No São Luiz, Robert Wilson persegue Pessoa e Olga Roriz volta aos solos

Gonçalo Frota

A próxima temporada do Teatro São Luiz far-se-á a um ritmo intenso e com a ideia de habitar e dar vida ao teatro

Vai ser uma temporada de roubar o fôlego esta de 2024/25 no Teatro São Luiz, em Lisboa, que terá um elevado ritmo de espectáculos e uma ampla diversidade de propostas, de acordo com uma ideia de Miguel Loureiro em tornar o teatro cada vez mais um centro dentro do centro de Lisboa, um lugar de cruzamento e encontro, um espaço a que o público possa acorrer não apenas para assistir a espectáculos, mas para habitar e dar vida ao teatro.

Por outro lado, justifica Loureiro ao PÚBLICO, "num momento em que o D. Maria II continua fechado para obras e o São Carlos também vai fechar, há muita pressão – e também dos artistas de música – para se apresentarem no São Luiz". "Sendo um grande teatro central da cidade, todos querem conversar [com o São Luiz] e fico contente com isso, porque no meio da contingência da necessidade encontram-se caminhos muito interessantes para a cena".

Um dos caminhos encontrados pelos diálogos com os artistas concretiza-se numa próxima temporada que arranca numa extensão do final da temporada que agora chega ao fim. Depois de convidar a coreógrafa Tânia Carvalho para dirigir o espectáculo de final de ano dos alunos da Escola Superior de Dança (*Batimento*), Miguel Loureiro entrega à criadora portuguesa dois dos espectáculos que (quase) dão início à programação dos próximos meses: primeiro, em sessão dupla, de 19 a 21 de Setembro, a apresentação pela companhia Dançando com a Diferença das peças *Blasons* (2022), de François Chaignaud, e *Doesdicon* (2017), de Tânia Carvalho; depois, a 27 e 28, *Nymphalis Antiopa*, colaboração de Carvalho com o bailarino e coreógrafo Matthieu Ehrlacher.

"Fiz questão de conseguir duas peças da Tânia Carvalho", explica o director artístico, "porque é uma coreógrafa que me põe num sítio de uma leitura que não é fácil. No entanto, aquilo que ela elabora é atraente o suficiente para estar no palco principal do São Luiz e dar também uma garantia de festa que me interessa." A dança, que já era uma aposta declarada de Loureiro, estará presente ainda através de espectáculos da sul-africana Mamela Nyanza (*Hatched Ensemble*, 16 e 17 Novembro, apresentado no Alkantara Festival), Catarina Miranda (*Atsumori*, a partir de uma investigação do teatro noh, 10 e 11 Janeiro), Vânia Rovisco (*No Corpo: Assim Se Conhece o Mundo*, 10 a 13 Abril), o regresso de Bruno Cochat e Filipa Francisco (*NU MEIO*, 29 Abril a 4 Maio), Circolando (*Ou*, 30 Maio a 1 Junho) e o muito aguardado novo solo de Olga Roriz (*O Salvado*, 9 a 12 Julho), 12 anos depois de *A Sagração da Primavera*.

LUCIE JANSCH/CORTESIA TEATRO MUNICIPAL SÃO LUIZ

CORTESIA TEATRO MUNICIPAL SÃO LUIZ

Fernando Pessoa visto por Robert Wilson. Tânia Carvalho com *Doesdicon*

A "sensação de vertigem" a que Miguel Loureiro se refere deve-se, em parte, a um primeiro trimestre fortemente dedicado à música, e que tem no pianista Júlio Resende o primeiro protagonista: a 13 de Setembro, apresenta o projecto Fado Jazz – Filhos da Revolução, actuando na noite seguinte com o duo ALMO.

A programação musical prossegue depois com MirAnda (24 Setembro), Samuel Úria (8 Outubro), Rafael Riqueni (Festival Flamenco Lisboa 24, 11 Outubro), Orquestra Sinfónica Juvenil (29 Outubro), Orquestra Metropolitana de Lisboa (num concerto de comemoração do centenário de Amílcar Cabral, dedicado à música cabo-verdiana e com participações de Tito Paris ou Lura, 6 Novembro). Ainda em Novembro, teremos Maria João & André Mehmari, no âmbito do Misty Fest (a 8), bem como Tony Ann, Sven Helbig, Rocío Márquez & Bronquio, respectivamente a 9 e 10. O mês de Novembro completa-se com Lena d'Água e o novo *Tropical Glaciar* (12), Rui Horta e Micro Audio Waves (21 a 23), Sara Correia (25), Lina (27), Cara de Espelho (29). Para Dezembro, o programa conta com Cristina Branco (a cantar José Afonso, 5 Dezembro), Martim Sousa Tavares & Orquestra do Algarve (7), Martim Sousa Tavares (a partir da música de Kurt Weill, com Catarina Wallenstein, 12 a 14) e Kavita Shah (20).

Para 2025, a música continua, mas com um ritmo menos acelerado: Jovem Orquestra Portuguesa (5 Janeiro), Pedro Jóia (24), Festival Antena 2 (29 Janeiro a 1 Fevereiro), Orquestra Metropolitana de Lisboa (concerto dedicado a Carlos Paredes a 5 Fevereiro e Concerto de Páscoa a 17 Abril), Kolme (7 Fevereiro), Festival Paulo Gaio Lima (20 a 30 Março) e Enoch Arden (um melodrama de Richard Strauss, por Rita Blanco e Nuno Vieira de Almeida, 3 Maio).

Robert Wilson e Pessoa

O também actor e encenador Miguel Loureiro afirma que para a programação de teatro lhe interessava "aproveitar a capacidade central do São Luiz para inscrever nele uma série de maneira de lidar com a cena, quer pela tradição, quer pela beleza do texto ou pelas questões sociais" prementes. "É um acordo entre as preocupações dos artistas e um diálogo comigo", diz, frisando que "não há uma corrente predominante sobre o pensamento das questões do teatro, mas antes um lançamento de tentativas em todos os sentidos." A sua mão está sobretudo presente nos desafios lançados a Carla Bolito e a Teresa Sobral para trabalharem obras de Nathalie Sarraute e Nigel Williams: Bolito juntará dois textos da autora francesa em *Tudo a Que Se Chama Nada* (11 a 26 Janeiro), enquanto Sobral se dedicará ao texto punk de Williams, *Class Enemy* (12 a 27 Outubro).

Haverá ainda Ionesco (*Amedée ou como Desembaraçar-se*, 20 a 29 Setembro) por Ivo Alexandre, Arthur Miller (*As Bruxas de Salem*, 13 a 15 Dezembro) por Nuno Cardoso, Heiner Müller (*Macbeth*, 14 a 23 Fevereiro) por Paulo Castro, Tracy Letts (*Killer Joe*, 14 a 22 Junho) por Miguel Graça, Santo Agostinho (*Livro XI das Confissões*, 28 Junho a 5 Julho) por Jean Paul Bucchieri, Séneca (*Troianas*, 10 a 13 Julho) por Renata Portas e uma homenagem a Fernanda Lapa (*Deseja-se Fernanda!*, 15 a 23 Março) com texto de Ana Lázaro e encenação de Cucha Carvalheiro.

Juntam-se ainda novas criações de Os Possessos (*Last Call*, 2 a 6 Outubro), Hotel Europa (*Urgência Climática*, 22 a 27 Outubro), Keli Freitas (*Volta para a Tua Terra*, Alkantara Festival, 21 a 23 Novembro) e Raquel André (*Belonging*, 7 a 17 Novembro). Raquel André integrará ainda a ocupação que a companhia Terra Amarela, dirigida por Marco Paiva, fará de alguns espaços do teatro entre 10 de Fevereiro e 1 de Março, juntando três duplas de criadores (André Uerba e Tony Wever; André Murraças e Mia Menezes; Raquel André e Aliu Baio) para um tríptico sobre o ócio.

Ainda no teatro, claro, um dos acontecimentos da temporada quando Robert Wilson chegar ao São Luiz com o seu *Pessoa – Since I Have Been Me*, co-produção a que o teatro lisboeta se associa para esta perseguição de um dos grandes mestres do teatro contemporâneo à figura de Fernando Pessoa. Miguel Loureiro chama-lhe "um espectáculo bastante escuro e misterioso, interrompido por lógicas de *music hall* que o tornam grotesco", e que se vê como "uma formulação cénica à volta do mistério Pessoa".

A par da continuação do ciclo de pensamento (dirigido por Carlos Pimenta em 2024 e João Sousa Cardoso em 2025), a programação do São Luiz irá ainda espraiar-se pela instalação sonora e pela *performance*, com Ritó Natálio, Romain Beltrão Teule, André Louro e Lígia Soares. Pelo São Luiz passarão ainda o FIMFA e o World New Music Days.

Golara, Rebecca e Roxanna: os corpos delas são (e não são) território iraniano

Crítica de performance

Seh Kahk – Three Lands

Criação e interpretação: Golara Khalilinejad, Rebecca Moradalizadeh e Roxanna Albayati
Sábado, 13 de Julho, 21h
Auditório da CRL – Central Eléctrica, Porto
Sala quase completa
Exposição no Espaço MIRA até 27 de Julho. Curadoria: Susana Chiocca

Existe um lugar de fronteira que atravessa os limites arbitrários de definição geopolítica e administrativa dos territórios. É um lugar potente e possível, que desenha um espaço de abertura ao desconhecido, mas saturado de imagens e imaginários que tomam corpo em cada pessoa que vive e sente, desde o laço familiar onde se nasce à abertura do grande enredo da experiência histórica e cultural do mundo que nos acontece. Este lugar é, e não é, metafórico.

A *performance Seh Kahk – Three Lands* activa esse lugar, porque acontece no cruzamento biográfico e artístico de Golara Khalilinejad, Rebecca Moradalizadeh e Roxanna Albayati e uma identidade comum: o Irão como território para diferentes memórias. Partilham ainda outras características identitárias que importa nomear: são mulheres, artistas e experienciaram, directa ou indirectamente, movimentos de diáspora. Conheceram-se em Lisboa nas manifestações de 2022 em apoio aos protestos espoletados após a morte de Mahsa Amini, jovem presa e morta sob a custódia da "polícia da moralidade" do país porque não estaria a cumprir o uso do véu segundo as normas islâmicas.

Os factos enquadram o contexto político e social do Irão e o projecto *Seh Kahk*, mas a *performance* volta o grito activista para dentro dos corpos como três territórios íntimos à descoberta desse lugar de pertença. No espaço escuro e quente do auditório da CRL – Central Eléctrica, no Porto, os lugares no chão aproximam-se mais do círculo formado por estas mulheres, vestidas de preto, sentadas ou ajoelhadas, inicialmente fechadas ao encontro de si mesmas, em silêncio. Começa a ecoar o ruído da sua respiração, com a energia da glote, o sopro que se faz murmúrio e que, lenta e subtilmente, se torna canção: *"When for one moment, you escape all of time, / unbound by familiarity, acquainting with the unknown."* Este início sugere o encontro entre as *performers*, um lamento comum cantado em farsi e que retoma dois versos do terceiro livro do poema épico *Masnavi Manavi* (1258-1272), pelo místico e teólogo sufi Rumi, também o escritor persa mais traduzido no Ocidente. Em palco, elas apenas se relacionam entre si através da voz, nesse lugar vazio e sem limite que as junta e conduz. Os mesmos versos são pintados por Golara a água na superfície negra do fundo, apenas visíveis no reflexo da luz. A música, a escrita e o gesto estão sempre em relação com as matérias sensíveis, entre o que é tornado visível e o que permanece apagado, a presença de uma ancestralidade vibrante, face às ausências do não vivido, o lugar entre a procura, o abandono e a perda.

Todas as acções individuais se distendem na repetição e configuram lugares de síntese para memórias, apropriações e imaginações. Golara vive no Porto, é doutoranda na Escola das Artes, e deixou recentemente Teerão, onde se formou em teatro e cinema. Das três, foi a única que viveu no país. É nesse monte de terra, efectivo e simbólico, que enfia a mão fechada em punho e o braço, fazendo espalhar em círculo e depois com os pés, puxando e arrastando essa terra para fora dessa geometria fechada. É um território que se abre e amplia através desse corpo assertivo que quer deixar rasto.

Rebecca, artista, arte-educadora e cozinheira, nasceu em Londres e vive no Porto, filha de mãe portuguesa e pai iraniano, manteve uma relação à distância com o Irão, país que visitou em 2019 após um longo e burocrático processo de obtenção dos papéis pela cidadania. Enquanto vai entoando os versos, desemaranha um novelo azul-índigo, e outro amarelo-açafrão, escolhas afectivas de cores. O enredo ocupa o chão e é cruzado pela terra, como um fio interminável que desenha uma cartografia. Esse é também o seu chão, feito de tramas e nós, como um tapete persa que herdou da avó por completar.

Roxanna vive em Londres, é uma artista interdisciplinar com interesse na aproximação à música clássica persa e a sua performatividade, filha de pais iraniano-iraquianos, já esteve no Médio Oriente, mas nunca visitou o Irão. O primeiro gesto que antecipa um posterior movimento inspirado nos rituais de dança sufi é o da aproximação à terra-matéria ali representada, que não conhece e não alcança.

MANUELA MATOS MONTEIRO

O Irão como território para diferentes memórias

Numa segunda acção, Roxanna senta-se e toca ghaychak, instrumento que esboça uma paisagem sonora, reiterando uma viagem meditativa.

As três diferentes experiências de deslocação entre Oriente e Ocidente sintetizam-se através de acções não-narrativas, capazes de condensar o múltiplo, uma força para a qual terá contribuído o olhar externo do coreógrafo baseado na Noruega Hooman Sharifi. É na exposição, com curadoria de Susana Chiocca, que essa inscrição se regista e fixa, sobretudo em vídeo (espaço MIRA).

Numa cultura tão marcada, sobretudo nas sociedades em que a religião se extrema, por uma cosmologia dualista e intolerante, o trabalho destas mulheres ocupa essas heterotopias de fronteira e inscreve identidades que serão sempre reduto de construções sociais, ou criações individuais. Um lugar que nos afecta a todos, porque a primeira fronteira se torna a própria pele, no corpo como primeiro território entre lugares e travessias mais ou menos errantes. **Rita Xavier**

PUBLICIDADE

SPASIYANA SERGIEVA/REUTERS

Estátua em mármore encontrada na antiga cidade de Heraclea Sintica, no sudoeste da Bulgária

Descoberta estátua de deus grego escondida num esgoto romano há mais de 1500 anos

Lucinda Canelas

Escultura de Hermes feita no século II terá sido colocada numa conduta de esgoto e coberta de terra depois de um sismo

Não é todos os dias que se encontra uma escultura de dois metros de um deus grego quase intacta, caso ainda mais raro no contexto de uma escavação num velho esgoto romano.

A divindade representada é Hermes, filho de Zeus associado à prosperidade e ao comércio, e a estátua em mármore descoberta recentemente na antiga cidade de Heraclea Sintica, no sudoeste da Bulgária, tem dois metros de altura e está bem preservada. Não lhe falta, sequer, a cabeça, um dos primeiros elementos a desaparecerem quando os sítios arqueológicos são saqueados.

Segundo a agência de notícias Reuters, a equipa búlgara responsável pelas escavações neste sítio junto da fronteira com a Grécia atribui o bom estado de conservação da escultura à forma como foi protegida há mais de 1500 anos.

Depois de nos anos de 388 e de 425 dois terramotos terem destruído boa parte de Heraclea Sintica, uma cidade em franco crescimento, a escultura terá sido guardada num dos seus esgotos e coberta de terra, e o cuidado dedicado ao seu acondicionamento explica por que razão chegou até nós praticamente completa, contou à Reuters Lyudmil Vagalinski, que lidera a equipa responsável pela escavação. A escultura, uma cópia romana de um original grego, não foi destruída, explicam os arqueólogos, porque a população a terá escondido para a preservar, depois de o cristianismo ter sido adoptado como religião oficial do império romano.

"Tudo o que era pagão era proibido e os habitantes aderiram à nova ideologia, mas, aparentemente, cuidaram das suas antigas divindades", disse Lyudmil Vagalinski, do Museu Nacional de Arqueologia búlgaro, lembrando que, depois dos terramotos, a cidade fundada pelo rei Filipe II da Macedónia entre 356 e 339 a.C. foi perdendo importância, até ser definitivamente abandonada por volta do ano 500.

De acordo com algumas das fontes (outras falam nos anos 50), as ruínas desta cidade só foram localizadas em 2002, depois de os arqueólogos terem descoberto uma inscrição em latim que testemunha uma troca de correspondência de um imperador romano.

Novas pistas

A estrutura de saneamento onde esta estátua foi encontrada começou a ser posta a descoberto há já seis anos. Foi na tentativa de avaliar o seu estado de conservação que os arqueólogos se depararam agora com a escultura de Hermes, começando por lhe destapar um pé.

"Encontrámo-la por acaso", contou Vagalinski ao diário norte-americano *The New York Times*. "Foi espantoso. [Gradualmente], uma estátua inteira foi aparecendo à nossa frente", disse este arqueólogo, que acredita que a escultura feita a partir de um bloco único de mármore foi escondida na sequência do sismo de 388.

"Ainda temos muito trabalho a fazer e não quero tirar conclusões precipitadas, mas a partir de agora posso dizer que esta antiga escultura não só é a mais bem preservada das que foram descobertas aqui, como também em todo o território da Bulgária", acrescentou o director da escavação em declarações à publicação científica *Archaeologia Bulgarica*.

A escultura não tem parte do braço direito e a sua mão esquerda também pode estar danificada, mas, de resto, parece praticamente intacta. Será agora alvo de trabalhos de conservação e restauro e mais tarde exposta no Museu de História de Petrich, a cidade contemporânea mais próxima da velha Heraclea Sintica.

"Estas cópias romanas de modelos gregos antigos podem ser vistas em Atenas e no Norte da Grécia, bem como no Museu do Louvre, mas são raras", disse ainda Lyudmil Vagalinski, desta feita à agência France-Presse, salientando também a sua "elevadíssima qualidade" artística.

Os especialistas esperam agora que a descoberta desta escultura possa trazer novas pistas sobre esta cidade fundada no sopé da montanha vulcânica de Kozhuh, perto da fronteira da Bulgária com a Grécia e a Macedónia do Norte.

CERTIFICO

Para efeitos de publicação, que por escritura lavrada hoje neste Cartório a folhas 5, e seguintes, do livro número 602-A, de escrituras diversas, que:
JOSÉ CARLOS DA SILVA PAIS DE SOUSA, titular do do cidadão n.º 01574776 OZX3, emitido pela República Portuguesa, e válido até 03/08/2031 NIF 102.770.735, e mulher **MARIA HELENA MARTINS CHAGAS PAIS DE SOUSA**, titular do cartão do cidadão n.º 00375165 IZX3, emitido pela República Portuguesa, e válido até 03/08/2031, NIF 102.770.743, casados na comunhão de adquiridos, e residentes no Campo Grande, n.º 54, 14.º andar, em Lisboa;
MARIA FILOMENA DA SILVÃ PAIS DE SOUSA, titular do cartão do cidadão n.º 02166223 IZY2, emitido þela República Portuguesa, e válido até 25/11/2029, NIF 103.335.676, divorciada, residente na Avenida Almirante Gago Coutinho, n.º 59, 6.º direito, em Lisboa;
LUÍS NUNO DA SILVA CABRAL DE NORONHA, titular do cartão do cidadão n.º 13246964 2ZW4, emitido pela República Portuguesa, e válido até 03/08/2031, NIF 237.552.663, solteiro, máior, residente na Travessa das Pinheiras, n.º 8, São Martinho, Funchal;
MARIA HELENA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA LOPES, NIF 135.445.744, casada com João Adriano Gonçalves da Silva Lopes, na separação de bens, residente na Estrada Monumental n.º 468, 7.º andar, São Martinho, Funchal;
JOSÉ CARLOS AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, NIF 135.445.752, e mulher **MARGARIDA MARIA JARDIM RODRIGUES DA SILVA**, NIF 182.381.978, casados na comunhão de adquiridos, residentes na Estrada Monumental n.º 468, 1.º andar, São Martinho, Funchal;
ANA CATARINA DA SILVA CABRAL DE NORONHA, NIF 237.552.507, solteira, maior, residente na Estrada Monumental n.º 470, 10.º andar C, São Martinho, Funchal.
DECLARARAM, que são, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores da fração autónoma designada pela letra "B" correspondente à Loja, com entrada pelo n.º 31 D, com o valor patrimonial de 26.671,56 €, do prédio urbano, constituído em propriedade horizontal, sito em Alvalade, na Rua de Entrecampos, n.ºs 31 a 31 D, na freguesia de Alvalade, concelho de Lisboa, descrito na Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob o número **CENTO E SEIS**, da referida freguesia, submetido ao regime da propriedade horizontal pela apresentação cinco, de vinte e cinco de outubro de mil novecentos e setenta e sete, e inscrito na respetiva matriz sob o artigo 246.
MAIS CERTIFICO SEGUNDO ALEGAM:
Que o referido imóvel encontra-se registado a favor da sociedade "SILVA, RIBEIRO & FREIRE, LIMITADA", com NIPC 500.410.631, conforme apresentação dois, de dez de outubro de mil novecentos e cinquenta e três.
Que por compra e venda, que se presume ter ocorrido em dezassete de dezembro de mil novecentos e noventa e três, a dita fração autónoma foi vendida pela sociedade SILVA, RIBEIRO & FREIRE, LIMITADA, em comum, e partes iguais, a:
MARIA JOSÉ FERNANDA DA SILVA PAIS DE SOUSA, NIF 122.41 6.864, viúva, com morada na Av. Almirante Gago Coutinho, n.º 59, 6.º direito, Lisboa, e CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA, NIF 113.764.618, casado no regime da comunhão geral de bens, com morada na Estrada Dr. João Abel de Freitas, n.º 210, Funchal, pelo preço de **dezassete mil quatrocentos e cinquenta e sete euros e noventa e três cêntimos**, à data três milhões e quinhentos mil escudos, preço esse pago.
Efetivamente, em dezassete de dezembro de mil novecentos e noventa e três, foi liquidada e paga a devida SISA na competente Repartição de Finanças correspondente, do então 14.º Bairro Fiscal - conforme certidão do teor da mesma, emitida pelo Serviço de Finanças Lisboa - 8, em 30 de janeiro de 2024, que se encontra arquivada neste cartório a instruir este processo de justificação.
Desde a referida data de dezassete de dezembro de mil novecentos e noventa e três, que MARIA JOSÉ FERNANDA DA SILVA PAIS DE SOUSA e CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA entraram na posse da dita fração autónoma, usufruindo de todae as suas utilidades e suportando os respetivos impostos e encargos, na respetiva quota-parte, tendo adquirido e mantido a sua posse sem a menor oposição de quem quer que fosse, e com conhecimento de todos, agindo, sempre, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade até à data do falecimento de cada um, designada e respetivamente, em cinco de junho de dois mil e vinte, e em quinze de setembro de dois mil e dois.
O falecido CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA, deixou como herdeiros, por direito de sucessão legítima, e devidamente habilitados: MARIA EMA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, cônjuge sobreviva, e os seus três filhos, MARIA ISABEL AZEVEDO CAMACHO DA SILVA CABRAL DE NORONHA, MARIA HELENA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA LOPES, e JOSÉ CARLOS AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, conforme escrituras já acima identificadas.
Foi, inclusivamente, instaurado o processo de imposto sucessório n.º 32136, em 14/10/2002, no competente Serviço de Finanças de Funchal, por óbito de CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA, ao qual foi junta a relação de bens, identificando na VERBA 5 a dita fração autónoma, conforme certidão emitida pelo Serviço de Finanças Funchal-1 que se encontra a instruir o presente processo de justificação.
Desde a referida data de quinze de setembro de dois mil e dois, que os referidos herdeiros usufruíram de todas as utilidades da dita fração autónoma na respetiva quota-parte, suportando os respetivos impostos e encargos, tendo adquirido e mantido a sua posse sem a menor oposição de quem quer que fosse, e com conhecimento de todos, agindo, sempre, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, o que sucedeu até à data do falecimento de MARIA EMA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, a dez de junho de dois mil e dezoito, na freguesia de São Martinho, concelho de Funchal, no estado de viúva de CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA, com última residência habitual na Estrada Monumental, n.º 468, Edifício Miramar, 7.º andar, São Martinho, Funchal.
A falecida MARIA EMA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, deixou como herdeiros, por direito de sucessão legítima, e devidamente habilitados, os seus três filhos:
MARIA ISABEL AZEVEDO CAMACHO DA SILVA CABRAL DE NORONHA;
MARIA HELENA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA LOPES;
JOSÉ CARLOS AZEVEDO CAMACHO DA SILVA,
conforme conta da escritura já acima identificada.
Foi efetuada a participação do imposto do selo n.º 2139871 por óbito de MARIA EMA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, no competente Serviço de Finanças de Funchal, ao qual foi junta a relação de bens, identificando na VERBA 4 a dita fração autónoma, conforme certidão emitida pelo Serviço de Finanças Funchal-1, que se encontra arquivada a instruir o presente processo de justificação.
Que desde a referida data de dez de junho de dois mil e dezoito, que os referidos herdeiros usufruíram de todas as utilidades da dita fração autónoma, na respetiva quota-parte, suportando os respetivos impostos e encargos, tendo adquirido e mantido a sua posse sem a menor oposição de quem quer que fosse, e com conhecimento de todos, agindo, sempre, por forma correspondente ao exercícib do direito de propriedade.
O que sucedeu relativamente à herdeira MARIA ISABEL AZEVEDO CAMACHO DA SILVA CABRAL DE NORONHA até vinte um de dezembro de dois mil e vinte, data em que esta herdeira doou os quinhões hereditários que lhe pertenciam nas heranças ilíquidas e indivisas abertas por óbito dos seus pais CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA e MARIA EMA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, aos seus filhos ANA CATARINA DA SILVA CABRAL DE NORONHA e LUÍS NUNO DA SILVA CABRAL DE NORONHA, conforme certidão da escritura de doações dos quinhões hereditários, outorgada no Cartório Notarial de Funchal, de Susana Lopes Teixeira, em 21 de dezembro de 2020, já acima identificada.
Desde a referida data de Vinte é um de dezembro de dois mil e vinte, que ANA CATARINA DA SILVA CABRAL DE NORONHA e LUÍS NUNO DA SILVA CABRAL DE NORONHA: donos dos referidos quinhões, no qual se integra a dita fração autónoma, usufruíram de todas as utilidades, na respetiva quota-parte, suportando os reSpetivos impostos e encargos, tendo adquirido e mantido a sua posse sem a menor oposição de quem quer que fosse, e com conhecimento de todos, agindo, sempre, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade.
A falecida MARIA JOSÉ FERNANDA DA SILVA PAIS DE SOUSA deixou como herdeiros, por direito de sucessão legítima, e devidamente habilitados, os seus dois filhos, JOSÉ CARLOS DA SILVA PAIS DE SOUSA e MARIA FILOMENA DA SILVA PAIS DE SOUSA, conforme certidão do procedimento simplificado de herdeiros acima identificado.
Que foi efetuada a participação do imposto do selo n.º 2475980, por óbito de MARIA JOSÉ FERNANDA DA SILVA PAIS DE SOUSA, ao qual foi junta a relação de bens, identificando na VERBA 1 a dita fração autónoma, conforme documento emitido pelo Serviço de Finanças Lisboa 8, extraído via portal das Finanças de 19/02/2024, com o respetivo código de validação, e que se contra arquivado a instruir este processo de justificação.
Desde a referida data de cinco de junho de dois mil e vinte, que os referidos herdeiros usufruíram de todas as utilidades da dita fração autónoma, na respetiva quota-parte, suportando os respetivos impostos e encargos, tendo adquirido e mantido a sua posse sem a menor oposição de quem quer que fosse, e com conhecimento de todos, agindo, sempre, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade.
Em face do exposto, e por não encontrarem o título de aquisição do direito de propriedade sobre a mencionada fração autónoma, muito embora já tenham feito as buscas necessárias, se declaram donos e legítimos possuidores do referido imóvel, por o terem adquirido por usucapião, da seguinte forma:
Quanto a metade, a favor dos herdeiros de MARIA JOSÉ FERNANDA DA SILVA PAIS DE SOUSA, designadamente JOSÉ CARLOS DA SILVA PAIS DE SOUSA e MARIA FILOMENA DA SILVA PAIS DE SOUSA, melhor acima identificados, sem determinação de parte ou direito.
Quanto à restante metade, a favor dos herdeiros de CARLOS ANTONINO FERNANDO DA SILVA e de MARIA EMA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, designadamente MARIA HELENA AZEVEDO CAMACHO DA SILVA LOPES, JOSÉ CARLOS AZEVEDO CAMACHO DA SILVA, ANA CATARINA DA SILVA CABRAL DE NORONHA e LUÍS NUNO DA SILVA CABRAL DE NORONHA, melhor acima identificados, sem determinação de parte ou direito.
Que, na verdade, o certo é que exercem a posse sobre aquele imóvel há mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, pagando as contribuições; condomínio, zelando pela sua manutenção, efetuando as respetivas obras de conservação, pelo que tal comportamento conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, através de correspondente sucessão na posse.
Que assim os justificantes são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do citado imóvel, ao qual atribuem o referido valor patrimonial para efeitos desta escritura.

Lisboa e Cartório Notarial do Notário Rui Manuel Justino Januário, aos vinte e seis de junho de dois mil e vinte e quatro.

O Colaborador, autorizado pelo Notário Rui Manuel Justino Januário, publicado em 22/09/2022, inscrita sob o n.º 51/13
Maria José Sobral Paixão Oliveira Pestana Poejo

Registada sob o n.º PA 1963/2024

Público, 17/07/2024

Q6 e-tron reforça investida da Audi no mundo dos 100% eléctricos

Modelo chega com autonomia para mais de 600 quilómetros e capacidade de carregamento ultra-rápido. Primeiras unidades devem chegar ainda em Julho

Carla B. Ribeiro

Há várias razões pelas quais o lançamento do novo Audi Q6 e-tron se reveste de importância, a começar pelo facto de, numa altura em que a oferta da Audi se vê constrangida pela saída de cena de alguns modelos, a aguardarem novas gerações, um SUV compacto do segmento médio ser uma cartada capaz de reforçar as vendas do emblema *premium*.

Mas o novo modelo também tem méritos muito próprios, como o facto de estrear na marca a evoluída plataforma PPE (Premium Platform Electric), que está na base do Porsche Macan EV, por exemplo. E, por fim, reforça o compromisso do emblema com a electrificação – algo de especial importância em Portugal, onde foi traçado o objectivo de vender apenas 100% eléctricos até 2030, dois anos mais cedo do que o propósito europeu.

O Audi Q6 e-tron é um SUV eléctrico com 4,77 metros de comprimento, o que o coloca entre o Audi Q4 e-tron, de 4,59 metros, e o topo de gama Q8, com 4,91 metros, apresentando-se simultaneamente espaçoso (a distância entre eixos de 2899mm garante que não haverá falta de espaço para pernas) e compacto q.b. para enfrentar o trânsito quotidiano, além de funcional (a mala arruma 526 litros, e pode crescer até aos 1529 litros; há ainda uma *frunk*, ideal para arrumar os cabos de carregamento, de 64 litros no *capot*).

No lançamento, estão disponíveis três versões, uma de tracção traseira – Q6 50 e-tron (a partir de 77.350€), de 306cv – e duas de tracção integral: Q6 55 e-tron quattro (desde 82.950€) e SQ6 e-tron (desde 97.820€). O primeiro apresenta-se com uma potência de 285kW (387cv), capaz de acelerar de 0 a 100km/h em 5,9 segundos; o segundo, mais apimentado, chega com potência de 360kW (490cv), que lhe permite acelerações em 4,4 segundos.

Mas o mais interessante poderá ser o facto de, equipadas com bateria de 94,9kWh, admitirem autonomias em torno dos 600 quilómetros: em ciclo misto, são anunciados os valores de 634 quilómetros para o Q6 50 e-tron; de 618 para o Q6 55 e-tron; e de 596 quilómetros para o SQ6. Além disso, graças à arquitectura de 800 volts, é possível realizar carregamentos até 270kW, o que, trocado por miúdos, significa repor até 80% da bateria em meros 21 minutos (e, em dez minutos, recuperar energia para 260 quilómetros).

Em cima, o espaço no *capot* para arrumar os cabos ou pequenos objectos; em baixo, o painel curvo, formado por dois ecrãs, de 11,9 e 14,5 polegadas

No habitáculo, o destaque vai para a zona dianteira, que chega agora com um painel de bordo que pode ser equipado com três ecrãs: painel de instrumentos (11,9”) e sistema de infoentretenimento (14,5”), a formarem uma ligeira curva direccionada para o condutor, e um para o passageiro (10,9”); um novo *head-up display*, com realidade aumentada, e uma faixa de luz, que delineia todo o *tablier*, e que pretende comunicar com o condutor através da luz. Comunicar pela luz volta a ser observado no exterior, em que os faróis traseiros podem enviar mensagens a quem segue atrás, nomeadamente alertas (desenha com luz um triângulo vermelho a sinalizar um perigo, por exemplo).

Além de uma lista recheada de equipamento de série, o Q6 e-tron pode ser equipado com faróis de matriz LED com oito assinaturas de luz diferentes e faróis OLED (os tais que emitem sinais) ou um sistema de som Bang & Olufsen Premium, em que quatro dos 22 altifalantes são instalados nos encostos de cabeça dianteiros.

No capítulo dos assistentes e da segurança, em que é expectável que receba as cinco estrelas Euro NCAP, o Audi Q6 e-tron recebe pela primeira vez o *adaptive driving assistant plus*, que ajuda o condutor a acelerar, a travar, a manter a velocidade e a distância definida em relação ao veículo da frente, bem como a orientação na faixa de rodagem. No trânsito, o sistema reduz a velocidade do veículo até à paragem e pode voltar a arrancar automaticamente em função do tempo de imobilização do veículo e, nos sinais de stop, a velocidade é reduzida para permitir que o condutor assuma o controlo da situação.

Novidade

Ford Capri regressa como SUV coupé e 100% elétrico

O nome Capri não será uma novidade para quem acompanha a Ford, mas do ícone da década de 1970 sobrou apenas o nome — e alguns trejeitos atléticos. De resto, é um veículo totalmente novo.

Com 4,63m de comprimento, 1,87m de largura e 1,63m de altura, o Ford Capri do século XXI é um SUV coupé, de cinco portas e cinco lugares, que se apresentará apenas com mecânica 100% eléctrica, em duas declinações, ambas de longo alcance: de tracção traseira (Extended Range RWD) e integral (Extended Range AWD). A primeira, a debitar 286cv, contará com um motor, montado atrás, e uma bateria de 77kWh, permitindo uma autonomia WLTP de 627km; a segunda, com dois motores, apresenta-se com potência de 340cv e com uma bateria maior para compensar o mais elevado consumo derivado da maior potência: 79kWh, a admitir um alcance de 592km.

As prestações (o RWD vai de 0 a 100km/h em 6,4s; o AWD consegue-o em 5,3s – e ambos atingem os 180 km/h) são condizentes com a forma como o automóvel se apresenta, com linhas atléticas e traços com um certo dramatismo. O interior, promete-se, é generoso em espaço para os cinco ocupantes, mas também para bagagens (a mala arruma 572 litros; 1510 com a segunda fila de bancos rebatida).

O equipamento de série não se coibirá de apresentar, além do essencial, mimos ao gosto dos europeus, como bancos dianteiros com massagens, além de se apresentarem ventilados e aquecidos, assim como o volante. O topo de gama incluirá equipamentos superiores, como um sistema áudio B&O de 10 altifalantes.

O Ford Capri, que tem como base a plataforma MEB do Grupo VW, deverá chegar entre finais deste ano e arranque de 2025. Para já, ainda não há preços.
C.B.R.

Guia

Cinema

Astrakan 79

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
A Hora do Lobo 19h30; **One From The Heart - Do Fundo do Coração** M12. 16h, 21h45; **Manga d'Terra** M14. 17h15; **A Ama de Cabo Verde** M12. 14h30, 18h; **Histórias de Bondade** M16. 19h, 21h15; **A Sede** 15h
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Garfield: O Filme M6. 11h10, 13h50, 16h20 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 21h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 14h20, 17h20 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h30, 16h10, 18h45, 21h10; **Histórias de Bondade** M16. 20h50; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 20h30; **Astrakan 79** M12. 13h40, 15h40, 17h40, 20h10; **Divertida-Mente 2** 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP) 10h40, 19h, 21h40 (VO) 11h20 ,14h30, 17h (VO/3D); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h50, 15h50, 18h50, 22h
Medeia Teatro Municipal Campo Alegre
R. das Estrelas. T. 226063000
Uma Lição de Amor 21h30

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
C.C. Glicinias, Lj 50. T. 16996
Garfield: O Filme M6. 11h (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 17h15, 21h, 00h25; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h10, 14h, 17h, 19h30 (VP) 21h50, 00h15 (VO) ; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 15h45, 18h15, 21h35, 00h20 ; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 13h; **Histórias de Bondade** M16. 13h20; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 22h; **Divertida-Mente 2** 10h50, 13h40, 16h40, 19h15 (VP/2D) 12h30, 15h30 (VP/3D) 18h45, 21h20, 24h (VO/2D); **Leva-me Para a Lua** M12. 14h15, 17h30, 20h45, 23h50

Coimbra

Auditório Salgado Zenha
Universidade de Coimbra. T. 239410408
One From The Heart - Do Fundo do Coração M12. 11h, 18h;
Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
O Rapaz e a Garça M12. 21h30; **A Última Sessão de Freud** 14h30; **A Ama de Cabo Verde** M12. 16h45; **Histórias de Bondade** M16. 18h30;
Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
A Maldição de Baghead 19h30, 21h50; **A Última Sessão de Freud** 13h40, 21h40; **Garfield: O Filme** M6. 14h30 (VP); **A Ama de Cabo Verde** M12. 20h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h50, 17h30 (VP) 19h20, 22h (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h50, 16h30; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 17h10; **Histórias de Bondade** M16. 17h50; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 13h, 17h, 21h; **Astrakan 79** M12. 14h10, 16h20, 18h30, 20h40; **Divertida-Mente 2** 12h50, 14h, 15h30, 16h40, 18h10 (VP/3D) 13h20, 16h (VP/3D) 18h40, 20h50, 21h20 (VO/2D); **Leva-me Para a Lua** M12. 14h20, 17h40, 21h10; **Sexygenários** M12. 19h10, 21h30
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Garfield: O Filme M6. 14h, 16h40 (VP); **Assassino Profissional** M12. 22h; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h20, 18h45, 22h15; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h30, 17h50 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 14h15, 16h55, 19h35, 22h30; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h15; **Divertida-Mente 2** 13h40, 16h20, 19h (VP) 19h20, 21h45 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 14h45, 18h15, 21h30
Teatro Académico de Gil Vicente
Av. Sá da Bandeira. T. 239855630
Nostalgia 18h30; **A Doce Costa Leste** M14. 21h30

Estreias

A Ama de Cabo Verde

De Marie Amachoukeli-Barsacq. Com Louise Mauroy-Panzani, Ilça Moreno Zego, Abnara Gomes Varela, Fredy Gomes Tavares. FRA. 2023. 83m. Drama. M12.

Cléo, de seis anos, vive com os pais em França. A tomar conta dela está Glória, uma mulher cabo-verdiana que deixou os filhos em busca de uma vida melhor. Um dia, Glória recebe uma notícia que a faz decidir regressar a casa. Mas a pequena Cléo, destroçada, não consegue adaptar-se à falta que a sua ama lhe faz.

A Maldição de Baghead

De Alberto Corredor. ALE/GB. 2023. 93m. Terror.

Após a morte do pai, Iris resolve vender o velho "pub" que recebeu de herança. Mas, antes disso, descobre uma velha cassete de vídeo onde o progenitor lhe explica que, na cave do lugar, existe uma entidade sobrenatural que tem a capacidade de se metamorfosear em corpos de pessoas já falecidas.

A Última Sessão de Freud

De Matt Brown. Com Anthony Hopkins, Matthew Goode, Liv Lisa Fries, Jodi Balfour. EUA/IRL/GB. 2023. 108m. Drama.

Ambientado em vésperas da Segunda Grande Guerra, este filme ficciona um encontro entre dois dos maiores intelectuais da primeira metade do século XX: Sigmund Freud e C.S. Lewis.

Astrakan 79

De Catarina Mourão. POR. 2023. 63m. Documentário. M12.

Em Setembro de 1979, quando tinha apenas 15 anos, Martim Santa Rita foi enviado pelos pais para a cidade russa de Astrakan para prosseguir os estudos. Mais de quatro décadas depois, decide partilhar, pela primeira vez, a experiência com o seu filho Mateus.

Divertida-Mente 2

De Kelsey Mann. Com Amy Poehler, Maya Hawke, Kensington Tallman, Liza Lapira. JAP/EUA. 2024. 96m. Animação.

A Alegria, o Medo, a Raiva, a Repulsa e a Tristeza são cinco emoções que vivem no quartel-general do cérebro de Riley, onde a Alegria - a capitã - tenta equilibrar os estados de espírito. Agora que a menina chegou à puberdade e adquire novas emoções, tudo se torna ainda mais complicado.

Leva-me Para a Lua

De Greg Berlanti. Com Scarlett Johansson, Channing Tatum, Woody Harrelson, Ray Romano, Jim Rash. EUA/GB. 2024. 132m. Comédia Romântica. M12.

EUA, finais da década de 1960. Os especialistas da NASA estão envolvidos num evento de peso: levar o homem à Lua. Percebendo que os cidadãos foram perdendo o interesse nos programas de exploração espacial, o director decide contratar uma especialista em marketing para criar uma imagem da agência mais apelativa.

Sexygenários

De Robin Sykes. Com Thierry Lhermitte, Patrick Timsit, Zineb Triki, Marie Bunel. FRA. 2023. 81m. Comédia. M12.

Realizada e escrita por Robin Sykes, esta comédia segue dois sexagenários que procuram uma solução para os seus problemas financeiros a trabalhar como modelos sénior no mundo da publicidade.

As estrelas

P	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
A Ama de Cabo Verde	★★☆☆☆	—	★★★☆☆
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
Astrakan 79	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆
A Besta	★★★★☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
The Bikeriders	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Cidade Portuária	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Divertida-Mente 2	★★★☆☆	—	—
Do Fundo do Coração — Reprise	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
A Doce Costa Leste	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Histórias de Bondade	★★☆☆☆	●	★☆☆☆☆
Horizon, Uma Saga Americana I	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
A Sede	—	★★★★☆	★★★★☆
Soma das Partes	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
A Última Sessão de Freud	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
A Maldição de Baghead 14h30, 17h, 19h30, 22h05, 00h25; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 22h20; **A Última Sessão de Freud** 12h50, 15h30, 18h25, 21h15, 00h20; **Assassino Profissional** M12. 21h15, 00h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h, 17h50, 20h50, 23h40; **Haikye!! A Batalha na Lixeira** M6. 13h, 15h15, 17h30, 20h20, 22h40; **O Exorcismo** M16. 19h10, 21h40, 00h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h50, 12h30, 15h, 17h40 (VP) 20h30, 23h (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h10, 15h40, 18h20, 21h30, 00h10; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 13h35, 16h20; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 18h40, 22h50; **Divertida-Mente 2** 11h, 12h40, 13h30, 15h20, 16h, 18h, 18h45 (VP/2D) 14h, 16h30 (VP/3D) 11h10, 19h20, 22h, 00h25 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h25, 16h40, 20h40, 23h50

Maia

Castello Lopes - Mira Maia Shopping
Mira Maia Shopping, Estrada Real nº 95 - Lugar das Guardeiras. T. 229419241
Bad Boys: Tudo ou Nada M14. 21h35; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 14h55, 17h10 (VP); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 19h25; **Histórias de Bondade** M16. 14h15, 17h30, 20h45; **Divertida-Mente 2** 14h15, 16h30, 18h45 (VP) 21h35 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20
Cinemas Nos MaiaShopping
C.C. Maiashoping, Lj 2.43. T. 16996
A Maldição de Baghead 21h40; **Garfield: O Filme** M6. 14h, 16h30 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h40, 18h30, 21h30; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h20, 18h50 (VP) 21h10 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h30, 15h50, 18h20, 21h; **Blue Lock o Filme -Episódio Nagi-** M12. 13h10; **Divertida-Mente 2** 13h20, 16h, 18h40 (VP) 19h, 21h20 (VO)

Matosinhos

Cinemas Nos MarShopping
Av. Dr. Óscar Lopes. T. 16996
A Maldição de Baghead 19h, 21h20, 23h40; **Garfield: O Filme** M6. 11h, 13h30, 16h10 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 12h20, 15h10, 18h10, 21h, 00h15; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h40, 12h, 14h25, 16h55, 19h25 (VP) 21h50, 00h20 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 12h40, 15h20, 18h, 20h40, 23h30; **Horizon - Capítulo 1** M14. 22h; **Divertida-Mente 2** 10h45, 13h20, 15h50, 18h30 (VP/2D) Sala 2- 10h20, 12h30, 14h50, 17h10 (VP/3D) 19h30, 21h40, 23h50 (VO/2D); **Leva-me Para a Lua** M12. 14h, 17h20, 20h50, 24h; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 21h30, 00h10 (IMAX); **Divertida-Mente 2** 13h, 16h20, 18h50 (IMAX 3D)
Cinemas Nos NorteShopping
C.C. Norteshopping, Lj 1117. T. 16996
A Maldição de Baghead 22h, 00h30; **Garfield** M6. 11h, 14h30,17h, 19h30 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h20, 16h, 19h20, 22h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h30, 14h, 16h40, 19h10 (VP) 21h40, 00h10 (VO); **Histórias de Bondade** M16. 20h30, 23h50; **Horizon - Capítulo 1** M14. 13h, 16h50; **Divertida-Mente 2** 10h40, 11h10, 13h10, 13h40, 15h40, 16h10, 18h20 (VP) 18h50, 20h50, 21h20, 23h10, 23h40 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h10, 15h, 18h, 21h, 24h; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** 14h, 16h30, 19h, 21h30, 00h05 (NOSXVISION); **Gru - O Maldisposto 4** 12h50, 15h10, 17h30, 19h40 (SCREENX); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** 21h50, 00h10 (SCREENX)

Vila Nova de Gaia

Cinemas Nos GaiaShopping
C.C. Gaiashoping, Lj 2.25. T. 16996
A Maldição de Baghead 18h, 21h10, 23h30; **Garfield** M6. 11h, 13h50, 16h10 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h20, 17h, 20h20, 23h10; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 10h40, 13h10, 15h50, 18h20 (VP) 21h, 23h20 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 14h, 16h20, 18h50, 21h30, 24h; **Blue Lock** M12. 13h40, 15h40; **Horizon - Capítulo 1** M14. 21h40; **Divertida-Mente 2** 10h50, 12h50, 13h30, 15h30, 16h, 18h10, 19h (VP) 18h40, 21h20, 21h50, 23h50, 00h20 (VO); **Leva-me Para a Lua** M12. 12h10, 14h50, 17h40, 20h40, 23h40; **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h, 15h20, 17h50, 20h30, 23h
UCI Arrábida 20
Arrábida Shopping. T. 223778800
One From The Heart M12. 16h35, 16h40, 21h45, 21h50; **A Maldição de Baghead** 14h30, 16h55, 19h20, 21h45; **O Clube dos Milagres** M12. 14h10, 16h25, 18h40, 21h30; **IF: Amigos Imaginários** M6. 14h35, 17h, 19h30 (VP); **A Última Sessão de Freud** 13h55, 16h30, 19h05, 21h35; **Garfield** M6. 13h25, 15h55, 18h25 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h05, 16h45, 19h25, 21h55; **O Exorcismo** M16. 22h; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h30, 16h, 19h10, 21h25; **The Bikeriders** M14. 22h; **Época de Caça** M12. 13h35, 18h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 14h, 16h05, 16h25, 18h35, 18h55, 21h (VP) 21h30 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 14h25, 16h50, 19h15, 21h40; **Blue Lock** M12. 13h45, 19h10; **Histórias de Bondade** M16. 14h20, 17h50, 21h15; **Horizon - Capítulo 1** M14. 14h15, 17h55, 21h25; **Divertida-Mente 2** 13h50, 14h10, 16h15, 16h35, 16h50, 18h50, 19h05, 21h40 (VP/2D) 14h25, 19h15 (VP/3D) 21h10 (VO/2D); **Leva-me Para a Lua** M12. 13h20, 16h10, 19h, 21h50; **Sexygenários** 13h45, 16h20, 18h45, 21h20

Vila Real

Cinemas Nos Nosso Shopping
Centro Comercial Dolce Vita Douro. T. 16996
A Maldição de Baghead 20h45; **Garfield** 12h50, 15h10 (VP); **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h20, 16h40, 19h20, 21h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h40, 16h20, 18h40 (VP) 17h50, 20h30 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 13h, 18h50, 21h30; **Histórias de Bondade** M16. 15h20; **Horizon - Capítulo 1** M14. 21h; **Divertida-Mente 2** 13h20, 15h40, 18h10 (VP/2D) 14h, 16h30(VP/3D) 19h, 21h20 (VO/2D) ; **Leva-me Para a Lua** M12. 13h10, 16h10, 19h10, 22h10

Lazer

CIRCO

Vaudeville Rendez-Vous
BARCELOS, BRAGA, GUIMARÃES e VILA NOVA DE FAMALICÃO Vários locais. De 16/7 a 20/7. Grátis
No ano em que celebra o décimo aniversário do seu espírito "inconformado, desformatado e inquieto", o festival de circo contemporâneo desenhado pelo Teatro da Didascália acrescenta outro momento especial: crente de que "esta não é apenas uma arte de rua", Bruno Martins, o director artístico, expande-a pela primeira vez a locais convencionais. Assim, quatro dos 15 espectáculos acontecem em sala. No total, estão previstas 32 apresentações em quatro cidades, proporcionadas por uma comitiva oriunda de nove países. Oficinas, *masterclasses* e debates completam o programa.

MÚSICA

Convimus
PORTO Vários locais. De 17/7 a 28/7. Grátis a 15€
Organizado pela AMASING – Associação Musical, Artística e Social Impulsionadora de Novas Gerações, o festival de música reúne, nesta quinta edição, mais de uma centena de artistas de 20 países. Entre concertos, *masterclasses*, exposições e o Concurso Internacional de Violino e de Música de Câmara, o cartaz presta honras à ligação de Portugal com o Oriente, sem esquecer efemérides como os 50 anos do 25 de Abril, os 500 anos de Camões ou os centenários da morte de Fauré e do nascimento de Joly Braga Santos. Mais informações em convimus.com.

VISITAS

Machado de Castro (1731-1822): Das Origens à Consagração
COIMBRA Museu Nacional de Machado de Castro. Dia 17/7, às 16h. Grátis, sujeito a inscrição em comunicacao.mnmc@museusemonumentos.pt
Primeiro momento de um ciclo de visitas orientadas à exposição que presta tributo ao renomado escultor português, patrono do museu conimbricense. Conduzidas por Sandra Costa Saldanha, voltam à agenda a 27 de Setembro e a 16 de Outubro (17h).

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Euromilhões
2 32 35 36 39 7 8
1.º Prémio 38.000.000€
Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.494

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1. Esteve em Paris para participar no transporte da Chama Olímpica. Jogo estratégico para tabuleiro, com origem na antiga China. **2.** Põe só. Gnomo. **3.** No exame do secundário, desceu de 12,5 para 11,1. **4.** Aplicar. Serra de (...), situa-se no distrito de Évora. **5.** Perscrutar. Que faz as coisas pela calada. **6.** Pião grande (Trás-os-Montes). Observei. **7.** (...) Colaço, presidente do Instituto Superior Técnico. Biblioteca Escolar. **8.** Meia taça. Dinastia chinesa (1368-1644). **9.** Planta umbelífera empregada como tempero culinário. Relativo ao Letes, rio fabuloso do esquecimento. **10.** Joshua (...), vem da Coach e assume a liderança da Burberry num momento de crise. Zircónio (s. q.). **11.** Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de ovo. Ave de rapina, que vive de noite, de canto melancólico e fúnebre.

VERTICAIS: 1. Émulo. Da Rússia. **2.** Eles. Influência (fig.). Antes de Cristo. **3.** Modorra. Ramo de árvore. **4.** Impulso. Indivíduo do povo. Exsudo. **5.** Imensidade (fig.). Cordões preciosos, para adorno. **6.** Conhecimento especulativo, puramente racional. Continente perdido. **7.** Que te pertence. De modo nenhum. Face inferior do pão. **8.** Que tem algas. Ementa. **9.** "Quem tudo faz, não enche (...)". Dígito binário. **10.** Relativo a Goa. Onde a taxa de entrada deverá subir em 2025 para reduzir volume de turistas. **11.** Entidade fantástica brasileira. Guia ou líder espiritual.

Solução do problema anterior
HORIZONTAIS: 1. Pandemia. Ol. **2.** Luar. Boi. Li. **3.** Anual. David. **4.** Na. Gamo. Ovo. **5.** Arcada. Sai. **6.** Olmo. Em. **7.** Pra. Teatro. **8.** Soalheiro. **9.** Asnil. NBA. **10.** Lada. Aspect. **11.** Ararat. Áleo.
VERTICAIS: 1. Planar. Sala. **2.** Aunar. Posar. **3.** Nau. Ciranda. **4.** Draga. Aliar. **5.** Lado. Hl. **6.** MB. Malte. AT. **7.** Iodo. Meios. **8.** Aia. Soar. Pá. **9.** Voa. Tonel. **10.** Olivier. BCE. **11.** Lido. Morato.

Bridge

João Fanha
fanhabridge.pt

Dador: Este
Vul: Ninguém

Oeste	Norte	Este	Sul
		passo	1ST
passo	2♣	passo	2♥
passo	4♥	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge.

Carteio: Saída: Q♠. Qual o seu plano de jogo?

Solução: Se começar a destrunfar desde muito cedo, o adversário em Este tem apenas um trunfo e baldará um pau. Pode até jogar uma terceira volta de trunfo e deixar Oeste com o trunfo que sobra, o que é a técnica que habitualmente se usa nestes casos. Mas, quando se dedicar ao naipe de ouros, ele ainda não está estabelecido e, salvo se houver uma divisão 3-3 nas mãos dos adversários, iremos ter problemas em aproveitar o naipe. Temos ainda quatro paus pequenos, que são todos perdentes, e o contrato de quatro copas irá cabidar.
Note que se parar de destrunfar após duas voltas, no momento em que percebeu que Este já não tinha para assistir, irá acabar na mesma situação de irremediável solução se Oeste jogar trunfo após cortar a Dama de ouros. Uma dica importante acerca dos contratos com os trunfos divididos 4-4 é a de garantir primeiro dois cortes num mesmo lado antes de pensar em destrunfar. Este jogo não é excepção: faça a primeira vaza e jogue de imediato um pau, para abrir o corte. Irá perder esta vaza, mas será fácil vir a cortar dois paus no morto com a ajuda da outra figura de espadas e do Ás de trunfo. Depois, sim, Rei e Dama de trunfo e ouros. Acabará por conseguir realizar duas vazas a espadas, duas a ouros, dois cortes a paus, AKQ de trunfo e no fim ainda fará ora a Dama de ouros, ora o 2 de trunfo, dependendo do que Oeste decidir fazer.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♥	2♦	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠K106 ♥J753 ♦K64 ♣QJ3

Resposta: Mesmo jogando 2ST para mostrar quatro cartas de apoio, o cuebid em 3♦ é a voz mais sensata com esta distribuição. Se os adversários decidirem competir, queremos dissuadir o parceiro de agir (excepto com um dobre!).

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.752 (Fácil)

Solução 12.750

5	8	3	9	1	2	6	7	4
1	2	7	6	4	3	8	5	9
6	9	4	5	8	7	2	3	1
7	1	8	4	3	5	9	2	6
4	5	6	7	2	9	1	8	3
9	3	2	8	6	1	7	4	5
8	6	9	3	7	4	5	1	2
3	7	1	2	5	6	4	9	8
2	4	5	1	9	8	3	6	7

Problema 12.753 (Difícil)

Solução 12.751

8	2	3	9	4	5	7	6	1
9	5	4	7	1	6	3	2	8
7	1	6	2	3	8	4	5	9
2	6	7	4	5	9	1	8	3
4	8	5	1	7	3	2	9	6
1	3	9	6	8	2	5	7	4
3	9	1	8	2	7	6	4	5
6	4	2	5	9	1	8	3	7
5	7	8	3	6	4	9	1	2

Guia

CINEMA

Alma Viva
RTP1, 22h36
Filha de emigrantes portugueses em França, a pequena Salomé costuma passar as férias de Verão na aldeia da família, em Trás-os-Montes. É muito próxima da avó, tida como bruxa pelos outros habitantes. Quando ela morre subitamente, a menina começa a sentir o espírito dela dentro de si e quase mata uma das vizinhas. Estreado na Semana da Crítica do Festival de Cinema de Cannes, em 2022, e premiado com seis prémios Sophia (entre outras distinções), *Alma Viva* é a primeira longa-metragem realizada pela lusodescendente Cristèle Alves Meira e, embora ficcional, contém diversos elementos biográficos. Conta com actuações de Ana Padrão, Lua Michel (filha da realizadora), Pedro Lacerda, Valdemar Santos e vários actores não profissionais.

SÉRIE

The Bear
Disney+, *streaming*
A tensão volta à cozinha: começa a terceira temporada da multipremiada série-fenómeno criada por Christopher Storer, protagonizada por Jeremy Allen White (o actor que veste a jaleca do *chef* prodígio regressado ao negócio familiar após a morte do irmão) e passada no meio do ambiente duro dos bastidores de um restaurante de Chicago. Nesta fornada de episódios, entram vários *chefs* famosos da vida real, entre eles Thomas Keller, Daniel Boulud e René Redzepi.

DOCUMENTÁRIOS

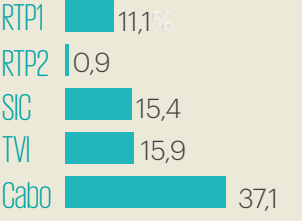
O Regresso de Simone Biles
Netflix, *streaming*
Estreia. Simone Biles, a ginasta mais medalhada dos EUA, prepara o seu regresso às Olimpíadas, depois da paragem que se seguiu à saída de cena dos Jogos Olímpicos de Tóquio. Fê-lo por questões de segurança física mas, sobretudo, em nome da sua saúde mental, num episódio que surpreendeu o mundo mas também o pôs a falar do stress extremo a que os atletas de topo estão sujeitos. Este documentário narra esse percurso de recuperação, com o apoio dos que lhe são próximos, a evolução pessoal e o reacender da vontade de regressar à mais importante das competições. Biles integra a comitiva norte-americana a caminho dos Jogos Olímpicos de Paris, que se realizam entre 26 de Julho e 11 de Agosto.

Televisão

Os mais vistos da TV
Segunda-feira, 15

	%	Aud.	Share
Cacau	TVI	9,3	18,9
A Promessa	SIC	9,0	17,8
Jornal da Noite	SIC	8,9	18,8
Dilema - Especial	TVI	8,0	16,2
O Preço Certo	RTP1	7,5	19,0

FONTE: CAEM

RTP1	11,1%
RTP2	0,9
SIC	15,4
TVI	15,9
Cabo	37,1

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.22** Escrava Mãe **15.21** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo **19.07** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Outras Histórias

21.35 Joker

22.36 Alma Viva

0.08 Janela Indiscreta

0.55 Anatomia de Grey **2.19** S.W.A.T.: Força de Intervenção **3.00** Escrava Mãe

RTP2

6.00 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **13.06** Viva Saúde **13.36** A Fé dos Homens **14.07** Folha de Sala **14.15** Ciclismo: Volta à França 2024 **16.29** O Mundo nos Açores **16.56** Espaço Zig Zag **20.38** Folha de Sala **20.43** Espaços Incríveis de George Clarke **21.30** Jornal 2

22.01 Hotel à Beira-Mar **22.49** Folha de Sala **22.53** O Planeta Vivo **23.21** The Last Town - Uma Cidade Contra Silicon Valley

0.16 O Oitavo Candidato **0.43** Folha de Sala **0.50** E2 - Escola Superior de Comunicação Social

1.17 Davos 1917 **2.05** Dias da Música em Belém 2016 - Orquestra XXI

3.01 Ruy Jervis d'Athouguia - Um Moderno por Descobrir **4.00** A Arte de Ir à Guerra Mundial **5.42** Laboratório Talento **5.59** A Fé dos Homens

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.35** Querida Filha **15.40** Linha Aberta **17.05** Júlia **18.40** Terra e Paixão **19.25** Casados à Primeira Vista

19.57 Jornal da Noite

22.15 A Promessa

23.00 Senhora do Mar

23.20 Papel Principal

0.40 Casados à Primeira Vista

1.10 Travessia

1.50 Passadeira Vermelha **3.45** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora **14.31** A Sentença **15.56** A Herdeira **16.34** Goucha **17.45** Dilema

19.57 Jornal Nacional

20.28 Futebol: Sporting x Royale Union Saint-Gilloise (Desafios Betano 2024)

22.25 Cacau

23.05 Dilema

23.30 Festa É Festa

0.00 Dilema **2.00** Deixa Que Te Leve **3.24** O Princípio da Incerteza

TVCINE TOP

18.20 Shrapnel **19.50** Shotgun Wedding - Casamento Explosivo **21.30** A Luz do Diabo **23.00** O Sacramento do Diabo **0.35** Apaixonar-se no Natal

STAR MOVIES

17.53 Em Queda Livre **19.33** O Homem do Tai Chi **21.15** Os Reis da Rua **23.08** Assassino Profissional **0.43** Ad Astra

HOLLYWOOD

17.35 Conspiração Terrorista **19.15** Velocidade Furiosa 8 **21.30** Os Eleitos **0.45** Tigerland - O Teste Final

AXN

17.06 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.53** The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** Viola Come il Mare **23.06** Dois Tiros **1.00** Viola Come il Mare

STAR CHANNEL

17.06 Investigação Criminal: Los Angeles **18.46** Magnum P.I. **20.24** Hawai Força Especial **22.15** FBI: International **23.02** Chicago P.D. **0.48** Magnum P.I.

DISNEY CHANNEL

17.15 A Maldição de Molly McGee **18.05** Vamos Lá, Hailey! **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande **20.50** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

17.12 Mestres do Restauro **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Caçadores de Fantasmas **22.54** Mistérios no Museu **0.39** Caçadores de Fantasmas

HISTÓRIA

17.11 Grandes Descobertas **20.10** O Inexplicável **22.16** Mistérios da História Militar **23.41** O Inexplicável **1.44** Mistérios da História Militar

ODISSEIA

17.01 Cabras e Ovelhas: Uma História Fascinante **17.54** Resgate de Animais Bebés **19.10** Caçadores de Lagostas **20.43** Espanha Desde o Ar: A Sua História **22.11** Portugal à Vista **23.18** Europa e Estados Unidos Desde o Ar **0.14** Viagens de Comboio pelas Costas Britânicas **1.15** Espanha Desde o Ar: A Sua História

Espaços Incríveis de George Clarke
RTP2, 20h43
Um velho barco recuperado por um carpinteiro, uma caravana transformada num bar e um salto à cidade israelita de Jaffa para conhecer um apartamento impressionante. São estes os projectos que abrem a 11.ª temporada do programa em que o arquitecto George Clarke procura e partilha soluções de habitabilidade engenhosas, criativas e, por vezes, excêntricas. Para ver de segunda a sexta.

Mistérios da História Militar
História, 22h16
Estreia. Exércitos-fantasma, golfinhos assassinos, soldados capturados, despenhamentos misteriosos, propaganda e conspirações fazem parte desta produção saída das mentes criadoras de *A Prova Existe Algures*. Rudy Reyes e Ronnie Adkins, veteranos de forças militares dos EUA, investigam e desmantelam enigmas de guerras modernas (Coreia, Vietname, Golfo e outras), com a ajuda de peritos. A série sai semanalmente, em dose dupla.

The Last Town — Uma Cidade contra Silicon Valley
RTP2, 23h21
Fabien Benoit filmou, em 2022, este retrato de um lado menos conhecido de Silicon Valley. É uma espécie de história de "David contra Golias", centrada numa comunidade local – East Palo Alto – empenhada em resistir aos planos e à influência das grandes empresas tecnológicas.

INFANTIL

Kids' Choice Awards
Nickelodeon, 15h30
A gala que premeia os favoritos da miudagem em filmes, séries, música, desporto e outras categorias – e que lhes dá belos banhos de *slime* verde – é apresentada, pela primeira vez, por personagens animadas: SpongeBob SquarePants e Patrick Star conduzem a emissão a partir de Bikini Bottom, no ano em que celebram o seu 25.º aniversário.

Miraculous World: Paris, as Aventuras de Shadybug e Garra Noir
Disney+, *streaming*
Mais uma grande aventura da joaninha heroína de Paris que combate o Falcão Traça com a ajuda do Gato Noir. Tudo fica mais confuso quando aparecem versões invertidas deles, vindas de um universo paralelo onde os heróis são vilões e vice-versa.

Guia

Meteorologia

PORTUGAL

Viana do Castelo 15º 23º
Bragança 14º 32º
Braga 14º 28º
Vila Real 13º 30º
Porto 14º 24º
17º 1,0m
Aveiro 14º 24º
Viseu 12º 30º
Guarda 13º 33º
Coimbra 13º 26º
Castelo Branco 15º 35º
Leiria 15º 23º
Santarém 13º 33º
Portalegre 14º 33º
Lisboa 16º 28º
Setúbal 15º 30º
Évora 16º 35º
Sines 16º 23º
Beja 16º 35º
17º 1,2m
Sagres 18º 21º
Faro 20º 28º
18º 0,5m

Açores

Corvo
Flores 21º 25º
25º 1,8m
Graciosa
São Jorge
Terceira 19º 25º
23º 1,2m
Faial
Pico
São Miguel 20º 25º
22º 1,2m
Ponta Delgada
Sta Maria

Madeira

Porto Santo 20º 26º
Madeira 20º 26º
24º 0,5m
24º 1,0m
Funchal

MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 06h24	1,3	Baixa-mar 06h02	1,5	Baixa-mar 05h52	1,3
Preia-mar 12h42	2,7	Preia-mar 12h22	2,8	Preia-mar 12h23	2,7
Baixa-mar 18h57	1,3	Baixa-mar 18h39	1,4	Baixa-mar 18h29	1,3
Preia-mar 01h08*	2,7	Preia-mar 00h47*	2,7	Preia-mar 00h48*	2,7

PRÓXIMOS DIAS PORTO

	Quinta-feira, 18	Sexta-feira, 19	Sábado, 20
Mín./Máx.	14º / 25º	16º / 25º	16º / 24º
Índice UV	Muito alto	Muito alto	Médio
Vento	Fraco	Fraco	Fraco
Humidade	73%	76%	80%

MEDIDOR DE CO_2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 7 Jul.	426,25
Há um ano	422,37
Há dez anos	399,92
Semana de 30 Jun.	425,61
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto, Coimbra, Lisboa, Évora, Faro

SOL

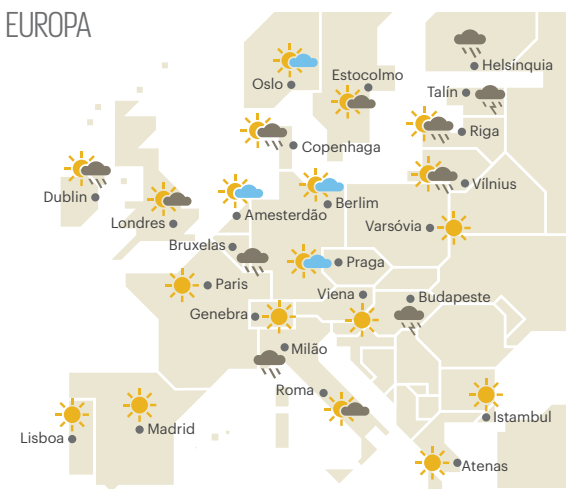
Nascente 06h26
Poente 20h59

LUA

21 Jul.	11h17
28 Jul.	03h51
4 Ago.	12h13
12 Ago.	16h19

Nascente 17h48
Poente 02h59*
*de amanhã

EUROPA

Helsínquia, Oslo, Estocolmo, Talin, Riga, Copenhaga, Vilnius, Dublin, Berlim, Amesterdão, Londres, Varsóvia, Bruxelas, Praga, Paris, Budapeste, Viena, Genebra, Milão, Roma, Istambul, Lisboa, Madrid, Atenas

TEMPERATURAS ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	12	22	Roma	20	39
Atenas	28	38	Viena	20	30
Berlim	15	25	Bissau	25	28
Bruxelas	14	24	Buenos Aires	10	16
Bucareste	25	42	Cairo	26	38
Budapeste	22	35	Caracas	20	29
Copenhaga	13	22	Cid. do Cabo	12	15
Dublin	14	21	Cid. do México	13	24
Estocolmo	15	24	Díli	20	32
Frankfurt	15	27	Hong Kong	27	33
Genebra	14	27	Jerusalém	21	33
Istambul	26	35	Los Angeles	17	28
Kiev	25	37	Luanda	20	25
Londres	15	24	Nova Deli	28	37
Madrid	20	36	Nova Iorque	23	33
Milão	23	33	Pequim	22	34
Moscovo	20	31	Praia	24	30
Oslo	15	19	Rio de Janeiro	18	24
Paris	16	27	Riga	14	26
Praga	16	28	Singapura	27	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

COLECÇÃO **NOVELA GRÁFICA VIII**
EDIÇÃO QUINZENAL

LIVRO 2 - O JOGO DA MORTE
De Pepe Gálvez e Guillem Escriche

No dia 9 de Agosto de 1942, em Kiev, disputou-se *O Jogo da Morte*, onde jogadores desnutridos do Dínamo e Lokomotiv Kiev desafiaram os ocupantes nazis. Com um texto de Pepe Gálvez e desenhos realistas de Guillem Escriche, esta novela gráfica revela detalhes inéditos da luta pela dignidade face à repressão nazi. A equipa ucraniana enfrentou ameaças, mas as suas vitórias morais abalaram a propaganda nazi, tornando este jogo um símbolo de resistência.

*Colecção de 11 livros em capa dura. PVP unitário: vols. 3, 5, 8, 9, e 11: 13,90 €; vols. 1, 2, 7 e 10: 14,90 €; vols. 4 e 6: 15,90 €. Preço total da colecção: 160,90 €. Periodicidade quinzenal às sextas, entre 5 de Julho e 22 de Novembro de 2024. Stock limitado.

COMPRE AQUI
loja.publico.pt

Desporto Com o fim do Euro 2024 já há mudanças em curso

Gareth Southgate deixa caminho livre para novo ciclo em Inglaterra

Treinador do vice-campeão da Europa abandonou o cargo de seleccionador, pondo fim a um “mandato” de oito anos, que incluiu 102 jogos e prestações positivas em quatro grandes torneios internacionais

Nuno Sousa

Oito anos depois, Gareth Southgate está de saída do comando técnico da selecção de Inglaterra. O seleccionador que conduziu os britânicos a duas finais consecutivas do Campeonato da Europa (e perdeu ambas) abandonou ontem o cargo, justificando a decisão com a necessidade de uma mudança de ciclo.

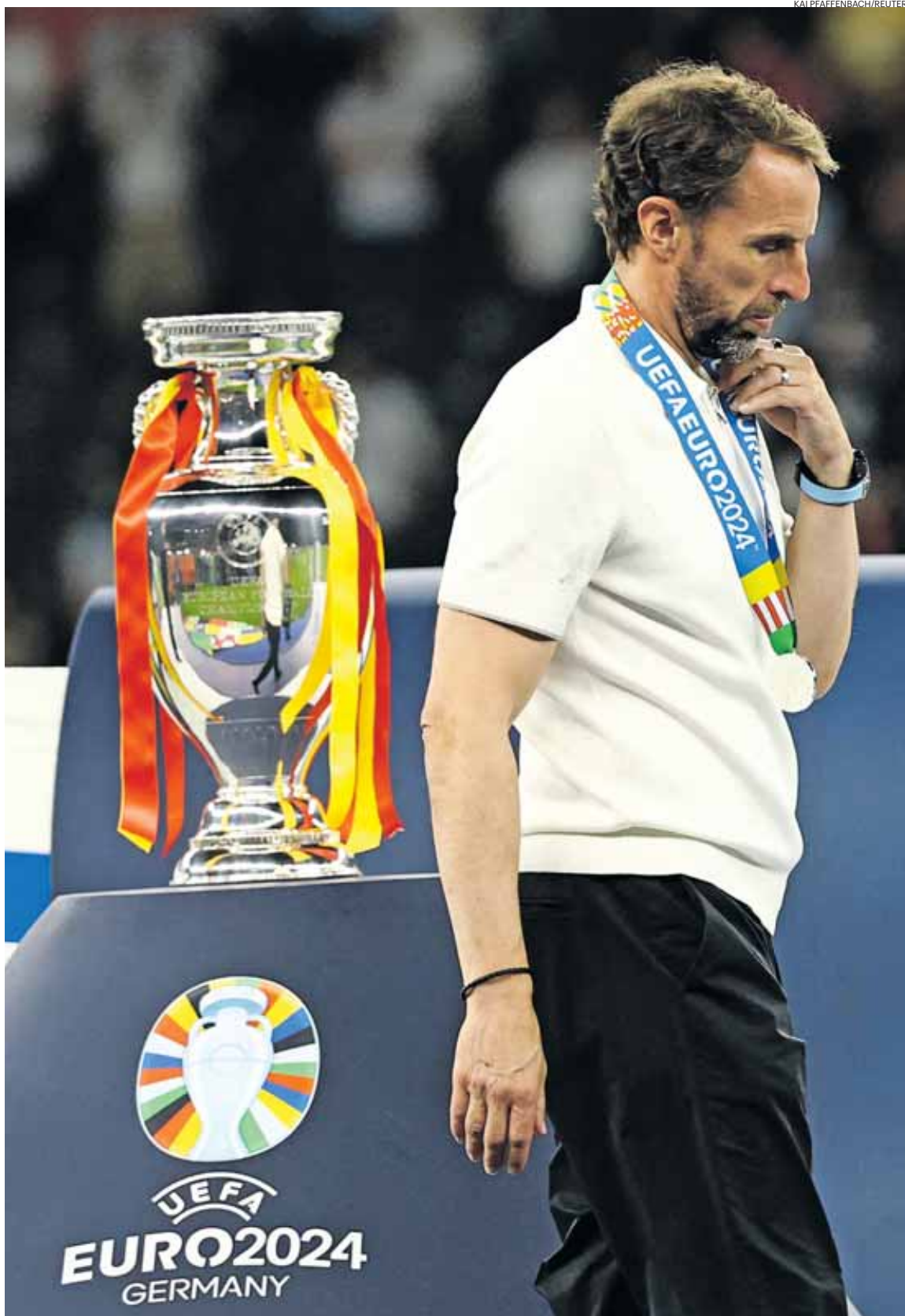
“Como cidadão inglês orgulhoso, foi a honra de uma vida ter jogado e treinado a selecção de Inglaterra. Significou tudo para mim e dei tudo o que tinha. Mas é tempo de mudar e de um novo capítulo. O jogo de domingo com a Espanha foi o meu último como seleccionador de Inglaterra”, afirmou, citado pela imprensa inglesa.

No passado domingo, em Berlim, Inglaterra chegou pela segunda vez consecutiva à final de um Europeu, tendo perdido com a Espanha nos instantes finais (2-1). Um desfecho que concluiu uma prestação repleta de exibições cinzentas e de vitórias improváveis.

Aos 53 anos, Gareth Southgate afasta-se do comando da selecção com 102 jogos no currículo, antecipando de certa forma uma decisão que poderia estar na calha mais para o final do ano, altura em que expirava o contrato que firmou com a Federação Inglesa de Futebol (FA).

No total, o seleccionador comandou a equipa britânica em quatro grandes torneios, já que também marcou presença nos Mundiais de 2018 e 2022, tendo atingido as meias-finais e os quartos-de-final, respectivamente. De certa forma, voltou a colocar Inglaterra no mapa das selecções mais competitivas. E este registo nos grandes torneios justifica as comparações que têm sido feitas com Alf Ramsey, seleccionador que levou Inglaterra à conquista do Mundial 1966.

O potencial e o talento da actual geração, porém, alimentaram nos adeptos a esperança de um futebol diferente, mais atractivo, mais autoritário. E a desilusão ao longo do Euro 2024 foi subindo de tom até ao ponto em que, independentemente do apuramento na fase de grupos e da caminhada até à final, alguns espectadores chegaram a atirar-lhe copos de plástico (aconteceu no jogo com a Eslovénia, 0-0).

KAI PFAFFENBACH/REUTERS

Gareth Southgate levou Inglaterra a duas finais consecutivas no Campeonato da Europa

Antes de Southgate, Inglaterra tinha ficado pelos oitavos-de-final do Mundial 2010, pelos quartos-de-final no Euro 2012, pela fase de grupos do Mundial 2014 e pelos oitavos-de-final do Euro 2016. Um registo que a actual equipa técnica, apesar das críticas e sobressaltos, conseguiu melhorar de forma substancial.

“A selecção que levámos à Alemanha está repleta de talento jovem e entusiasmante e eles podem ganhar o troféu com que todos sonhamos. Temos os melhores adeptos do mundo e o seu apoio significou tudo para mim. Estou ansioso por ver e celebrar quando os jogadores criarem mais memórias especiais e inspirarem a nação, como sabemos que são capazes”, acrescentou Southgate.

Eddie Howe na calha?

Com a Liga das Nações a arrancar já em Setembro, é curta a janela da FA para encontrar uma nova equipa técnica. Tem sido lançado para a discussão o nome de Eddie Howe (que se destacou no Bournemouth e é actualmente o treinador do Newcastle) como possível solução, mas a possibilidade de avançar para um técnico estrangeiro também não estará posta de parte.

“O processo de escolha do sucessor de Southgate está em curso e pretendemos ter um novo seleccionador confirmado tão depressa quanto possível. A campanha da Liga das Nações começa em breve e teremos uma solução interina se necessário”, explicou Mark Bullingham, director executivo da FA.

No comunicado que emitiu, Bullingham reservou também palavras elogiosas para Gareth Southgate e para o legado que deixa. “Olhamos para o ‘mandato’ de Gareth com enorme orgulho. O seu contributo para o futebol inglês, incluindo um papel significativo no desenvolvimento do talento jovem e uma transformação cultural, foi único.”

Muitas outras vozes, do futebol e não só, se juntaram ao coro de agradecimentos, a começar pela do príncipe William: “Obrigado por ter criado uma equipa que se bate, ombro a ombro, com as melhores selecções do mundo.”

Portugal encerra sem derrotas apuramento para Europeu feminino

Selecção nacional venceu Malta por 3-1, com um golo da estreante Stephanie Ribeiro. Agora, aguarda pelo adversário no play-off

Portugal, já com o acesso ao *play-off* e a vitória no Grupo B3 de qualificação para o Europeu feminino de futebol assegurados, venceu ontem a selecção de Malta (3-1), em Leiria, encerrando esta fase sem derrotas.

Depois de um empate sem golos diante da Bósnia, ficou no ar a "obrigação" de fazer mais e melhor e, logo aos 7', Ana Capeta inaugurou o marcador. Jogada pelo corredor direito, cruzamento de Catarina Amado e finalização da avançada ao primeiro poste, já na pequena área.

A selecção nacional era bastante superior à adversária, mas a verdade é que Malta empatou a partida na sequência de um canto e de uma segunda bola – um remate de Maria Farrugia embateu nas costas de uma das defesas nacionais e traiu a guarda-redes (16').

Doze minutos depois, porém, Portugal retomou a frente do marcador. No jogo de estreia pela selecção, Stephanie Ribeiro (que fez boa parte da carreira nos EUA e actualmente joga no Pumas, do México) recebeu um passe de Ana Capeta na área, beneficiou de um ressalto e finalizou com classe.

No segundo tempo, a superioridade de Portugal acentuou-se e houve uma mão-cheia de oportunidades para ampliar a vantagem. A selecção nacional encontrava com relativa facilidade a jogadora livre na área, mas falhava sempre no capítulo da definição. Até que, aos 86', uma defesa incompleta da guarda-redes de Malta deixou a bola à mercê de Jéssica Silva, que só teve de empurrar para a baliza deserta.

Com este triunfo, o quinto em seis jogos, Portugal, que só cedeu pontos na recente deslocação à Bósnia-Herzegovina, termina o Grupo B3 destacado no primeiro lugar, com 16 pontos, mais seis do que a Irlanda do Norte, que bateu as bósnias (2-0), terceiras, com sete, enquanto Malta terminou no último lugar.

A selecção portuguesa, que subiu à Liga A da Liga das Nações 2025/26, vai conhecer as adversárias no *play-off* de apuramento para o Europeu de 2025, a disputar na Suíça, no sorteio em Nyon, na sexta-feira, a partir das 13h locais (12h em Lisboa).

Mbappé apresentado no Real Madrid: "O meu sonho realizou-se"

Cerca de 75 mil adeptos juntaram-se no Bernabéu para receber o avançado. Recepção só comparável à de Cristiano Ronaldo

JUAN MEDINA/REUTERS

Mbappé chegou ao Real Madrid depois de sete épocas em Paris

"Adormeci muitos anos a sonhar que um dia jogaria no Real Madrid e hoje [ontem] o meu sonho realizou-se. Sou um rapaz feliz, muito feliz." Num palco gigante montado sobre o relvado do novo Estádio Santiago Bernabéu, Kylian Mbappé dirigiu-se à multidão num castelhano bastante aceitável. Agradeceu a oportunidade, mostrou-se arrepiado com a recepção e prometeu dar a vida pelo clube.

Mais de uma hora antes da apresentação, quando as portas do recinto se abriram, a afluência fazia lembrar um dia de jogo. Milhares de adeptos rumaram às bancadas para ver de perto, pela primeira vez, o grande reforço de 2024/25 e, mais do que isso, um jogador com um estatuto (e honras de "Estado") só comparável ao de Cristiano Ronaldo.

Os troféus referentes às 15 Ligas dos Campeões ganhas pelo Real Madrid estavam perfilados no palco, à frente de um ecrã gigante que era uma espécie de fio condutor para toda a panóplia de ecrãs LED que envolvem as bancadas. E à frente do palanque havia lugares marcados para lendas do clube, como Raúl González, e para a família do avançado francês.

No fundo, foi uma espera de 12 anos para Mbappé, desde aquele dia em que, por indicação de Zidane, os pais da então criança de 13 anos foram contactados por responsáveis do Real Madrid. Era muito cedo para uma mudança tão drástica, mas o interesse do gigante espanhol resistiu. Na carreira do avançado, seguiu-se o Mónaco, depois o PSG.

"É um dia incrível. Significa muito para mim. Graças aos madridistas, porque há muitos anos que me dão o seu amor. Agora tenho outro sonho, que é estar à altura da história deste clube. Vou dar a vida por este clube e este símbolo", acrescentou Kylian Mbappé, que assumiu ter ficado perto de se emocionar.

Havia nada menos do que 75.000 adeptos nas bancadas. Que aplaudiram, tal como aplaudiu Florentino Pérez, presidente do clube, que elogiou o interesse irredutível das duas partes e reforçou a dimensão do jogador, que deixou o PSG em final de contrato. "Vens de terminar a tua época mais goleadora e ganhaste o triplete em França. Agradeço o teu amor incondicional pelo Real Madrid. Dezenas de crianças vieram de França graças à tua fundação solidária. Tudo isto nos orgulha enormemente. Kylian, bem-vindo à tua casa."

FC Porto inicia estágio na Áustria com nova vitória por quatro golos

Continua a correr em velocidade de cruzeiro a preparação do FC Porto para a época 2024/25. No arranque do estágio que está a realizar, desde o início da semana, na Áustria, os "dragões" venceram ontem o Al-Arabi, do Qatar (4-0), alargando para quatro o número de triunfos nesta pré-temporada.

Cláudio Ramos, Martim Cunha, Fábio Cardoso, Gabriel Brás, João Mário, Grujic, Nico González, Baró, Rodrigo Mora, Namaso e Toni Martínez compuseram o "onze" inicial, que deixou marca logo aos 4', num passe vertical de Grujic que Namaso, isolado, transformou no 1-0.

O quinto classificado da Liga do Qatar da época passada não tinha argumentos para importunar o FC Porto com bola e, em rigor, completaria o jogo sem ter criado uma verdadeira ocasião de golo.

Toni Martínez foi titular e marcou o segundo golo do FC Porto diante do Al-Arabi, num triunfo totalmente justo

Do lado oposto, Rodrigo Mora voltou a deixar bons apontamentos e o FC Porto chegou ao intervalo com futebol suficiente para um triunfo mais dilatado. Algo que conseguiu materializar no segundo tempo, que arrancou com um golo de Toni Martínez, lançado na área pela direita e a finalizar de primeira, cruzado.

Equilibrado sem bola e competente no jogo interior, o FC Porto foi construindo ocasiões em cima de ocasiões e chegou ao 3-0 aos 60', com João Mário a atrasar para o remate de Nico González na passada. Pouco depois, começava a dança das substituições.

Com nove alterações aos 62', o técnico Vítor Bruno ainda foi a tempo de "permitir" que Iván Jaime (a assistir) e Fran Navarro (a finalizar) brilhassem no lance do 4-0, que confirma a média de golos marcados do FC Porto nesta pré-época. Quatro jogos, quatro triunfos, todos eles com quatro golos apontados.

Jasper Philipsen vence pela terceira vez no Tour 2024

Tadej Pogacar (UAE Emirates) manteve a camisola amarela e as diferenças para os perseguidores directos

Jasper Philipsen (Alpecin-Deceuninck) somou ontem a terceira vitória na 111.ª edição da Volta a França em bicicleta, ao ganhar ao *sprint* a 16.ª etapa da prova, marcada pela queda do camisola verde, Biniam Girmay (Intermarché-Wanty), na aproximação à meta.

O belga de 26 anos festejou a nona vitória da carreira no Tour, no final dos 188,6 quilómetros entre Gruissan e Nîmes, e relançou-se na luta pela camisola verde, depois de o eritreu Girmay ter caído à entrada do derradeiro quilómetro. O alemão Phil Bauhaus (Bahrain Victorious) e o norueguês Alexander Kristoff (Uno-X) foram, respectivamente, segundo e terceiro na meta, com as mesmas 4h11m27s do vencedor.

"Estou verdadeiramente feliz depois de tamanho esforço colectivo. É sempre bom quando podemos vencer juntos. Penso que foi aquilo que fizemos", elogiou o belga, irrepreensivelmente lançado por Mathieu van der Poel, o campeão do mundo que neste Tour está reduzido a esse papel.

Na classificação geral, não houve grandes mexidas. Tadej Pogacar (UAE Emirates) comanda o pelotão com 3m09s de vantagem sobre o dinamarquês Jonas Vingegaard (Visma-Lease a Bike) e 5m19s em relação ao belga Remco Evenepoel (Soudal Quick-Step). No degrau imediatamente a seguir aos do pódio surge o português João Almeida (UAE Emirates), em quarto, a 10m54s do líder e companheiro de equipa.

"O objectivo é vencer o Tour com Pogacar e defender estes dias até Nice. Se as coisas correrem bem e eu conseguir subir de posição, óptimo, mas estou um pouco longe. As minhas sensações não são as melhores para lutar por um pódio", explicou Almeida em entrevista ao jornal espanhol *Marca*, antes da etapa.

Nelson Oliveira (Movistar) é 47.º, e Rui Costa (EF Education-EasyPost) está dois lugares mais abaixo, na véspera da ligação de 177,8 quilómetros entre Saint-Paul-Trois-Châteaux e Superdévoluy, que inclui uma contagem de primeira categoria, outra de segunda e uma de terceira, esta a coincidir com a meta. **PÚBLICO/Lusa**

BARTOON LUÍS AFONSO

Cuidado com as trevas

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Em 2016, quando na convenção republicana, antes da subida ao palco de Ivanka Trump, se fez ouvir o *Here comes the sun* dos The Beatles, a conta do Twitter de George Harrison foi lesta a condenar o uso não autorizado da canção, "uma ofensa". Não faltam casos de músicos que se distanciaram da utilização das suas músicas por Trump, mas neste caso o distanciamento foi acompanhado pela sugestão irónica de uma alternativa – "Se tivesse sido *Beware of darkness*, talvez tivéssemos aprovado."

Recordei-me do episódio assim que li as notícias do atentado contra Trump. Não há nada de positivo no que se passou, mas há muito de sintomático dos tempos. Enquanto se passou num ápice para uma discussão sobre quem beneficia eleitoralmente, esqueceu-se o essencial: vamos vivendo um clima de colapso moral democrático, com muitos responsáveis. Um tempo de trevas.

O que há naquele instante: um candidato presidencial de punho erguido, numa resposta veemente a uma ameaça, resumida numa frase: "Lutem, lutem, lutem." Uma imagem de vigor que contrasta com o definhamento de Biden. No direto que o *New York Times* começou a fazer, o retrato do que se passou na Pensilvânia ficou logo traçado na reação imediata de uma testemunha próxima, um político local, que relatava: "Eu vi Trump a erguer o punho como que dizendo, estou bem! Foi épico."

Fiquei com o eco dessa reação – "Foi épico." A epicidade do momento é o apogeu de uma cultura política que exalta a violência e abandonou uma ideia de virtude cívica. Foram longos os caminhos que nos trouxeram até aqui e com muitos agentes. Trump é um *bully* político, movido a amoralidade, mas só é viável politicamente por força do contexto em que vivemos. É fácil disparar contra o que, por facilidade, passámos a categorizar como "populismo", sendo talvez mais útil refletir sobre os motivos do seu crescimento social.

É manifesta a forma como a globalização gerou uma clivagem entre perdedores e vencedores materiais, mas não menos relevante é o sentimento de perda de referências simbólicas que acompanhou o processo. Um pouco por todo o mundo ocidental, há um número crescente de "estranhos na sua própria terra" (para recuperar o título do livro de Arlie Russell Hochschild), cidadãos para quem a realidade à sua volta se está a transformar radicalmente, deixando de fazer sentido. Esta perda de referências é acompanhada de uma diluição dos espaços de pertença comunitários, indissociável de uma fragmentação ética, de pendor liberal.

JABIN BOTSFORD/THE WASHINGTON POST VIA GETTY IMAGES

Vamos vivendo um clima de colapso moral democrático, com muitos responsáveis. Um tempo de trevas

Hoje, a disputa passou a ser quase exclusivamente entre dois campos que "lutam, lutam, lutam": o daqueles para quem o futuro implica amarrarmo-nos a uma cultura social conservadora e repressiva, um passado mitificado e homogéneo, que aliás nunca existiu, e o daqueles para quem a moral coletiva é apenas a soma de escolhas individuais, tomadas de forma consciente e livre. Para uns, nada deve ser tolerado; para outros, tudo deve ser permitido.

A ausência de um conceito de bem comum e a ideia de que a ética republicana se reduz, apenas, à lei estimulam, de forma desigual, uma cultura que glorifica a violência, promove a fragmentação e desmantela um chão comum. É esse o caldo político que torna eleitoralmente competitivo Trump, um mentiroso compulsivo e amoral. George Harrison cantava sobre o "cuidado com as trevas", alertando para os "líderes gananciosos", os "depravados decadentes" e os "manipuladores com pezinhos de lã". Talvez estejamos, de novo, mais próximos das trevas. Ainda assim, a canção fazia parte de um álbum extraordinário, optimisticamente chamado *All Things Must Pass*.

Colunista

PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Todos os conteúdos do jornal estão protegidos por Direitos de Autor ao abrigo da legislação portuguesa, da União Europeia e dos Tratados Internacionais, não podendo ser utilizados fora das condições de uso livre permitidas por lei sem o consentimento expresso e escrito da PÚBLICO, Comunicação Social, S.A.

Assine o PÚBLICO e receba 3 meses grátis de acesso à FILMIN

Assista ao cinema que muda tudo

ASSINE JÁ

CONTACTE-NOS: **assinaturas.online@publico.pt • 808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)

publico.pt/assinaturas